

Cesar Lopes Gemelli

Neoptólemo no *Filoctetes* de Sófocles

Porto Alegre

2012

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Área: Estudos de Literatura
Especialidade: Literatura Comparada

Neoptólemo no *Filoctetes* de Sófocles

Mestrando: Cesar Lopes Gemelli

Orientadora: Professora Doutora Márcia Ivana de Lima e Silva

Dissertação de mestrado em Literatura Comparada apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2012

Cesar Lopes Gemelli

Neoptólemo no *Filoctetes* de Sófocles

Dissertação de mestrado em Literatura Comparada
apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Área: Estudos de Literatura

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Professor Doutor Fernando Crespim Zorrer da Silva

Professor Doutor José Carlos Baracat Júnior

Professora Doutora Maria Aparecida de Oliveira Silva

Orientadora: Professora Doutora Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre

2012

Dedico este trabalho a Paulo Leite Gemelli, meu pai,
pelo incondicional apoio e incentivo.

Agradecimentos

À Professora Doutora Márcia Ivana de Lima e Silva pela competência, honestidade, experiência, simpatia e incentivo com que me acolheu.

Ao Professor Doutor Antônio Marcos Vieira Sanseverino, primeiro orientador nos anos de graduação que pacientemente ensinou-me o caminho da pesquisa acadêmica e será sempre meu principal modelo de profissionalismo.

Ao Professor Doutor Eduardo Fischli Laschuk pela amizade, cordialidade, pelos debates e pelo exemplo de versatilidade, dedicação e empenho.

Ao Professor Doutor Fernando Crespim Zorrer da Silva pela afabilidade, pelo exemplo de tenacidade e pela perspicácia com que revelou os meandros institucionais do meio acadêmico.

Ao Professor Doutor Homero Vizeu Araújo pela franca e honesta abertura ao diálogo de ideias nem sempre convencionais, mas sempre producentes.

Ao Professor Doutor José Carlos Baracat Júnior pela paciente orientação, pelo apoio, incentivo, aprendizado e principalmente pela amizade.

À Professora Maria da Glória Nogueira, quem primeiro me iniciou na senda dos estudos clássicos e deixou profunda impressão pela dedicação ao ensino.

Aos colegas Alexandre Nell Schmidtke, Tiago Martins, Carlos Augusto Leite, César Augusto Corrêa Alba, Diego Corrêa de Mattos e Werner Bergamin Hertzog pela oportunidade de compartilhar ideias e anseios.

À Leila Vieira pelo constante apoio, incentivo, dedicação e paciência.

ἔτ' οὐδέν εἰμι.

Agora nada sou.

(Sófocles, *Filoctetes*. 1217)

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de estudar o personagem Neoptólemo na tragédia *Filoctetes* (c. 409 a.C.) de Sófocles (c. 496-406 a.C.). Neoptólemo inicialmente é trazido para Lemnos por Odisseu com a missão de auxiliá-lo a reconduzir Filoctetes e o arco de Hércules para Troia. Ao descobrir qual o procedimento proposto por Odisseu, Neoptólemo hesita, propondo que utilizem persuasão aberta para convencer Filoctetes em vez de enganá-lo. Neoptólemo oferece alguma resistência, mas acaba aceitando o sofisma de Odisseu. Ao tomar contato com Filoctetes, Neoptólemo aos poucos aprende sobre o modelo ético de que abriu mão aceitando a proposta de Odisseu. Cria-se um dilema em que o jovem Neoptólemo precisa decidir como irá agir. O próprio ato de decidir é motivo de hesitação para o jovem. Ao optar por uma ou outra atitude, Neoptólemo deverá necessariamente enfrentar todas as consequências de sua escolha, incluindo a impossibilidade voltar atrás, isto é, retroceder ao momento anterior a sua decisão, uma situação infantilizada em que as possibilidades ainda não teriam sido reduzidas por causa de cada escolha feita. Nos momentos finais, antes da chegada de Hércules, Neoptólemo finalmente decide por um caminho aparentemente próprio, intermediário aos que lhe foram apresentados inicialmente e aceita as consequências de sua escolha.

Palavras-chave: Neoptólemo, Filoctetes, Odisseu, Sófocles.

Abstract

This work aims to study the character Neoptolemus in the tragedy *Philoctetes* (c. 409 BC) by Sophocles (c. 496-406 BC). Neoptolemus is initially brought to Lemnos by Odysseus with the mission of helping bring Philoctetes and the bow of Heracles back to Troy. Upon discovering the procedure of this mission proposed by Odysseus, Neoptolemus hesitates, suggesting they should openly persuade Philoctetes instead of tricking him. Neoptolemus offers some resistance, but eventually accepts Odysseus' sophistry. Upon making contact with Philoctetes, Neoptolemus gradually learns about the ethical model that he gave up by accepting Odysseus' proposal. This creates a dilemma in which the young Neoptolemus must decide how to act. The act of deciding in itself is cause for hesitation for the youngster. By choosing one attitude or another, Neoptolemus must face all the consequences of his choice, including the inability to go back, that is, back to the moment before the decision was made, a childish situation in which the possibilities have not yet been reduced because of each of his choices. In the final moments before the arrival of Heracles, Neoptolemus finally decides his own path, which is at an intermediate position in relation to the choices that were presented to him and he accepts the consequences of his choice.

Keywords: Neoptolemus, Philoctetes, Odysseus, Sophocles.

Sumário

Introdução.....	10
O dilema de Neoptólemo.....	16
A escolha de Neoptólemo como transição para a maturidade.....	60
Considerações Finais.....	94
Referências.....	98

Introdução

Sófocles (c. 496 – 406 a.C.) nasceu provavelmente em Colono e escreveu cento e vinte e três peças teatrais. Dessas, apenas sete estão disponíveis. São elas *Ájax*, *Antígona*, *As Traquínicas*, *Electra*, *Édipo Tirano*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*. Com *Filoctetes*, Sófocles, aos oitenta e sete anos de idade, recebeu o primeiro prêmio em 409 a.C.. O autor envolveu-se na vida pública ateniense, exercendo diversas funções de destaque na política da cidade. Dentre os eventos históricos testemunhados pelo autor estão a invasão e ocupação persa em 480 a.C., sua expulsão no ano seguinte, a expansão da hegemonia ateniense através da Liga de Delos, o declínio posterior durante a Guerra do Peloponeso nas décadas finais do século V. Segundo Ahl, “o que sabemos da vida de Sófocles sugere que ele pode ter tido contato com atenienses tais como Sócrates e alguns de seus alunos, como Crítias e Terâmenes” (2008, p. 5).

Em *Filoctetes*, encontramos o personagem Filoctetes, que teria sido um dos heróis gregos que participara da expedição inicial contra Troia juntamente com figuras como Odisseu, Aquiles, Nestor e outros. Além do texto de Sófocles, temos outras breves menções a Filoctetes no segundo livro da *Ilíada*, em que são listadas as forças que originalmente dirigiam-se a Troia; e também encontramos menção a Filoctetes no terceiro livro da *Odisseia*, em que lemos que Filoctetes teria sido um dos heróis que retornaram em segurança ao seu lar; e ainda no oitavo livro, em que Odisseu alega que apenas Filoctetes seria capaz de superá-lo no manejo do arco. Além de Homero, outros poetas, como Píndaro, Baquilides, Eurípides e Ésquilo utilizaram-se do mito de Filoctetes em suas composições. Também títulos como *Cantos Cíprios*, *O Saque de Troia* e *Pequena Ilíada*¹ remetem ao mito de Filoctetes em seu texto.

Sófocles chegou a escrever uma sequência para *Filoctetes*, intitulada *Filoctetes em Troia*, que infelizmente não chegou até nós, restando apenas escassos fragmentos. Segundo Sutton (1984), a tragédia provavelmente não se fastaria muito da anterior e trataria da cura de Filoctetes e da morte de Páris em combate com o filho de Poiante. No fragmento 698,

1 Para outras referências sobre mito de Filoctetes, cf. Santos, p. 21; Roisman, p. 24-40.

provavelmente uma fala de Filoctetes, lê-se “Mas a morte é o médico de todos os males” (ἄλλ' ἔσθ' ὁ θάνατος λοῖσθος ἰατρὸς νόσων) (JEBB; HEADLAM; PEARSON, 2009, v. 2, p. 309). Apesar disso, “(...) não sabemos com quais outras peças *Filoctetes* foi produzido ou que posição ocupava na trilogia” (ROISMAN, 2005, p. 10).

As tragédias de Ésquilo e Eurípedes sobre Filoctetes não estão disponíveis. Conhecemo-las através de Dio Crisóstomo (c. 40 – 120 d.C.), também referido como Dio de Prusa, que descreve, em sua quinquagésima segunda oração, três diferentes versões da tragédia *Filoctetes* escritas por Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Além disso, na sua quinquagésima nona oração, a qual consiste de uma possível paráfrase de parte do *Filoctetes* de Eurípedes. Com Dio, aprendemos, por exemplo, que Ésquilo e Eurípedes, diferentemente de Sófocles, que fez seu coro de marinheiros, fizeram seus coros de lêmnios, minorando de certa forma o isolamento humano de Filoctetes, embora os nativos da ilha, nas versões de Eurípedes e Ésquilo, tenham se recusado a resgatá-lo ou curá-lo. Dio supõe que seria impossível a sobrevivência do desterrado sem alguma forma de ajuda mínima. Dio também nos informa sobre como Eurípedes coloca Diomedes como companheiro de Odisseu na empreitada de reconduzir Filoctetes à armada grega. Dio situa Sófocles como um intermediário entre os outros dois, uma vez que “não tem nem a confiança e simplicidade de Ésquilo, nem a precisão, argúcia e requinte de Eurípedes²” (οὔτε τὸ αὐθαδὲς καὶ ἀπλοῦν τὸ τοῦ Αἰσχύλου ἔχων οὔτε τὸ ἀκριβὲς καὶ δριμύ καὶ πολιτικὸν τὸ τοῦ Εὐριπίδου) (DIO, 1956, p. 351).

Embora o mito tenha recebido tratamento diferente pelos diversos autores que com ele trabalharam, é possível estabelecer um certo núcleo comum. Odisseu teria, seguindo ordens de Menelau e Agamêmnon, abandonado Filoctetes, filho de Poiante, depois que fora picado por uma serpente mística, guardiã do reduto da deusa na ilha de Crisa. O ferimento não sara e nem o mata, mas mantém-se sempre infectado, deixando Filoctetes em uma condição de constante agonia. Os urros de dor de Filoctetes, as emanções de pus e odores fétidos tornam-o cada vez mais repugnante a seus companheiros que, pelo transtorno causado pelo infortúnio de Filoctetes, já não podem mais realizar os devidos rituais religiosos e decidem por abandoná-lo na ilha de Lemnos, onde não mais atrapalharia a expedição à Troia. A frota grega segue para Ílion e dez anos depois, no último ano de combate, Odisseu captura o vate Heleno, filho de Príamo, descobrindo assim uma profecia³ que diz que Troia não cairá sem a presença

2 Todas as traduções são nossas, exceto se indicado diferentemente.

3 Para mais detalhes sobre a profecia, cf. HINDS, *The Prophecy of Helenus in Sophocles' Philoctetes*; BOWRA, *Sophoclean Tragedy*, p. 268; KNOX, *The Heroic Temper*, p. 126-7; LINFORTH, *Philoctetes: The play and the Man*, p. 103; ROBINSON, *Topics*, p. 47; EASTERLING, *Philoctetes and Modern Criticism*;

no campo de combate de Neoptólemo, filho de Aquiles, e Filoctetes, portador do arco de Hércules. Em *Filoctetes*, a profecia é revelada gradualmente por Odisseu. Apenas ao final, como no verso 1329 e seguintes, alcança-se uma melhor compreensão da profecia em que Neoptólemo menciona a cura da chaga de Filoctetes em Troia e a tomada da cidadela por ambos como é confirmado por Hércules a seguir, nos versos 1423 e seguintes. Hinds oferece um panorama interessante sobre a profecia, salientando que Knox e Kirkwood não entendem que a cura de Filoctetes faça parte da profecia, propondo que apenas o arco é realmente necessário para a realização do vaticínio, uma vez que a ausência de Filoctetes em Ílion se afastaria demasiadamente da tradição homérica, levando à conclusão, dentro dessa hipótese, de que a omissão dessa informação no prólogo da peça seria proposital e possibilitaria maior flexibilidade no posicionamento de Odisseu durante o desenvolvimento do enredo. O autor (HINDS, 1967) conclui que tanto Neoptólemo quanto Odisseu estariam na verdade cientes da necessidade da presença de Filoctetes em Troia.

Para resumir, penso que devemos reconhecer desde o começo que Filoctetes deve ir para Troia e que tanto Odisseu e quanto Neoptólemo aceitam e tentam realizar essa tarefa. Aprendemos mais tarde que Filoctetes deve ir voluntariamente e isso também é aceito. A flexibilidade no modo como Sófocles manuseia a profecia não envolve, em suma, nenhuma fluidez nos seus requisitos básicos. Mas a ousadia de sua técnica, em alguns pontos, é tal que os efeitos que ele busca não são sempre imediatamente inequívocos (...). (HINDS, 1967, p. 180)

O arco pertencera originalmente a Apolo e, por sua origem divina, todas as flechas disparadas com ele acertam o alvo. Filoctetes teria, ainda criança, recebido o arco e as flechas de Hércules, que foram envenenadas com o sangue da Hidra, ao aceitar o pedido do herói de auxiliá-lo a acender sua pira funerária no monte Eta, ao que muitos haviam se recusado, depois de ter sido envenenado acidentalmente por Dejanira. Mesmo ferido, Filoctetes, assim armado, ainda representa uma ameaça em caso de combate.

O mito de Filoctetes desfrutou de relativa popularidade no período antigo e permaneceu esquecido durante a idade média e o período renascentista. O interesse por Filoctetes “foi despertado em 1699 pela publicação de François de Salignac de la Mothe-Fénelon de prosa ficcional intitulada *Suite du Quatrième livre de l'Odyssee: ou, Les aventures de Télémaque*, em que Filoctetes conta sua história a Telêmaco, filho de Odisseu” (ROISMAN, 2005, p. 112). Essa publicação suscitou o interesse no texto de Sófocles, que recebeu então diversas traduções para línguas europeias, conforme nos informa Roisman, como “inglês, francês, alemão, holandês, italiano e espanhol” (idem). Posteriormente, Vivien

KITTMER, *Sophoclean Sophistics*, p. 24-9.

de Chateaubrun, em 1755, produziu uma adaptação de Filoctetes, acrescentando elementos românticos, como uma filha de Filoctetes, pela qual Neoptólemo se apaixonaria. Em 1781, LeHarpe tornou pública sua adaptação, em que excluiu alguns episódios como o do mercador e a posse do arco por Odisseu, bem como as partes corais. Sua adaptação, entre os anos de 1783 e 1826, teve sessenta e oito apresentações pela Comédie-Française. O interesse pela figura de Filoctetes cresce juntamente com a curiosidade pelo teatro grego nos séculos seguintes, e principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX, com a organização dos primeiros departamentos modernos de estudos clássicos na Europa e Estados Unidos. Autores como Gotthold Ephraim Lessing, André Gide, Oscar Mandel, Heiner Müller, Seamus Heaney, entre outros, trabalharam modernamente, de forma crítica ou literária, com o mito de Filoctetes⁴. Seja na discussão sobre o tratamento dado a doentes incuráveis, no sofrimento dos enfermos e dos que lhe são próximos, seja sobre a obstinação de Filoctetes em não cooperar com os que o desertaram ou os limites da cooperação entre os homens, a atualidade e relevância de *Filoctetes* permanece. A extraordinária resistência de Filoctetes a qualquer forma de coerção motiva reflexões sobre os limites da relação entre o indivíduo e a sociedade. Na tragédia em questão, o rompimento das relações entre o filho de Poiante e os gregos é destrutivo para ambos. Diante da circunstância adversa, Filoctetes exige ser tratado com dignidade e não como um instrumento dos aqueus. A principal motivação para o estudo de *Filoctetes* constitui-se justamente na forma com que sociedades lidam com os que julgam inválidos e como decidem se um determinado indivíduo é útil ou inútil para o grupo, questão que parece fundamental e recorrente em organizações sociais, bem como a duração ou permanência desse julgamento e a própria eleição da utilidade como critério seletivo contra a qual Filoctetes se revolta.

Um pouco diferente do que podemos constatar em outras tragédias de Sófocles que estão disponíveis, em *Filoctetes*, apesar do título, não é tão fácil estabelecer qual seria o personagem principal ou mesmo se há apenas um. O evento principal da tragédia é o questionamento ético e o processo de decisão dos personagens. O desenvolvimento dessa decisão se organiza na interação de Odisseu, Filoctetes e Neoptólemo. Nesse contexto, destaca-se a importância de Neoptólemo que provisionalmente navega entre as posições éticas de Odisseu e Filoctetes. O jovem filho de Aquiles precisa escolher seu posicionamento diante do dilema ético com que se depara, tornando assim fundamental, nessa tragédia, a leitura do

4 Para mais detalhes sobre adaptações modernas de Filoctetes cf. Mandel, 1981.

personagem Neoptólemo, uma vez que ele não enfrenta apenas a escolha entre a posição pragmática de Odisseu e a idealizada de Filoctetes, alternativas que constituem um plano ideológico, mas também um conflito familiar com ecos de telemaquia, já que o jovem praticamente não teve contato com o pai, que partira para a guerra quando Neoptólemo era ainda menino. Tanto Filoctetes quanto Odisseu exploram, em certa medida, esse anseio de Neoptólemo, apelando ora para o desejo do jovem de aproximar-se do pai nas honras por semelhança no modo como Aquiles defendia até as últimas consequências valores nobres, como parece ser a estratégia de Filoctetes, ora para o desejo do jovem em conquistar grandes glórias e fama, como parece ser a estratégia de Odisseu ao propor-lhe participar no engodo para tomar o arco pela astúcia, sem expor-se a riscos. Ambos heróis procuram apresentar-se como guias a Neoptólemo, como figuras paternas que oferecem balizas na tentativa de guiar o jovem em suas escolhas. Embora existam paralelos nas estratégias de persuasão de Odisseu e Filoctetes, encontramos um contraste significativo no desenvolvimento intelectual ateniense em parte dos argumentos dos dois. Sófocles aproxima Odisseu do movimento sofisticado ao fazer com que o personagem reformule conceitos para torná-los mais palatáveis ao jovem como, por exemplo, a ampliação do sentido de *γενναῖον*, no verso 51, conforme discutiremos em mais detalhes adiante, enquanto Filoctetes defende valores heroicos tradicionais, mais próximos à ética homérica.

Neoptólemo, em sua telemaquia, depara-se com a necessidade de posicionar-se no meio político a que pertencia Aquiles. Não serão apenas os feitos militares que os aproximarão, não bastará um melhor desempenho em combate. Será preciso também ambientar-se e principalmente posicionar-se politicamente em meio aos heróis gregos, o que leva Neoptólemo a tomar contato com atitudes como as que afastaram seu pai dos combates em Troia. Nesse caso, a aproximação com a figura paterna seria mais bem realizada com a conquista de alguma autonomia política em relação aos outros personagens, o que afastaria o jovem de qualquer substituição da figura paterna e o levaria a uma condição de independência, situação essa que é alcançada na tragédia durante alguns breves momentos, como quando Neoptólemo impede que Filoctetes, depois de recuperar o arco, mate Odisseu. Logo a seguir, contudo, Neoptólemo retorna à esfera de influência de Filoctetes. O problema a ser resolvido pelos três é o retorno do filho de Poiante aos combates em Troia, visto que sem isso é impossível vencer. O conflito está nas escolhas éticas dos personagens sobre como resolver satisfatoriamente o impasse para a realização dessa tarefa. Como Aquiles na *Ilíada*,

Neoptólemo recua ao deparar-se com atitudes que julga incorretas, o que acabará sendo também a decisão do jovem ao final da tragédia antes da intervenção de Hércules. Reinhardt resume assim o dilema:

Entre os dois anciãos que se tornaram rígidos, o jovem tem de travar em si mesmo a luta dos contendores. Pois ele tem ligação com ambos, com um, por causa de sua situação, tarefa e dependência exterior, com o outro, por causa do seu modo de ser e do seu coração. Assim, como personagem que reúne e ecoa os outros dois, ele mantém coeso o destino de todos os três. (REINHARDT, 2007, p. 191, tradução Oliver Tolle)

Será estudado, neste trabalho, o personagem de Neoptólemo no *Filoctetes* de Sófocles, seu dilema, sua hesitação e seu amadurecimento, isto é, as possíveis modificações nas atitudes do filho de Aquiles durante o desenrolar da tragédia. Primeiramente encontramos Neoptólemo imaturo e inseguro, dependendo em grande medida das informações oferecidas por Odisseu e do discurso do mesmo para tentar decidir como agir. Sem grandes conhecimentos das circunstâncias em que Filoctetes se encontra, o filho de Aquiles aceita participar do sofisma de Odisseu. A seguir, contudo, durante o contato de Neoptólemo com o herói desterrado, o jovem toma conhecimento dos profundos tormentos sofridos pelo arqueiro e com predicções feitas por Filoctetes que relembram o jovem do modelo ético paterno, da honra e da determinação dos grandes heróis da geração anterior a quem Neoptólemo almeja igualar-se. Ciente do posicionamento e dos discursos dos dois heróis, o filho de Aquiles enfrenta um dilema sobre como agir em relação às duas possibilidades que reconhece, interagindo com os dois adultos, e uma grande hesitação em relação a sua decisão final, pois pela primeira vez o jovem depara-se com o caráter necessariamente vinculante de decisões políticas. O risco em desobedecer Odisseu e insubordinar-se contra o exército grego, por exemplo, significa a possibilidade de guerra total em sua terra natal. Ao fim da tragédia, antes da chegada de Hércules, Neoptólemo decide aproximar-se de Filoctetes e garantir-lhe o resgate, aceitando todas as possíveis consequências de sua escolha.

Com este trabalho, pretende-se contribuir para a fortuna crítica a respeito da tragédia *Filoctetes* de Sófocles, especialmente no que trata do desenvolvimento do personagem Neoptólemo em relação a sua conturbada transição para o mundo adulto dos heróis gregos. O filho de Aquiles empreende um movimento análogo ao de Telêmaco conforme narrado na *Odisseia* de Homero, porém apenas em projeção, dada a ausência definitiva de seu falecido pai.

O dilema de Neoptólemo

No prólogo da tragédia, encontramos Odisseu e Neoptólemo chegando à ilha de Lemnos. O diálogo travado pelos dois oferece ao público uma ambientação necessária para o reconhecimento dos mitos envolvidos no drama que será representado e também informações importantes a Neoptólemo que, através da narrativa⁵ de Odisseu, aprende detalhes sobre a situação em que se encontra. O filho de Aquiles foi trazido por Odisseu até a ilha em que Filoctetes foi abandonado para auxiliá-lo na recondução do filho de Poiante ao exército grego. Vemos aqui os passos iniciais de Neoptólemo como parte do esforço de guerra aqueu. Ciente da potência das armas de Filoctetes, Odisseu inicia sua abordagem de forma indireta, utilizando Neoptólemo como seu principal recurso para o convencimento de Filoctetes sem a necessidade de combate. Odisseu, dono da narrativa inicial, explicando a situação e a ilha, oferece a Neoptólemo informações sobre a missão, assumindo uma posição de comando. O silêncio do jovem diante da postura de Odisseu sinaliza aceitação.

Esta é a costa da terra cercada de água
De Lemnos, nunca pisada nem habitada por mortais,
Onde, ó nascido do melhor pai dentre os gregos,
De Aquiles filho, Neoptólemo, o Maliense
Filho de Poiante, deixei eu certa vez,
Obedecendo o que foi ordenado pelos reis.

Ἀκτὴ μὲν ἦδε τῆς περιρρύτου χθονὸς
Λήμνου, βροτοῖς ἄστιπτος οὐδ' οἰκουμένη,
ἔνθ', ὧ κρατίστου πατρὸς Ἑλλήνων τραφεῖς
Ἀχιλλέως παῖ Νεοπτόλεμε, τὸν Μηλιᾶ
Ποίαντος υἱὸν ἐξέθηκ' ἐγὼ ποτε,
ταχθεὶς τόδ' ἔρδειν τῶν ἀνασσόντων ὑπο⁶
(Sófocles, *Filoctetes*, 1-6)

Odisseu já esteve em Lemnos e assim a revela, acrescentando informações importantes

-
- 5 Para mais detalhes sobre o uso da expressão *narrativa* dentro do contexto teatral e trágico de Sófocles, cf. Nota 11, abaixo referente ao trabalho de Deborah Roberts, 1989.
- 6 Todas as citações de Sófocles referem-se ao texto da edição de Oxford por H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson, *Sophocles Fabulae* (Oxford, 1990), exceto se especificamente indicado de forma diferente. Todas as citações da tragédia *Filoctetes* serão apresentadas no corpo do texto e seguidas pelo original. As citações seguintes, isto é, todas exceto a primeira, de *Filoctetes* serão referidas com o nome do autor, seguido do título da tragédia e os versos conforme a edição de Oxford.

tanto para o público quanto para Neoptólemo. Trata-se de uma Lemnos absolutamente deserta, diferente das apresentadas nas versões de Eurípides e Ésquilo, conforme relata Dio Crisóstomo, onde ele abandonou Filoctetes, seguindo as ordens dos reis. Nessa fala, o experiente filho de Laertes, além de fornecer informações a Neoptólemo, também sugere implicitamente um paradigma de obediência e hierarquia militar ao qual ele mesmo está submetido, fator que será importante quando tenta convencer o filho de Aquiles a continuar obedecendo as ordens e a manter-se fiel a causa argiva. Odisseu não oferece justificativa para suas ações passadas, apenas relata ter obedecido ordens. A mesma figura de autoridade que detém as informações e a experiência atribui ao jovem um predicado que remete elogiosamente a seu pai, Aquiles. Embora comum nos épicos homéricos, o epíteto patronímico usado por Odisseu de forma elogiosa é atraente a Neoptólemo, que provavelmente concordaria com a descrição de seu pai. Nesse caso, o filho de Laertes propõe premissas simples e relativamente pequenas que proporcionam um clima de cooperação entre os dois, clima esse que será utilizado futuramente como base para a persuasão do jovem a participar do sofisma. Se Neoptólemo reconhece a validade do elogio de seu pai, precisaria também, em certa medida, dado o conjunto intrincado de premissas contidos no discurso de Odisseu, atribuir, através dessa afirmação, certa autoridade ao próprio Odisseu e ao conjunto do que diz.

O filho de Laertes oferece também uma justificativa religiosa para a decisão de abandonar Filoctetes:

Com uma doença supurante devorando-lhe o pé,
que nem de libações nem de sacrifícios
podíamos em paz ocupar-nos, mas, com selvagens blasfêmias,
impedia sempre todo o exército,
gritando e gemendo.

νόσω καταστάζοντα διαβόρω πόδα·
ὄτ' οὔτε λοιβῆς ἡμῖν οὔτε θυμάτων
παρῆν ἐκήλοις προσθιγεῖν, ἀλλ' ἀγρίαίς
κατεῖχ' ἀεὶ πᾶν στρατόπεδον δυσφημίαίς,
βοῶν, ἰύζων.

(Sófocles, *Filoctetes*, 7-11)

A expressão utilizada por Odisseu, *δυσφημίαίς*, plural de *δυσφημία*, para caracterizar os gritos de Filoctetes significa “de mal agoiro” ou “maledicente, caluniador”. Austin nota, entretanto, que essa expressão é tão forte que se constituiria não apenas como “rude, como alguma quebra de decoro” (2011, p. 45), mas como uma ameaça à própria religião. Não é o conteúdo dos urros, mas a própria característica dos sons emitidos que fere a audição.

Odisseu, então, anuncia que tem um plano e declara qual a função do jovem:

(...) Mas por que é preciso essas coisas dizer? O momento não nos é para grandes discursos, para que ele não perceba minha chegada e que não arruíne todo o sofisma com que penso tomar⁷-lho. Mas agora teu trabalho é ajudar no restante, examinar onde é a rocha com duas entradas,

(...) Ἀλλὰ ταῦτα μὲν τί δεῖ λέγειν; ἀκμῆ γὰρ οὐ μακρῶν ἡμῖν λόγων, μὴ καὶ μάθη μ' ἦκοντα κάκχέω τὸ πᾶν σόφισμα τῷ νιν αὐτίχ' αἰρήσειν δοκῶ. Ἄλλ' ἔργον ἤδη σὸν τὰ λοιπ' ὑπηρετεῖν, σκοπεῖν θ' ὅπου 'στ' ἐνταῦθα δίστομος πέτρα (Sófocles, *Filoctetes*, 11-16)

Odisseu pede que Neoptólemo identifique a caverna que serve de abrigo a Filoctetes. Trata-se de uma tarefa simples, uma etapa inicial no contínuo recrutamento do jovem, ordem essa que é obedecida sem nenhuma hesitação, criando um vínculo mínimo entre comandante e comandado.

Essas coisas, a mim, aproximando-te silenciosamente, sinaliza: se habita esse lugar ainda ou se para outro se mudou para que possas ouvir o resto do plano enquanto explico, e o que compartilhamos possa vir de nós dois. [Neoptólemo] Senhor Odisseu, a tarefa de que falas não está distante, pois imagino ver a caverna de que falas.

Ἄ μοι προσελθὼν σῖγα σήμαιν' εἴτ' ἔχει χῶρον τὸν αὐτὸν τόνδ' ἔτ', εἴτ' ἄλλη κυρεῖ, ὡς τᾶπιλοιπα τῶν λόγων σὺ μὲν κλύης, ἐγὼ δὲ φράζω, κοινὰ δ' ἐξ ἀμφοῖν ἴη. [NE.] Ἄναξ Ὀδυσσεῦ, τοῦργον οὐ μακρὰν λέγεις· δοκῶ γὰρ οἶον εἶπας ἄντρον εἰσορᾶν. (Sófocles, *Filoctetes*, 22-27)

O filho de Laertes, ao dizer no verso 24 “para que o resto do plano” impõe uma condição para a revelação do projeto, sugerindo que as informações são reveladas gradualmente. Odisseu mede as palavras que usa e controla as informações que revela ao jovem. Para conhecer o resto do plano, Neoptólemo deve primeiro obedecer, examinar o local. Isso parece favorecer a opinião de Hinds (1967, p. 170) de que Odisseu sabia da necessidade de Filoctetes em Troia, que a revelação da profecia é gradual e que é “Odisseu

7 Kamerbeek (1980, p. 28) ressalta que o sentido de αἰρήσειν no verso 14 é ambíguo, podendo significar tanto capturar, como um prisioneiro, ou tomar posse de, referindo-se ao arco, enquanto Hinds entende que trata-se de um esquema para “tomar Filoctetes” (1967, p. 171). Creio que a ambiguidade de Sófocles é proposital justamente para salientar que é Odisseu que obscurece a necessidade da presença de Filoctetes em Troia ou se apenas o arco bastaria. cf. Nota 3 acima. Kamerbeek além dos supra citados acrescenta os textos tratados em grande detalhe por Hinds, 1967.

quem, sejam quais forem seus motivos, obscurece a questão” (idem, p. 171), mantendo algumas informações para si caso haja a necessidade de usá-las para manipular os outros personagens posteriormente e aumentando a possibilidade dramática.

Em contrapartida, o jovem, realizando a tarefa, ao iniciar sua resposta com “Senhor Odisseu”, que são, por sinal, as primeiras palavras de Neoptólemo nesta tragédia, reconhece a posição de comando de Odisseu. O jovem ainda não é capaz de orientar-se sozinho, de decidir sozinho suas próximas ações. Essa posição do filho de Aquiles como subordinado fica clara no verso 49 em que o jovem chega a pedir mais instruções de Odisseu: “Tu, se algo desejas, diz um segundo discurso. σὺ δ' εἴ τι χρῆζεις, φράζε δευτέρω λόγῳ.” (Sófocles, *Filoctetes*, 49). A caracterização de Neoptólemo como um jovem não provém apenas de seus diálogos com Odisseu, mas também de Filoctetes, que o chama de filho (τέκνον) trinta e seis vezes⁸, uma vez por Odisseu⁹ e também quatro vezes pelo coro¹⁰. O jovem não sabe como agir e declara não saber por pelo menos duas vezes, nos versos 908 e 969.

Odisseu, então, respondendo a Neoptólemo, começa, no verso 50, a descrever a missão indiretamente, pedindo ainda mais uma vez que o jovem aceite suas ordens:

Filho de Aquiles, é preciso, para o que vieste
ser nobre não apenas de corpo,
mas, se algo novo que não antes ouviste,
ouvires, ajuda, visto que como subordinado vieste.
[Neoptólemo] Que de fato ordenas? [Odisseu] De Filoctetes, precisas
a alma enganar com palavras ditas.

Ἀχιλλέως παῖ, δεῖ σ' ἐφ' οἷς ἐλήλυθας
γενναῖον εἶναι, μὴ μόνον τῷ σώματι,
ἀλλ' ἦν τι καινὸν ὧν πρὶν οὐκ ἀκήκοας,
κλύης, ὑπουργεῖν, ὡς ὑπηρέτης πάρει.
[NE.] Τί δῆτ' ἄνωγας; [ΟΔ.] Τὴν Φιλοκτήτου σε δεῖ
ψυχὴν ὅπως λόγοισιν ἐκκλέψεις λέγων,
(Sófocles, *Filoctetes*, 50-55)

O filho de Laertes inicia com ressalvas. O verso 50 inicia-se com o vocativo “Filho de Aquiles” (Ἀχιλλέως παῖ) e o 51, no texto grego, com a expressão “nobre” (γενναῖον), apontando a principal dificuldade na persuasão de Neoptólemo por Odisseu. O jovem tem como exemplo a ser alcançado a natureza do falecido pai, que realizou grandes feitos no combate em Troia. Entretanto, a nobreza a que se refere Odisseu não é exatamente a que Neoptólemo aparentemente almejava ou esperaria encontrar. Aqui tem início a

8 Sófocles, *Filoctetes*, 236, 249, 260, 276, 284, 300, 307, 327, 337, 466, 468, 484, 635, 658, 662, 733, 742, 745, 747, 753, 799, 805, 807, 811, 833, 875, 878, 898, 914, 932, 1295, 1301, 1310, 1367, 1399 e 1433.

9 Sófocles, *Filoctetes*, 130.

10 Sófocles, *Filoctetes*, 141, 210, 843 e 855.

reconceituação, isto é, a alteração que Odisseu faz do conceito, ampliando seu sentido para que comporte seu sofisma. “Odisseu, em estilo verdadeiramente retórico, toma o principal argumento contra si e o transforma em uma arma a seu favor” (KNOX, 1964, p. 48). Aceitar o plano proposto pelo filho de Laertes poderia comprometer a tentativa de Neoptólemo de aproximar-se das virtudes de seu pai, uma vez que é justamente por causa de injustiças cometidas pelos reis gregos que Aquiles se retira dos combates em Ílion. A tentativa aqui seria de reconceituar o termo de forma que possa ser utilizado para convencer Neoptólemo da validade da metodologia proposta, mas sem comprometer a percepção de honra de Neoptólemo. Segundo Roisman, Sófocles “retrata Odisseu como um político sórdido, manchado por valores sofisticos e pela retórica” (2005, p. 73). A principal resistência que o jovem filho de Aquiles oferece ao plano se dá por causa de sua natureza supostamente herdada do pai. Aceitando participar no sofisma, mentindo e enganando Filoctetes, Neoptólemo estaria se afastando de uma conduta tipicamente atribuída a Aquiles, que, por seu apreço pela justiça, deixou de combater em Troia. Rose diz que:

Odisseu é inconfundivelmente apresentado como um político contemporâneo, imbuído de doutrinas sofisticas (...). Em relação a Neoptólemo, ele claramente desempenha o papel de um professor. (1976, p. 81)

O sofístico Odisseu apresenta essa modificação não como um rompimento com as virtudes aquilianas, mas como uma extrapolação. Nos termos de Knox, a premissa seria que o papel a ser desempenhado por Neoptólemo não cairia “abaixo do padrão aquiliano, mas (...) [estaria] se elevando acima dele, estendendo suas dimensões estreitas de proezas físicas para incluir audacidade moral” (1964, p. 48). Odisseu, contudo, não explicita as consequências da reconceituação que opera no sentido de nobre, atraindo a atenção de Neoptólemo para o sofisma que passa a explicar em detalhes. No verso 53, Odisseu diz que Neoptólemo veio nessa missão como subordinado (ὕπηρετης) sem que o jovem proponha qualquer oposição ao termo. Trata-se de uma forma agentiva do verbo ὑπηρετέω, que significa literalmente remar e figurativamente servir ou obedecer.

Ao final da explicação do sofisma, no verso 65, Odisseu autoriza o jovem a injuriar livremente os argivos, minimizando em certa medida a importância que pode ser dada à fama dos heróis gregos. Trata-se de mais uma etapa da relativização que Odisseu está propondo a Neoptólemo, um exemplo de pragmatismo dado pelo filho de Laertes ao sugerir que, em momentos de necessidade, conforme exigirem as circunstâncias, é aceitável inclusive difamar os companheiros de combate, desde que com isso chegue-se mais próximo da vitória ou da

salvação. Segue-se o alerta de Odisseu para o risco de serem descobertos por Filoctetes, que, se detectar a presença de Odisseu, poria tudo a perder, arruinando também as chances de Neoptólemo de conquistar glórias ou mesmo a possibilidade de ser morto por Filoctetes apenas por estar associado a Odisseu.

No verso 77 e seguintes, Odisseu diz:

Mas é precisamente isto que é preciso pensar,
como te tornarás ladrão do arco invencível
Bem sei, menino, que a tua natureza não produz
o dizer de coisas tais como essas nem o emprego de artimanhas más.
Mas – pois é prazeroso tomar posse da vitória –
ousa! Pareceremos justos novamente.
Mas agora, por uma breve e despudorada parte do dia,
dá-te a mim, e então, pelo resto do tempo,
será tido como o mais honrável dos mortais.

ἀλλ' αὐτὸ τοῦτο δεῖ σοφισθῆναι, κλοπεὺς
ὅπως γενήσῃ τῶν ἀνικητῶν ὄπλων.
Ἔξοιδα, παῖ φύσει σε μὴ πεφυκότα
τοιαῦτα φωνεῖν μηδὲ τεχνᾶσθαι κακά·
ἀλλ' ἦδὲ γάρ τι κτῆμα τῆς νίκης λαβεῖν,
τόλμα· δίκαιοι δ' αὐθις ἐκφανούμεθα·
νῦν δ' εἰς ἀναιδῆς ἡμέρας μέρος βραχὺ
δός μοι σεαυτὸν, κᾶτα τὸν λοιπὸν χρόνον
κέκλησο πάντων εὐσεβέστατος βροτῶν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 77-85)

Odisseu usa o termo ladrão (κλοπεὺς) para descrever o que Neoptólemo deve tornar-se, uma palavra forte se comparada à sutileza empregada anteriormente no prólogo. Na ressalva do verso 79, o filho de Laertes reconhece que não faz parte da natureza do jovem filho de Aquiles praticar tais atos, contudo o jovem, “(...) como herdeiro de seu pai, foi apontado para a vitória, em um certo momento e de alguma maneira ele terá de lidar com seres corrompidos, sem o que, nesse mundo, parece que nunca se chega ao alto” (REINHARDT, 2007, p. 188, tradução Oliver Tolle). Odisseu está propondo uma suspensão momentânea dos valores de juízo de Neoptólemo para que possa exercer durante um período pequeno de tempo um pragmatismo, contradizendo a afirmação de Aquiles na *Ilíada*, em que diz:

Pois é-me detestável como os duplos portões do Hades
o homem que esconde uma coisa em seu peito e diz outra.

ἔχθρὸς γάρ μοι κεῖνος ὁμῶς Αἴδαο πύλῃσιν
ὅς χ' ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἴπη.
(Homero, *Ilíada*, 9. 312-2)

Ciente da busca de Neoptólemo por uma identificação com o modelo ético de Aquiles, Odisseu foca seu argumento na noção de que glória, por quaisquer meios alcançada, ainda é

glória. A promessa de reconhecimento por parte de seus futuros pares é prometida por Odisseu no verso 119, em que o filho de Laertes alega que Neoptólemo será reconhecido como sábio (σοφός) e excelente (ἀγαθός), caso aceite, de fato, participar do sofisma, o que constitui uma alteração da estimada noção de nobreza de belo (καλός) e bom (ἀγαθός) da tradição grega, conforme nota Pucci (2003, p. 176). O modelo tradicional de virtude, de beleza e excelência é transformado em um novo paradigma em que se insere a sabedoria ou a astúcia pragmática. Igualando ou desconsiderando os métodos pelos quais pode-se alcançar a glória, o aliciamento de Neoptólemo recai principalmente em uma questão quantitativa temporal. É preciso afastar-se de seus ideais, por um lado, por “uma breve parte do dia”, no verso 83, para que, por outro lado, possa ser reconhecido por “o resto do tempo”, no verso 84 como o “o mais honrável dos mortais” (Sófocles, *Filoctetes*, 85).

A resposta de Neoptólemo remete à resistência ao método proposto por seu comandante e à capacidade de distinguir entre as consequências morais. O jovem revela almejar distinção militar dentro dos parâmetros aquilianos. Seu desejo por combates francos o leva a sugerir uma solução violenta, levar Filoctetes à força para Troia, uma vez que o filho de Poiante, ferido, não teria condições de oferecer resistência em combate. Pucci, retomando Jebb (2004, p. 22), propõe que, na resposta de Neoptólemo, iniciada com ἐγὼ μὲν, a partícula μὲν, usada de forma isolada, enfatiza o pronome pessoal, que “permanece existencialmente e semanticamente frágil; o *eu* de Neoptólemo é ao mesmo tempo o de sua estirpe” (Pucci, 2003, p. 171), mostrando o contraste em relação a postura de Odisseu.

Eu, ao contrário, escutando essas palavras, sinto dor,
Filho de Laertes, e odiaria praticá-las.
Pois não nasci para praticar nada de má arte
nem eu, nem, como dizem, o que me gerou.
Mas estou pronto para levá-lo à força
e sem engano. Pois só com um pé,
pela força, não nos vencerá, que tantos somos.
Certo que, tendo sido enviado como teu colaborador, temo
ser chamado de traidor. Prefiro, de fato, senhor, falhar
agindo bem que vencer agindo mal.

Ἐγὼ μὲν οὖς ἂν τῶν λόγων ἀλγῶ κλύων,
Λαερτίου παῖ, τοῦσδε καὶ πράσσειν στυγῶ·
ἔφυν γὰρ οὐδὲν ἐκ τέχνης πράσσειν κακῆς,
οὔτ' αὐτὸς οὔθ', ὡς φασιν, οὐκφύσας ἐμέ.
Ἄλλ' εἴμ' ἔτοιμος πρὸς βίαν τὸν ἄνδρ' ἄγειν
καὶ μὴ δόλοισιν· οὐ γὰρ ἐξ ἑνὸς ποδὸς
ἡμᾶς τοσοῦσδε πρὸς βίαν χειρώσεται.
Πεμφθείς γε μέντοι σοὶ ξυνεργάτης ὄκνῶ
προδότης καλεῖσθαι· βούλομαι δ', ἄναξ, καλῶς
δρῶν ἐξαμαρτεῖν μᾶλλον ἢ νικᾶν κακῶς.
(Sófocles, *Filoctetes*, 86-95)

Nessa fala, Neoptólemo, por duas vezes, menciona, como motivos para sua recusa, a sua natureza herdada: primeiro no verso 88 com o verbo “nasci” (ἔφυν) e com “o que me gerou” (οὐκφύσας) no verso seguinte. A alegação é de que não faz parte nem de sua natureza nem da de seu pai praticar tais atos como os propostos por Odisseu, ainda que não tenha conhecido o pai intimamente, conforme podemos perceber pelo comentário que faz sobre a fonte dessa informação ao utilizar a expressão “como dizem”, isto é, por terceiros. O jovem demonstra o desejo de igualar-se ao pai com quem não conviveu. Seu objetivo idealizado é ausente de sua experiência, o que permite uma certa flexibilidade tanto para Odisseu sugerir sua cilada como uma forma de ultrapassar de forma positiva as características tipicamente atribuídas a Aquiles, quanto para Filoctetes sugerir que Neoptólemo mantenha-se fiel a esse mesmo conjunto de valores.

A seguir, no verso 93, o jovem modifica o tratamento dado a Odisseu, substituindo a expressão mencionada acima “auxiliar” (ὑπηρέτης) previamente utilizada por “colaborador” (ξυνεργάτης). A troca é sutil e sugere uma tentativa por parte de Neoptólemo de se igualar ou, ao menos, diminuir a distância entre comandante e comandado. Neoptólemo admite rezear ser considerado um traidor caso não cumpra as ordens de Odisseu, que de fato possui uma posição de autoridade em relação ao filho de Aquiles, que foi provavelmente criado como filho de um rei poderoso, porém ausente, e que agora precisa submeter-se ao comando do filho de Laertes, que foi quem o trouxe nessa missão, impondo um controle sobre objetivo e método que Neoptólemo, em sua infância, não conheceu com seu próprio pai. Embora o *status* entre os heróis gregos seja de relativa igualdade hierárquica, o que permite, por exemplo, que Aquiles tenha se recusado a combater sobre as ordens de Menelau e Agamêmnon em Troia, Neoptólemo ainda não é plenamente reconhecido como membro desse grupo, uma vez que não possui a experiência que garantiria o reconhecimento de seus pares e também em parte pela aceitação e reconhecimento da posição de comando de Odisseu.

A alegação de Neoptólemo é que é preferível falhar agindo em acordo com o seu suposto código de valores paterno a obter sucesso através de insídias, mencionando sua honra quase como uma justificção para sua discordância de Odisseu, que responde ressaltando indiretamente sua autoridade e sua experiência em contraste com a situação do jovem Neoptólemo.

Filho de nobre pai, também eu tinha, quando jovem,
a língua preguiçosa e a mão laboriosa.
Agora vejo que, para as disputas reais, é

a língua, não a ação, que prevalece entre os mortais

Ἐσθλοῦ πατρὸς παῖ, καὐτὸς ὦν νέος ποτὲ
 γλώσσαν μὲν ἀργόν, χεῖρα δ' εἶχον ἐργάτιν·
 νῦν δ' εἰς ἔλεγχον ἐξιῶν ὀρώ βροτοῖς
 τὴν γλώσσαν, οὐχὶ τᾶργα, πάνθ' ἠγουμένην.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 96-99)

A divergência sobre qual procedimento a ser adotado, sobre a possibilidade de aceitação ética dessa maquinação, é colocada momentaneamente em segundo plano. Através desse contraste, Odisseu “[...] reformula o conflito entre embuste e força como um entre palavra e ação, associando força com afobação pueril e versúcia com maturidade, traduzindo, assim, o problema moral em termos favoráveis para si mesmo” (BLUNDELL, 1991, p. 190). Essa tradução, ou reformulação, por parte de Odisseu, de contradições que prejudicam a causa em termos que lhe são favoráveis, também foi vista nos versos 81-5.

Explorando suas opções, o jovem filho de Aquiles faz mais perguntas, buscando alguma alternativa ao emprego da malícia, as quais Odisseu veta uma a uma até o verso 107 em que responde a pergunta impessoal de Neoptólemo:

[Neoptólemo] Não pode-se nem ousar aproximar-se dele?
 [Odisseu] Não sem ter lançado mão do stratagema, como digo.
 [Neoptólemo] Não julgas absolutamente desonroso mentir?
 [Odisseu] Se da mentira provém a salvação, não.

[NE.] Οὐκ ἄρ' ἐκείνω γ' οὐδὲ προσμεῖξαι θρασύ;
 [ΟΔ.] Οὐ, μὴ δόλω λαβόντα γ', ὡς ἐγὼ λέγω
 [NE.] Οὐκ αἰσχρὸν ἠγῆ δῆτα τὸ ψευδῆ λέγειν;
 [ΟΔ.] Οὐκ, εἰ τὸ σωθῆναί γε τὸ ψεῦδος φέρει.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 106-9)

A única forma de prosseguir é utilizando o stratagema proposto por Odisseu, o que leva Neoptólemo a considerar o dilema entre aceitar o plano e participar da guerra em Troia ou não absolutamente, sem opção de meio termo. Suas propostas, ideais e tentativas de encontrar alguma outra solução para o impasse são bloqueadas. O filho de Laertes fecha qualquer outra possibilidade de desenvolvimento da ação. O filho de Aquiles deve, então, ou aceitar tomar parte do embuste, ou não fará parte em nada do grupo ao qual pertencera seu pai. Estamos diante de um bloqueio importante nas ações de Neoptólemo, que vê sua autonomia ainda submetida ao conhecimento e à vontade de Odisseu. O filho de Aquiles deixa, então, de procurar alternativas e passa a questionar o filho de Laertes acerca da possível desonra vinculada à mentira. Odisseu pragmaticamente responde que é mais importante a salvação.

[Neoptólemo] Com que cara alguém ousa proferir essas coisas?

[Odisseu] Quando quer que faças algo visando o lucro, não se deve hesitar.
 [Neoptólemo] E no que eu lucro com a ida dele a Troia?
 [Odisseu] Apenas este arco toma Troia.
 [Neoptólemo] Não sou eu seu devastador como disseste?
 [Odisseu] Nem tu sem tal, nem tal sem ti.
 [Neoptólemo] Seria caçá-lo, se assim é.
 [Odisseu] Fazendo isso assim mesmo, levas dois prêmios.
 [Neoptólemo] Quais? Pois os conhecendo, não negaria a tarefa.
 [Odisseu] Ao mesmo tempo sábio e nobre te considerarão.
 [Neoptólemo] Vamos! Farei, tendo posto de lado todo escrúpulo.

[NE.] Πῶς οὖν βλέπων τις ταῦτα τολμήσει λακεῖν;
 [ΟΔ.] Ὅταν τι δρᾷς εἰς κέρδος, οὐκ ὀκνεῖν πρέπει.
 [NE.] Κέρδος δ' ἐμοὶ τί τοῦτον ἐς Τροίαν μολεῖν;
 [ΟΔ.] Αἰρεῖ τὰ τόξα ταῦτα τὴν Τροίαν μόνα.
 [NE.] Οὐκ ἄρ' ὁ πέρσων, ὡς ἐφάσκετ', εἴμ' ἐγώ;
 [ΟΔ.] Οὐτ' ἂν σὺ κείνων χωρὶς οὔτ' ἐκεῖνα σοῦ.
 [NE.] Θηρατέ' <ἄν> γίγνοιτ' ἄν, εἴπερ ᾧδ' ἔχει.
 [ΟΔ.] Ὡς τοῦτό γ' ἔρξας δύο φέρη δωρήματα.
 [NE.] Ποίω; μαθῶν γὰρ οὐκ ἂν ἀρνοιμήν τὸ δρᾶν.
 [ΟΔ.] Σοφός τ' ἂν αὐτὸς κάγαθός κεκληῖ' ἄμα.
 [NE.] Ἴτω· ποιήσω, πᾶσαν αἰσχύνην ἀφείς.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 110-120)

Odisseu, no verso 111, responde a pergunta de Neoptólemo sobre como proferir tais mentiras dizendo que, quando quer que se esteja diante da possibilidade de conquistar algum lucro ou vantagem (κέρδος), não se deve hesitar, demonstrando seu relativismo moral e pragmatismo. Estamos diante de uma caracterização de Odisseu não apenas como alguém disposto a extrapolar os limites das normas de conduta que supostamente guiariam o código heroico e que teria seu modelo em Aquiles, mas também como alguém preocupado com o “bem-estar comum” (NUSSBAUM, 1991, p. 203) de seus companheiros, em oposição à atitude de Aquiles na *Ilíada*, que recusa-se a combater por sentir-se ofendido pelo comportamento de Agamêmnon, sem levar em consideração todas as vidas perdidas e derrotas sofridas pela sua ausência.

Neoptólemo passa, então, a explorar as consequências de sua adesão à farsa de Odisseu, questionando sobre os benefícios que receberia tomando parte no conluio, diante do que o filho de Laertes revela, para a surpresa do jovem, que apenas com o arco de Filoctetes Troia poderá ser tomada e que não será apenas o filho de Aquiles que tornará tal feito possível. Essa revelação parece ser a parte final da persuasão de Neoptólemo a tomar parte na cavilação, uma vez que todas as outras alternativas possíveis de convencer Filoctetes que não sejam através do plano odisseico estão descartadas e com a recente revelação de que nem mesmo a tomada de Troia será possível sem o arco. O filho de Aquiles aceita assim a necessidade de caçar Filoctetes, demonstrando seu apreço pela glória da conquista de Troia.

Sua resistência ao aceitar o plano de Odisseu devia-se, até então, realmente ao método proposto, a dissimulação. Neoptólemo preferiria a violência aberta e direta a participar da artimanha. Após especular sobre alternativas à versúcia do Laertiáde, Neoptólemo revela interesse pela dupla recompensa mencionada por Odisseu, que seria motivação suficiente ao jovem que agora aceita, deixando de lado suas preconceções de honra em nome da possibilidade de ser reconhecido como sábio e nobre no futuro. O filho de Aquiles chega à ilha de Lemnos nitidamente como um subordinado, de certa forma até mesmo infantilizado, que não sabe o que precisa ser feito, nem as circunstâncias que conduziram até a presente situação. Inicialmente o jovem está totalmente dependente de Odisseu, que aos poucos revela seu plano, ao qual Neoptólemo busca alguma alternativa que não implique em sua participação de qualquer tipo de dissimulação. Até que fica clara, no verso 120, a aceitação do plano pelo jovem ao fim da esticomitia e, desse ponto até o final de prólogo, Odisseu retoma a palavra para explicar a vinda do marinheiro que servirá como auxiliar na trama, caso o desenrolar do plano demore, mas sem dar detalhes minuciosos a Neoptólemo sobre como conduzir Filoctetes até os navios. Odisseu, antes de partir de volta aos navios, despede-se com uma dupla invocação:

Que Hermes, enganador e condutor, nos guie,
E Atena Vitoriosa, guardiã da cidade, que sempre me salva.

Ἑρμῆς δ' ὁ πέμπων Δόλιος ἡγήσαιο νῶν
Νίκη τ' Ἀθήνα Πολιάς, ἧ σώζει μ' αἰεί.
(Sófocles, *Filoctetes*, 133-4)

O termo “condutor” que caracteriza Hermes está relacionado tanto com as almas que Hermes conduz ao Hades, quanto aos arautos. Austin informa que Pausânias, em sua descrição topográfica das cidades gregas identifica dois altares na entrada do estádio de Olímpia: um dedicado a Hermes Enagonios e outro a Kairos. Ambos seriam “dois lados da mesma moeda” (2011, p. 82). Trata-se do Hermes da disputa, da oportunidade e da boa sorte inesperada. Kairos também representa a boa oportunidade, o momento conveniente. Em cada competição em Olímpia, apenas um competidor receberia as glórias de campeão, mas, na circunstância em que se encontra, Neoptólemo, se vencer nesta etapa, dividirá as glórias futuras em Troia. A invocação de Atena, deusa da cidade e protetora de Odisseu em Homero está fortemente vinculada com a dissimulação e com a sabedoria. Sem Atena, o filho de Laertes teria sido reconhecido pelos pretendentes de Penélope ao chegar em sua casa e em outros momentos. Essa dupla invocação, contudo, não será suficiente a Odisseu, que verá seu

plano falhar até a chegada de Hércules como *deus ex machina*.

É interessante notar o comentário do coro no párodo, quando se pergunta como deve proceder diante do plano proposto:

A ti, ó filho, veio este
poder primevo todo. Diga-me
no que é preciso servir-te.

σὲ δ', ὦ τέκνον, τόδ' ἐλήλυθεν
πᾶν κράτος ὠγύγιον· τό μοι ἔννεπε
τί σοι χρεῶν ὑπουργεῖν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 141-143)

Vemos “os marinheiros do coro não apenas como personagens populares, mas também como homens totalmente desprovidos de hesitações éticas, visão política e ideais dos líderes” (PUCCI, 2003, p. 180), questionando Neoptólemo sobre como devem servi-lo diante das circunstâncias que se encontram e mencionando o poder primevo que agora recai sobre o jovem.

O primeiro contato de Neoptólemo com Filoctetes se dá no verso 219, quando o desterrado entra em cena. Desde o primeiro momento, o herói massacrado pelos anos de abandono, isolamento e anseio de contato humano trata os recém-chegados com muito tato. Pucci (2003, p. 188) informa, retomando o comentário de Jebb (2004, p. 44) que as primeiras palavras pronunciadas por Filoctetes, “Ai, estrangeiros, Ἴὼ ξένοι,” (Sófocles, *Filoctetes*, 219) estão “(...) fora do trímetro iâmbico, como acontece frequentemente na explosão da doença de Filoctetes, [que] rompe o fluir rítmico e sugere um distanciamento, uma violência expressiva” (2003, p. 188). Filoctetes está ciente de sua condição repulsiva e, depois de especular de onde seriam, de onde teriam vindo, tenta não repelir os recém-chegados:

Desejo ouvir a voz. E, com medo de mim,
não fujais aterrorizados por meu estado selvagem,
Mas tendo pena de um homem desgraçado, sozinho,
desolado, assim sem amigos, arruinado
falai, se realmente viestes como amigos.

φωνῆς δ' ἀκοῦσαι βούλομαι· καὶ μὴ μ' ὄκνω
δείσαντες ἐκπλαγῆτ' ἀπηγριωμένον,
ἀλλ' οἰκτίσαντες ἄνδρα δύστηνον, μόνον,
ἔρῃμον ὧδε κᾶφιλον, κακούμενον
φωνήσατ', εἴπερ ὡς φίλοι προσήκετε.
(Sófocles, *Filoctetes*, 225-229)

Dessa forma, o herói busca assegurar sua interação com os estranhos, condição *sine qua non* para a resolução de seus problemas e para seu resgate. O procedimento inicial de Filoctetes é tentar inspirar piedade nos homens que encontra atribuindo a si mesmo

predicados condolentes, tentando estabelecer o reconhecimento de sua condição de penúria como condicionante da vinculação, isto é, nos termos de Filoctetes, basta que os recém-chegados não fujam para que se crie uma relação mínima com o desterrado. O contraste com a figura furiosa descrita por Odisseu é gigantesca e Neoptólemo não pode deixar de perceber isso. O guerreiro ameaçador, portador de armas terríveis, apresenta-se como um miserável que implora simplesmente por contato humano.

No verso 230, Filoctetes estabelece um juízo de valor sobre a possibilidade de não ser respondido ao dizer:

Mas respondi, pois não é justo eu
isso de vos errar, nem vós a mim.

Ἄλλ' ἀνταμείψασθ'· οὐ γὰρ εἰκὸς οὔτ' ἐμὲ
ὑμῶν ἀμαρτεῖν τοῦτό γ' οὔθ' ὑμᾶς ἐμοῦ.
(Sófocles, *Filoctetes*, 230-1)

Filoctetes afasta-se um pouco do anterior tom de humilde súplica para pronunciar uma sentença que também condiciona a posição de cooperação dos estrangeiros. Já percebe-se aqui um recurso de persuasão utilizado por Filoctetes, que é justamente a criação ou o estabelecimento de pressupostos morais com os quais constitui um referente implícito acerca da possibilidade de ações e decisões de seus interlocutores. Esse recurso torna-se muito relevante diante de um jovem indeciso e inexperiente como Neoptólemo que busca nos heróis mais velhos maneiras para a aquisição de glórias e reconhecimento similares aos de seu pai. Filoctetes defende um conjunto de valores diferente do de Odisseu, mas utiliza algumas estratégias de persuasão similares as do filho de Laertes para demonstrar seu posicionamento e suas convicções. Identificar se está lidando com possíveis aliados ou possíveis inimigos é, para Filoctetes, antes de mais nada, uma questão de sobrevivência e secundariamente de estratégia. Mesmo que ambas as partes compactuem com um mesmo código moral, a possibilidade de resgate passa por uma negociação entre completos estranhos que precisam descobrir o que podem oferecer uns aos outros. Filoctetes, pouco a pouco, entendendo que não são hostis esses estranhos que dele se aproximam, direciona cada vez mais seus elogios genéricos no início de suas falas. Neoptólemo primeiro identifica-se como grego no verso 233 e como filho de Aquiles no verso 241.

[Neoptólemo] Sou natural da ilha
de Ciro. Navego para casa. Chamo-me filho
de Aquiles, Neoptólemo. Já sabes tudo.

[Filoctetes] Ó filho do mais querido pai, ó da amada terra,
ó descendente do velho Licomedes, com que
Expedição aproximas-te desta terra? De onde navegas?

[NE.] Ἐγὼ γένος μὲν εἰμι τῆς περιρρύτου
 Σκύρου· πλέω δ' ἐς οἶκον· αὐδῶμαι δὲ παῖς
 Ἀχιλλέως, Νεοπτόλεμος, οἷσθ' ἤδη τὸ πᾶν.
 [ΦΙ.] ὦ φιλάτου παῖ πατρός, ὦ φίλης χθονός,
 ὦ τοῦ γέροντος θρέμμα Λυκομήδους, τίτι
 στόλω προσέσχες τήνδε γῆν; πόθεν πλέων;
 (Sófocles, *Filoctetes*, 239-244)

A partir de então, o desterrado passa a atribuir predicados nobres ao jovem o que também pode ser visto como mais uma forma de persuasão, uma vez que, vinculando os predicados dos que estão presentes aos predicados do nobre Aquiles, Filoctetes estabelece um vínculo entre as gerações e principalmente entre o código de conduta de pai e filho opostas à conduta daquele que o abandonou em Lemnos, Odisseu. Trata-se de uma oportunidade concreta de retorno ao convívio humano. Predicar e identificar interlocutores é uma maneira de criar uma relação de cooperação entre as partes, vinculando questões de identidade com questões de ética.

Logo a seguir, Neoptólemo revela que vem de Ílion, o que surpreende Filoctetes, uma vez que o jovem filho de Aquiles não fazia parte da expedição inicial. No verso 248, causando grande pesar ao herói abandonado, Neoptólemo, fingindo não saber com quem está falando, pergunta se seu interlocutor também participou daquela investida.

[Neoptólemo] Pois tomaste também tu parte deste sofrimento?
 [Filoctetes] Ó filho, pois não reconheces este que contemplos?
 [Neoptólemo] Mas como reconhecer quem nunca vi?
 [Filoctetes] Nem o nome, nem rumor dos meus males,
 conheceste, que me destruíam?
 [Neoptólemo] Sabe que nada sei do que me perguntas.

[NE.] Ἡ γὰρ μετέσχες καὶ σὺ τοῦδε τοῦ πόνου;
 [ΦΙ.] ὦ τέκνον, οὐ γὰρ οἶσθά μ' ὄντιν' εἰσορᾷς;
 [NE.] Πῶς γὰρ κάτοιδ' ὄν γ' εἶδον οὐδεπώποτε;
 [ΦΙ.] Οὐδ' ὄνομ' <ἄρ'> οὐδὲ τῶν ἐμῶν κακῶν κλέος
 ἦσθου ποτ' οὐδέν, οἷς ἐγὼ διωλλύμην;
 [NE.] Ὡς μηδὲν εἶδότη' ἴσθι μ' ὦν ἀνιστορεῖς.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 248-53)

Filoctetes, em um dos momentos mais comoventes da tragédia, diante da possibilidade de seu sofrimento ser ignorado por todos e da possibilidade de o filho de Aquiles o desconhecer, se desespera com a possibilidade de seu desterro ter afetado até mesmo sua fama e reputação como herói, tornando seu abandono e isolamento ainda maiores do que imaginava através do esquecimento, desterrado até mesmo da história. Essa fala de Neoptólemo dá abertura para que Filoctetes faça um relato de seus infortúnios, entremeando informações sobre si mesmo com acusações direcionadas aos chefes gregos. Na tentativa de despertar a

compaixão do jovem, entre os versos 276 e 316, Filoctetes relata detalhadamente seus males, apelando até mesmo para a imaginação do jovem.

Onde, com efeito, filho, supões em que condição me encontrava,
apartado de todos, quando despertei do sono?
como chorei e lamentei a desgraça?
Vendo que as naus com as quais tinha navegado
tinham partido, nenhum homem no local,
ninguém que me ajudasse, ninguém que, da chaga eu
sofrendo, me amparasse. Procurando por toda a parte,
nada encontrava além da presença do sofrer
e isso, em grande quantidade, ó filho.

οὐ δὴ, τέκνον, ποίαν μ' ἀνάστασιν δοκεῖς
αὐτῶν βεβῶτων ἐξ ὕπνου στήναι τότε;
ποῖ' ἐκδακρῦσαι, ποῖ' ἀποιμῶξαι κακά;
ὄρωντα μὲν ναῦς ἅς ἔχων ἐναυστόλουν
πάσας βεβῶσας, ἄνδρα δ' οὐδέν' ἔντοπον,
οὐχ ὅστις ἀρκέσειεν, οὐδ' ὅστις νόσου
κάμνοντι συλλάβοιτο, πάντα δὲ σκοπῶν
ἠῦρισκον οὐδέν πλὴν ἀνιᾶσθαι παρόν,
τούτου δὲ πολλὴν εὐμάρειαν, ὦ τέκνον
(Sófocles, *Filoctetes* 276-284).

Vemos aqui um recurso similar ao que foi utilizado por Odisseu no prólogo. Um personagem toma a palavra e passa a narrar¹¹ eventos, um procedimento comum em Sófocles, propondo assim uma interpretação própria de fatos, em vez de apenas mencionar elementos ou ocorrências que possam ser reconhecidas pelo público. Nesse contexto, há uma dualidade entre Odisseu e Filoctetes que determina suas interações com o jovem filho de Aquiles. Roberts propõe que

Para Filoctetes, há ou deveria haver uma coerência entre passado, presente e futuro; em particular, o passado controla o presente e o futuro poderosamente. [...] Para Odisseu, pelo contrário, o passado pode geralmente ser desconsiderado e o presente está a serviço, embora desatrelado, do futuro. [...] Neoptólemo, nesse como em outros sentidos, encontra-se entre os dois. Ele não despreza nem ignora a relação do passado, presente e futuro, mas demora algum tempo para descobrir o que essa relação significa para ele. (ROBERTS, 1989, p. 175).

Odisseu tem a capacidade de desvincular passado, presente e futuro. Isolando porções de tempo, o filho de Laertes pode, por exemplo, garantir e propor a Neoptólemo que aja de forma contrária a sua própria natureza sem vinculação posterior, garantindo que no futuro será reconhecido de maneira nobre, independentemente de seus atos passados. No verso 1049, Odisseu diz:

Pois seja qual for o homem necessário, eu sou tal homem.
Onde quer que exista uma escolha entre homens justos e excelentes,

11 Para mais detalhes sobre os procedimentos narrativos utilizados por Sófocles especialmente no *Filoctetes*, cf. ROBERTS, Deborah. Different stories: sophoclean narrative(s) in the Philoctetes. **Transactions of the American Philological Association** (1974-), v. 119, p. 161-176, 1989.

nenhum outro mais pio do que eu escolherias.

Οὐ γὰρ τοιούτων δεῖ, τοιοῦτός εἰμ' ἐγώ·
 χῶπου δικαίων κάγαθῶν ἀνδρῶν κρίσις,
 οὐκ ἂν λάβοις μου μᾶλλον οὐδέν' εὐσεβῆ.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1049-1051)

Esses versos possivelmente oferecem a principal evidência do posicionamento pragmático de Odisseu, em que a circunstância condiciona a ação. Nesses versos, Odisseu revela todo o alcance de seu pragmatismo, desprendimento moral e dedicação ao sucesso sem livrar-se completamente do compasso moral. Para Odisseu, o pragmatismo e a observância da boa conduta são completamente conciliáveis e não oferecem nenhum tipo de prejuízo. Essa contradição sinaliza uma tremenda autonomia de Odisseu em determinar seu próprio código moral em relação àquele incentivado e supostamente aceito em larga escala pela sociedade. Em Sófocles, como nota Pucci (2003, p. 282) o termo εὐσεβής, traduzido aqui como pio, referente à noção de εὐσέβεια, tradicionalmente entendido como honestidade e observância dos costumes religiosos, não pode ser facilmente determinado. O filho de Laertes submete o procedimento ao objetivo justo, criando assim uma instância ulterior de julgamento e validação de suas ações, mas sem revelá-la, desvinculando completamente o aspecto cronológico das decisões morais. Para Filoctetes, por outro lado, a desvinculação temporal é impossível. Sua situação presente é totalmente condicionada por eventos passados e não há relativismo moral que modifique as circunstâncias em que se encontra. O sofrimento de dez anos são praticamente indistinguíveis em sua repetitiva constância como podemos identificar no verso 285:

E o tempo para mim passou, dia após dia,

Ὅ μὲν χρόνος νῦν διὰ χρόνου προὔβαινέ μοι,
 (Sófocles, *Filoctetes*, 285).

A partir de então, Filoctetes descreve em minúcia sua vida na ilha, o que se constitui como uma importante demonstração de como suas ações são pautadas pelas necessidades mais primordiais e elementares.

e era preciso, sob este pequeno abrigo, sozinho,
 providenciar o necessário. Ao estômago, o que convinha,
 com este arco encontrava, as aladas
 pombas acertava. Para alcançar as que tivesse acertado,
 a pronta flecha, eu mesmo sofrendo
 teria que me arrastar, com o pé ferido.
 E se precisava de algo para beber ou
 quando se espalhava gelo, tal como no inverno,
 quebrava lenha, também isso fazia com o mesmo sofrimento.
 Fogo, então, não havia,

Mas, esfregando pedra com pedra, apenas
fraca luz produzia, que também sempre me salva.
Vivendo assim, o covil com fogo
me dá tudo, menos a cura de meu mal.

κᾶδει τι βαιᾶ τῆδ' ὑπὸ στέγη μόνον
διακονεῖσθαι· γαστρὶ μὲν τὰ σύμφορα
τόξον τόδ' ἐξηύρισκε, τὰς ὑποπτέρους
βάλλον πελείας· πρὸς δὲ τοῦθ' ὅ μοι βάλοι
νευροσπαδῆς ἄτρακτος, αὐτὸς ἄν τάλας
εἰλυόμην, δύστηνον ἐξέλκων πόδα,
πρὸς τοῦτ' ἄν· εἴ τ' ἔδει τι καὶ ποτὸν λαβεῖν,
καί που πάγου χυθέντος, οἷα χεῖματι,
ξύλον τι θραῦσαι, ταῦτ' ἄν ἐξέρπων τάλας
ἐμηχανώμην· εἶτα πῦρ ἄν οὐ παρῆν,
ἀλλ' ἐν πέτροισι πέτρον ἐκτρίβων, μόλις
ἔφην' ἄφαντον φῶς, ὃ καὶ σῶζει μ' αἰεὶ.
Οἴκουμένη γὰρ οὖν στέγη πυρὸς μέτα
πάντ' ἐκπορίζει πλὴν τὸ μὴ νοσεῖν ἐμέ
(Sófocles, *Filoctetes*, 286-299)

Na descrição da situação extrema em que se encontra, Filoctetes coloca em uma situação delicada quem quer que recuse auxiliá-lo, pois esse poderia rebaixar-se a um *status* menos civilizado por sua recusa. Nesse instante, a principal diferença entre Filoctetes – incapaz de traçar planos futuros, vivendo dia após dia motivado por suas mais básicas necessidades – dos animais da ilha é sua momentânea capacidade narrativa dada unicamente pela presença de Neoptólemo e do coro com quem dialoga. No resto do tempo, é o uso de ferramentas complexas que o diferencia da fauna da ilha.

Agora, filho, aprenderás algo da ilha:
nenhum marinheiro se aproxima propositalmente,
pois nenhuma ancoragem há, nem lugar onde, navegando,
possa negociar algum lucro ou tratado.
Nenhuma das viagens dos mortais com mente sã chega aqui,
se por acaso, alguém chega por engano, pois muitos desses
podem acontecer na longa vida dos homens,
esses, quando vêm, ó filho, palavras
piedosas e também alguma porção de alimento,
tomados de pena, ou algum trapo me dão.
Isto, por outro lado, quando quer que eu lembre, ninguém quer:
salvar-me para casa, mas arruíno-me em sofrimento.
De lá pra cá, foram dez anos de fome e
infortúnio alimentando essa doença que me come pelo pé.

Φέρ', ὦ τέκνον, νῦν καὶ τὸ τῆς νήσου μάθης.
Ταύτη πελάζει ναυβάτης οὐδεὶς ἐκῶν·
οὐ γάρ τις ὄρμος ἔστιν, οὐδ' ὅποι πλέων
ἐξεμπολήσει κέρδος ἢ ξενώσεται.
Οὐκ ἐνθάδ' οἱ πλοῖ τοῖσι σώφροσιν βροτῶν.
Τάχ' οὖν τις ἄκων ἔσχε· πολλὰ γὰρ τάδε
ἐν τῷ μακρῷ γένοιτ' ἄν ἀνθρώπων χρόνῳ.
Οὗτοί μ', ὅταν μὴ λώσιν, ὦ τέκνον, λόγοις
ἐλεοῦσι μέν, καί πού τι καὶ βορᾶς μέρος

προσέδοσαν οἰκτίραντες, ἢ τινα στολήν·
 ἐκεῖνο δ' οὐδεῖς, ἦνίκ' ἄν μνησθῶ, θέλει,
 σῶσαί μ' ἐς οἴκους, ἀλλ' ἀπόλλυμαι τάλας
 ἔτος τόδ' ἤδη δέκατον ἐν λιμῶ τε καὶ
 κακοῖσι βόσκων τὴν ἀδηράγον νόσον.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 300-313).

O isolamento de Filoctetes é tal que até a própria ilha de Lemnos, na versão de Sófocles, encontra-se fora de qualquer rota marítima. Os poucos humanos com quem Filoctetes eventualmente encontra pouco o auxiliam e sempre se recusam a resgatá-lo. O pouco que consegue serve, dada a sua condição de limitada sobrevivência, para alimentar sua própria doença. Essas esmolas e palavras de pena criam uma oposição ao salvamento do herói degredado. Nessa oposição entre palavras e ações, a identidade de Neoptólemo como filho de Aquiles serve para diferenciar o jovem de todos os outros que passaram pela ilha, constituindo assim, pela vinculação de Neoptólemo com o espectro da ação, ainda mais uma maneira de tentar persuadir o jovem e garantir sua salvação. Antes mesmo de saber quais são as motivações de Neoptólemo ou a suposta razão pela qual teria partido de Ílion, Filoctetes, ansiosamente se antecipa e revela sua posição hostil aos responsáveis pelo seu abandono em Lemnos nos versos finais dessa sua fala.

Isso, os Atridas e a prepotência de Odisseu,
 ó menino, me fizeram. Que os deuses olímpicos
 deem-lhes um dia como vingança o meu sofrimento.

Τοιαῦτ' Ἀτρεΐδαί μ' ἦ τ' Ὀδυσσέως βία,
 ὦ παῖ, δεδράκασ', οἷς Ὀλύμπιοι θεοὶ
 δοῖέν ποτ' αὐτοῖς ἀντίποιον' ἔμοῦ παθεῖν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 314-316)

Essa mesma oposição entre ação e palavras reaparecerá nos versos 407 a 409 em que Filoctetes enquadra Odisseu entre seus inimigos, caracterizando-o principalmente como um embusteiro e acrescentando que qualquer iniciativa que provenha das palavras do filho de Laertes pode alcançar alguma justiça.

Pois bem sei que de Odisseu, todas palavras
 que tocou com a língua são más e vis
 das quais nenhum objetivo justo pode-se alcançar.

Ἐξοῖδα γάρ νιν παντὸς ἄν λόγου κακοῦ
 γλώσση θιγόντα καὶ πανουργίας ἀφ' ἧς
 μηδὲν δίκαιον ἐς τέλος μέλλοι ποεῖν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 407-409)

Quando o Laertiáde tenta persuadir Neoptólemo a aderir a sua intriga, evidencia-se que o plano proposto contraria a suposta natureza do jovem e baseia-se na mentira. Com essa

fala, Filoctetes confirma e relembra Neoptólemo da desonestidade de sua opção por reafirmar a ignominia da ação que, se provém de Odisseu, certamente não pode ser justa e honesta, visto que qualquer palavra tocada pela língua do filho de Laertes não pode sequer conduzir a feitos justos. Sendo assim, a própria persuasão de Neoptólemo seria injusta. Mesmo sem total conhecimento da situação, Filoctetes, baseado em suas convicções anteriores, coloca o jovem filho de Aquiles em uma posição delicada, pois um grande herói portador das armas de Hércules, muito mais experiente que o jovem e em uma situação em que não tem mais nada a perder expõe um posicionamento convincente sobre a impossibilidade de alcançar glória e honra através de uma violação de um código de conduta antigo.

Quando Filoctetes pergunta sobre quais heróis ainda estão vivos, Neoptólemo responde à revolta do filho de Poiante ao descobrir que os homens que admira estão mortos e que Odisseu ainda vive, dizendo:

Inteligente combatente aquele, mas também as mentes
inteligentes, Filoctetes, muitas vezes se enleiam.

Σοφὸς παλαιστῆς κείνος, ἀλλὰ καὶ σοφαὶ
γνώμαι, Φιλοκτῆτ', ἐμποδίζονται θαμά.
(Sófocles, *Filoctetes*, 430-1)

É importante salientar aqui o uso do termo σοφός por Neoptólemo com respeito a Odisseu. Austin (2011, p. 47-50) remete aos usos do termo antes do movimento sofístico ateniense, como, por exemplo, em Homero, em que “(...) denota habilidade, qualquer tipo especial de habilidade” (ibidem, p. 47). O tipo de sabedoria de Odisseu difere do de Nestor a quem mencionaram antes no diálogo. Pode-se ler aqui novamente a oposição entre um conjunto de valores dos heróis homéricos, como Nestor, a quem Filoctetes aproxima de Aquiles como pertencentes ao grupo dos bons e nobres, e Odisseu, cujo sofisma se constitui no principal recurso para enganar Filoctetes. Nessa frase, Neoptólemo chama Filoctetes pelo nome pela primeira vez, em vez de chamá-lo de estrangeiro como vinha fazendo, e levanta a hipótese de que é possível que mentes inteligentes, como a de Odisseu de quem estão falando, possam falhar. Isso pode ser lido como um indício de que o jovem está tentando se aproximar do desterrado, tentando intensificar o vínculo entre os dois. Pucci sugere que Neoptólemo estaria tentando amenizar a frustração de Filoctetes ao saber que Odisseu ainda vive sugerindo que é possível que o filho de Laertes venha a falhar (2003, p. 211), remetendo não apenas ao plano de Odisseu e os desígnios dos argivos, mas também à fragilidade e falibilidade tanto dos planos quanto das concepções humanas.

Diante da revolta com as injustiças da guerra, Neoptólemo resume a seguir remetendo a uma visão popular sobre a guerra.

Ele também está morto. Em breves palavras te
Explicarei isso: por si, a guerra nenhum homem
Mau toma, mas os bons sempre.

Χοῦτος τεθνηκῶς ἦν· λόγῳ δέ σ' <έν> βραχεῖ
τοῦτ' ἐκδιδάξω. πόλεμος οὐδέν' ἄνδρ' ἐκῶν
αἰρεῖ πονηρόν, ἀλλὰ τοὺς χρηστοὺς αἰεὶ.
(Sófocles, *Filoctetes*, 435-7)

Bowra (1970, p. 277) identifica repetições dessa mesma ideia em Ésquilo (Fragmento 100), Eurípides (Fragmento 728) e até mesmo em Sófocles (Fragmento 724) e acrescenta que era com “linguagem semelhante que os gregos honravam os mortos em batalha, como quando Anacreonte celebra o falecido Timocrito” (ibidem, p. 277). Neoptólemo aqui aponta também para a morte de seu pai e para a sobrevivência de homens como Aquiles, culpando a guerra propriamente, enquanto Filoctetes culpa os deuses:

Certamente, visto que nenhum vil pereceu,
mas bem os adornam os deuses
e assim a corja e os maliciosos
regojizam retornando do Hades, mas
sempre despacham o justo e o virtuoso.
Como se pode compreender isso, como exaltar, se quando quer que
se louva os divinos, descubro os maus?

Ἔμελλ'· ἐπεὶ οὐδέν πω κακόν γ' ἀπάλετο,
ἀλλ' εὖ περιστέλλουσιν αὐτὰ δαίμονες·
καὶ πῶς τὰ μὲν πανοῦργα καὶ παλιντριβῆ
χαίρουσ' ἀναστρέφοντες ἐξ Ἰδίου, τὰ δὲ
δίκαια καὶ τὰ χρῆστ' ἀποστέλλουσ' αἰεὶ.
Ποῦ χρῆ τίθεσθαι ταῦτα, ποῦ δ' αἰνεῖν, ὅταν
τὰ θεῖ' ἐπαθρῶν τοὺς θεοὺς εὖρω κακοῦς;
(Sófocles, *Filoctetes*, 446-452)

Pucci, nesse ponto, comenta que Neoptólemo cria uma aproximação entre Tersites e Odisseu (2003, p. 213) e que tal ideia é “uma visão popular, da qual numerosos textos são prova” (2003, p. 212). É interessante destacar que a resposta do jovem filho de Aquiles que Tersites estaria vivo pode ser parte do embuste, já que na *Etiópida* de Actino de Mileto, poema épico do ciclo troiano provavelmente do século VII a.C., lê-se que o próprio Aquiles teria matado Tersites. (cf. PUCCI, 2003, p. 213)

Neoptólemo, então, acreditando ter sucedido na primeira etapa de sua missão, despede-se de Filoctetes exaltando seu amor pela terra natal. Dessa maneira, o jovem filho de Aquiles aproxima-se ainda mais de Filoctetes no anseio por retornar ao lar, uma vez livre das injustiças e indignidades dos argivos, injustiças e indignidades em que está envolvido

agora por uma decisão sua, como nota Pucci (2003, p. 216).

Mas a pétrea Ciro a mim será suficiente
no futuro, de modo a aprazer-me como lar.
Agora vou para a nau. E tu, filho de Poiante,
adeus, de todo o coração adeus. E que os deuses
da doença te curem, assim como queres.
Partamos, para, quando quer que um deus
navegar nos permita, então partamos.

ἀλλ' ἡ πετραία Σκυῖρος ἔξαρκοῦσά μοι
ἔσται τὸ λοιπόν, ὥστε τέρπεσθαι δόμῳ.
Νῦν δ' εἶμι πρὸς ναῦν· καὶ σύ, Ποιάντος τέκνον,
χαῖρ' ὡς μέγιστα, χαῖρε· καί σε δαίμονες
νόσου μεταστήσειαν ὡς αὐτὸς θέλεις.
Ἡμεῖς δ' ἴωμεν, ὡς ὀπηνίκ' ἄν θεὸς
πλοῦν ἡμῖν εἴκη, τῆνικαῦθ' ὀρμώμεθα.
(Sófocles, *Filoctetes*, 459-465)

Com essas palavras, Neoptólemo cria uma certa suspensão no vínculo de compaixão que vinha criando com Filoctetes e, com a ameaça de partir, obriga o herói ferido a implorar aberta e humilhantermente por sua salvação. Ao despedir-se, Neoptólemo sarcasticamente deseja saúde ao filho de Poiante, exaltando a esperança de que os mesmos deuses aos quais o próprio Filoctetes amaldiçoou e culpou por seus infortúnios no verso 447. Ironicamente será pela vontade dos deuses que o desterrado será curado em Ílion, conforme foi revelado pela profecia e como pode-se constatar com a intervenção divina de Hércules ao final da tragédia.

Obviamente o jovem aguarda o desesperado pedido de resgate do desterrado. A partir do verso 468, Filoctetes passa a suplicar diretamente a Neoptólemo, recorrendo primeiro à ligação paterna e materna do jovem e a seguir à tradição supostamente constituída no lar do jovem, recorrendo sempre a sentimentos de compaixão e piedade em uma longa súplica pelo seu resgate.

Agora, pelo teu pai, pela tua mãe, ó filho,
Pelo que te é querido em teu lar,
Venho como suplicante, não me deixes assim sozinho,
Abandonado em tamanhas desgraças, tal como vês,
em que vivo, como me ouviste dizer.

Πρὸς νῦν σε πατρός, πρὸς τε μητρός, ὦ τέκνον,
πρὸς τ' εἴ τί σοι κατ' οἶκόν ἐστι προσφιλές,
ἰκέτης ἱκνοῦμαι, μὴ λίπης μ' οὔτω μόνον,
ἔρημον ἐν κακοῖσι τοῖσδ' οἴοις ὄρας
ὅσοισί τ' ἐξήκουσας ἐνναίοντά με·
(Sófocles, *Filoctetes*, 468-472)

O desespero de Filoctetes leva-o a implorar para ser levado como carga e não como passageiro do navio de Neoptólemo, dando continuidade à possibilidade de manter-se desumanizado e brutalizado por causa da condição em que se encontra. A súplica é presente

na literatura grega. Temos exemplos no começo e no fim da *Ilíada* em que Tétis implora a Zeus e quando Príamo implora a Aquiles pelo retorno do corpo de Heitor, bem com nas *Suplicantes* de Ésquilo. Visto que o apelo ao lar, à família e à honra pareceu não surtir efeito, o desterrado invocará o próprio Zeus, deus dos suplicantes, no verso 484, na tentativa de persuadir Neoptólemo. Filoctetes entende que sua doença é repulsiva e pode repugnar os marinheiros, mas pede ao filho de Aquiles que suporte essa dificuldade lançando mão de um juízo de valor acerca de uma suposta verdadeira nobreza, criando assim um contraste com a fala de Odisseu. Filoctetes cria uma relação entre o seu resgate e a glória. Suportando momentaneamente os odores durante o seu transporte, pode-se alcançar a glória. Para isso, Filoctetes argumenta que tudo que conduz à glória é atraente a quem é verdadeiramente nobre.

Coloca-me como carga. A náusea que emana,
desta carga bem sei que será muita.
Mesmo assim, suporta! Para a verdadeira nobreza,
o que envergonha é repulsivo e o que glorifica é atrativo.

ἀλλ' ἐν παρέργῳ θοῦ με. Δυσχέρεια μὲν,
ἔξοιδα, πολλὴ τοῦδε τοῦ φορήματος·
ὅμως δὲ τλήθι· τοῖσι γενναίοισί τοι
τό τ' αἰσχρὸν ἐχθρὸν καὶ τὸ χρηστὸν εὐκλεές.
(Sófocles, *Filoctetes*, 473-476)

Odisseu também fez uma promessa de glória no prólogo e estabeleceu condições para a realização do feito. Filoctetes, de certa forma, também condiciona questões de honra ao seu resgate. A oferta do desterrado, entretanto, se aproxima mais da natureza que deveria ser herdada, tomando conhecimento de uma outra linha de conduta que permitiria ao jovem assumir uma posição mais próxima ao suposto código de conduta de seu pai.

Falhando nisso, tua desonra não será bela
Fazendo isso, ó criança, [alcançará] a maior glória que da honra provém,
eu retornaria vivo para minha terra do Eta.

Σοὶ δ', ἐκλιπόντι τοῦτ', ὄνειδος οὐ καλόν,
δράσαντι δ', ὦ παῖ, πλεῖστον εὐκλείας γέρας,
ἐὰν μὲν ἄλλω γὰρ ζῶν πρὸς Οἰταίαν χθόνα.
(Sófocles, *Filoctetes*, 477-479)

A seguir, nos versos 480 e 481, encontramos uma exortação semelhante à que foi feita por Odisseu no verso 81 e seguintes. O portador do arco de Hércules afirma que o resgate durará menos que um dia e incentiva Neoptólemo a ousar, alterando apenas o aspecto verbal utilizado por Odisseu. Pucci, citando Fraenkel, nota que há certamente uma pausa no verso 483, onde “Filoctetes exauriu todos os temas da súplica (...) Mas Neoptólemo não responde e

Filoctetes altera o tom e recorre à súplica ritual” (2003, p. 219).

Vamos, a labuta não tomará um dia inteiro,
Ousa! Atira-me onde quiseres, levando
Na sentina, na proa, na popa, onde quer que
Menos transtorno eu cause aos que estiverem junto.
Consente, pelo próprio Zeus Suplicante, filho,
te convence! Caio de joelhos, mesmo estando
inválido, desgraçado, coxo. Mas não me deixes
sozinho assim, apartado do caminho dos homens.
Mas me salva levando-me ou para tua casa
ou para Eubeia onde mora Calcodonte.

Ἴθ', ἡμέρας τοι μόχθος οὐχ ὅλης μιᾶς,
τόλμησον, ἐμβαλοῦ μ' ὅπη θέλεις ἄγων,
εἰς ἀντλίαν, εἰς πρῶραν, εἰς πρύμναν, ὅπου
ἦκιστα μέλλω τοὺς ξυνόντας ἀλγυνεῖν.
Νεῦσον, πρὸς αὐτοῦ Ζηνὸς Ἴκεσίου, τέκνον,
πέισθητι· προσπίτνω σε γόνασι, καίπερ ὦν
ἄκράτωρ ὁ τλήμων, χωλός. Ἀλλὰ μὴ μ' ἀφῆς
ἔρημον οὕτω χωρὶς ἀνθρώπων στίβου,
ἀλλ' ἢ πρὸς οἶκον τὸν σὸν ἐκσωσόν μ' ἄγων,
ἢ πρὸς τὰ Χαλκῳδοντος Εὐβοίας σταθμά·
(Sófocles, *Filoctetes*, 480-489)

Transparece o paralelo entre as tentativas de Odisseu e Filoctetes de persuadir Neoptólemo a agir conforme é conveniente a cada um dos heróis. Ambos pedem que o jovem suporte, por um lapso de tempo menor que um dia, circunstâncias que lhe são repugnantes para que futuramente, através de sua ousadia, durante a maior parte do tempo, o filho de Aquiles possa desfrutar de predicados que lhe parecem atraentes, como “nobre” e “glorioso”. No caso de Odisseu, é preciso aderir ao engodo, e no caso de Filoctetes, suportar o asco da chaga. Austin resume o dilema enfrentado pelo jovem filho de Aquiles da seguinte forma:

O Neoptólemo dessa tragédia deve ser duas pessoas, representando não apenas dois caracteres diferentes, mas também duas épocas muito diferentes. Deve ser o antigo herói no modelo de Aquiles, um guerreiro da Idade do Bronze que estaria presente na *Ilíada* de Homero. Mas a esse antigo e quase obsoleto personagem deve-se anexar uma segunda persona que deve ser tanto o hoplita ateniense quanto pensador progressista do século V, completamente livre do obsoleto ethos homérico. Para lidar com essa dicotomia, ele deve ser filho de dois pais, ser um Aquiles em seu físico mas se tornar um Odisseu em sua mente. (AUSTIN, 2011, p. 56)

Nos versos 500 a 506, encontramos o momento conclusivo da súplica de Filoctetes que parece tomar um último fôlego, um último esforço de persuadir Neoptólemo através da compaixão e da pena. Nos versos finais desse trecho, de 504 a 506, “a peroração termina, como é agora frequente, com uma máxima, cf. *Édipo Tirano* 56-7, *Ájax* 523-4, *Édipo em Colono* 1344-5, etc.” (PUCCI, 2003, p. 221). Há dúvidas sobre a possibilidade de tratar-se de uma interpolação. Lloyd-Jones e outros editores do texto sofocliano colocam esses versos

entre colchetes, mas, como nota Pucci, “esses versos não são irrelevantes, como sustentam seus negadores, mas se adaptam bem, tanto no tom geral, quanto a Neoptólemo. Ele se encontra fora dos males, mas deve cuidar para que não lhe aconteça algo oculto e lhe arruíne a vida feliz.” (ibidem, p. 221).

Agora, a ti, como guia e mesmo mensageiro,
venho, salva-me, tem pena de mim, percebendo
como tudo é terrível e perigoso aos mortais
tanto no bem viver, quanto no sofrer.
É preciso, estando longe da miséria, ver as desgraças
Quando se vive bem, nessa hora, a vida,
mais que tudo, é preciso examinar, para que não se arruíne sem perceber.

Νῦν δ', ἐς σὲ γὰρ πομπόν τε καὶ τὸν ἄγγελον
ἦκω, σὺ σῶσον, σὺ μ' ἐλέησον, εἰσορῶν
ὡς πάντα δεινὰ κάπικινδύνως βροτοῖς
κεῖται παθεῖν μὲν εὖ, παθεῖν δὲ θᾶτερα.
[Χρὴ δ' ἐκτὸς ὄντα πημάτων τὰ δειν' ὄραϊν,
χῶταν τις εὖ ζῆ, τηνικαῦτα τὸν βίον
σκοπεῖν μάλιστα μὴ διαφθαρεῖς λάθῃ.]
(Sófocles, *Filoctetes*, 500-506)

Reinhardt, comentando a súplica de Filoctetes, diz que “Agora não é apenas um indivíduo desconfiado que é enganado por mentiras, agora sucumbe um coração sem restrições, um ânimo que se entrega inteiramente à aparência de seu próximo.” (2007, p. 199, tradução Oliver Tolle). As condições miseráveis e a humilhante súplica de Filoctetes abalam o jovem Neoptólemo. O efebo que iniciou a tragédia não tinha tomado anteriormente nenhum contato com o sofrimento humano como o de Filoctetes. A condição animalesca do herói desterrado é chocante ao jovem que pela primeira vez conhece o quão cruel podem ser os heróis gregos, um grupo do qual almeja fazer parte. O aviso de Filoctetes ao final da súplica desempenha um papel importante na conscientização do jovem filho de Aquiles, que parece se sensibilizar com a possibilidade de que sua vida se arruíne sem que perceba. Vale ressaltar que, durante o prólogo, não foi feita nenhuma menção à dor ou ao sofrimento de Filoctetes (cf. AUSTIN, 2011, p. 46). Ao testemunhar o sofrimento do desterrado e conversar com o portador do arco, Neoptólemo aprende sobre sua presente condição e sobre a intensidade de sofrimento que é possível alcançar. A hesitação do jovem é justificada, uma vez que, “quando um indivíduo bom mente, então tudo se torna muito mais grave do que quando um mentiroso mente. O 'supera-te' é capturado por um jogo de hesitações, pela aparência de uma rivalidade nobre, de uma vitória sobre si mesmo, como se apenas isso importasse...” (REINHARDT, 2007, p. 200, tradução Oliver Tolle). Com o contato com a realidade do sofrimento de Filoctetes, o jovem Neoptólemo reconhece a possibilidade de que não seja apenas a vitória

sobre si mesmo que importe.

Neoptólemo reage à fala de aprovação do resgate do coro dizendo que é vergonhoso que ele mesmo se mostre menos disposto que seus marinheiros:

É-me vergonhoso parecer menos disposto que tu
em auxiliar o o estrangeiro no momento oportuno.
Vamos! Se é assim, naveguemos! Que se apresse rápido,
Pois a nau o conduzirá e não o recusará.
Apenas os deuses possam salvar-nos desta terra,
e navegar daqui aonde queremos.

Ἄλλ' αἰσχρὰ μέντοι σοῦ γέ μ' ἐνδεέστερον
ξένω φανῆναι πρὸς τὸ καίριον πονεῖν.
Ἄλλ' εἰ δοκεῖ, πλέωμεν, ὀρμάσθω ταχύς·
χὴ ναῦς γὰρ ἄξει κοῦκ ἀπαρνηθήσεται.
Μόνον θεοὶ σῶζοιεν ἔκ τε τῆσδε γῆς
ἡμᾶς ὅποι τ' ἐνθένδε βουλοίμεσθα πλεῖν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 524-529)

Nesse trecho, Neoptólemo “mostra um resíduo de moralidade – não querer ser completamente responsável pelo engano – , mas esse resíduo é falsa consciência que adiciona ao engano” (PUCCI, 2003, p. 225). O jovem não pode mais protelar o embarque e a salvação de Filoctetes sob o risco de pôr a perder a vinculação que já estabeleceu com o desterrado e de até mesmo passar a ser hostilizado pelo portador do arco de Apolo. Neoptólemo ainda está comprometido com o engodo, mas agora tem conhecimento, ainda incipiente, também da situação em que Filoctetes se encontra.

Após o agradecimento e a demonstração de alegria do filho de Poiante, a tentativa de mostrar a caverna e as condições em que vivia a Neoptólemo é interrompida pela chegada do falso mercador, enviado por Odisseu, conforme ele mesmo anunciara que faria nos versos 121-130, caso julgasse haver demora no desenrolar do plano. O personagem do mercador, interpretado pelo mesmo ator que interpreta Odisseu, traz novamente ao palco e ao engrimanço a vontade do filho de Laertes e, por coincidência, a própria voz de Odisseu. As palavras do mercador são novidade para Filoctetes e Neoptólemo, sendo que o filho de Aquiles, embora não conheça em minúcias os detalhes da fala do mercador, certamente reconhece que se trata do enviado de seu comandante. O recém-chegado traz, para o desespero de Filoctetes, mais notícias de Troia. A notícia é que os argivos, ao descobrirem a partida do filho de Aquiles, decidem que Fênix, responsável pela educação de Aquiles, e os filhos de Teseu, Acamas e Demofonte, devem interceptá-lo e reconduzi-lo ao combate em Ílion. Neoptólemo, ao receber tais notícias, começa a improvisar com base nas mentiras do mercador, declarando-se surpreso que o próprio Fênix tenha recebido a incumbência de

buscá-lo e não o próprio Odisseu. O mercador responde, então, que Odisseu e Diomedes, que em outras versões do mito é quem ajuda Odisseu a reconduzir Filoctetes de volta a Troia, preparavam-se, quando da suposta partida do mercador, para buscar um outro homem: Filoctetes. O mercador, fingindo não reconhecer Filoctetes, entretanto, hesita e não revela todas as informações imediatamente, pois recearia comprometer Neoptólemo. Tal hesitação cria mais uma oportunidade para que Neoptólemo reforce seu vínculo com Filoctetes. O mercador, dada sua condição de dependente do favor da armada grega, pede para que o filho de Aquiles não o force a revelar mais nada diante do filho de Poiante:

Ó semente de Aquiles, não me denuncies ao exército,
por dizer o que não devo. Deles muitos
favores recebo pelos serviços que faço, sou um homem pobre.

Ὡ σπέρμ' Ἀχιλλέως, μή με διαβάλης στρατῶ
λέγονθ' ἅ μὴ δεῖ· πόλλ' ἐγὼ κείνων ὑπο
δρῶν ἀντιπάσχω χρηστά θ', οἷ' ἀνὴρ πένης.
(Sófocles, *Filoctetes*, 582-584)

Neoptólemo responde, então, que o mercador deve revelar tudo na frente de Filoctetes, uma vez que ele é seu amigo por também odiar os atridas. Dessa forma, o filho de Aquiles informa o mensageiro que o portador do arco já está do seu lado, indicando-lhe em alguma medida o andamento do plano.

Eu sou inimigo deles. Este é meu
maior amigo, porque odeia os Atridas.
Com efeito, é-te preciso, tendo vindo a mim como amigo,
não esconder de nós nenhuma das palavras que ouviste.

Ἐγὼ μὴν αὐτοῖς δυσμενής· οὗτος δέ μοι
φίλος μέγιστος, οὐνεκ' Ἀτρείδας στυγεῖ.
Δεῖ δὴ σ', ἔμοιγ' ἐλθόντα προσφιλή, λόγων
κρύψαι πρὸς ἡμᾶς μηδέν ὦν ἀκήκοας.
(Sófocles, *Filoctetes*, 585-588)

A resposta do mercador, no verso 589, revela-se como um alerta ao jovem Neoptólemo, que pode estar arriscando demais ao pedir que revele abertamente o que tem a dizer. Além disso, há a possibilidade de o falso mercador temer indispor-se com seus próprios comandantes por mentir e desviar-se das instruções de Odisseu. As palavras trocadas entre o mercador e Neoptólemo constituem um pequeno diálogo cheio de duplos significados que permite que ambos troquem informações diante de Filoctetes sem que esse entenda completamente do que estão falando.

[Mercador] Olha o que fazes, menino. [Neoptólemo] Há tempo eu mesmo penso nisso.

[Mercador] Considerar-te-ei responsável por isso. [Neoptólemo] Considera, mas fala!

[EM.] Ὅρα τί ποιεῖς, παῖ. [NE.] Σκοπῶ κάγω πάλαι.
 [EM.] Σὲ θήσομαι τῶνδ' αἴτιον. [NE.] Ποιοῦ λέγων.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 589-590)

O falso mercador responsabilizará Neoptólemo não diante dos aqueus propriamente, mas para Odisseu, que é seu comandante imediato. Depois de revelar as missões de que cada herói está ocupado, o mercador dá notícia sobre a razão de tais missões, a profecia de Heleno, quando Filoctetes, pela primeira vez, toma conhecimento das suas possibilidades em Troia.

[Mercador] Eu te explicarei isso tudo, pois talvez não tenhas ouvido, Havia um profeta nobre, filho de Príamo, chamavam-no pelo nome de Heleno, que, tendo saído sozinho uma noite, Odisseu, sobre quem se escuta todas as palavras vergonhosas e baixas, o ludibrioso, capturou e, conduzindo-o acorrentado, exibiu em meio aos aqueus, uma bela presa. Ele, com efeito, entre todas as outras tantas, profetizou também que a cidadela de Troia jamais arrasariam, se não persuadissem com palavras este e o conduzissem desta ilha que agora habita. Assim que o filho de Laertes ouviu isso, as palavras do profeta, imediatamente prometeu exhibir este homem aos aqueus conduzindo-o. Esperava levá-lo voluntariamente, mas, se não quisesse, à força. E a cabeça, aos que desejassem, permitiria que cortassem se assim não fizesse. Escutaste, ó menino, tudo. A ti, e a ele, sugiro apressar-vos e com quem te preocupas.

[EM.] Ἐγὼ σὲ τοῦτ', ἴσως γὰρ οὐκ ἀκήκοας,
 πᾶν ἐκδιδάξω. Μάντις ἦν τις εὐγενής,
 Πριάμου μὲν υἱός, ὄνομα δ' ὠνομάζετο
 Ἑλενος, ὃν οὗτος νυκτὸς ἐξελθὼν μόνος,
 ὁ πάντ' ἀκούων αἰσχροῦ καὶ λωβήτ' ἔπη
 δόλιος Ὀδυσσεὺς εἶλε, δέσμινόν τ' ἄγων
 ἔδειξ' Ἀχαιοῖς ἐς μέσον, θήραν καλήν·
 ὃς δὴ τὰ τ' ἄλλ' αὐτοῖσι πάντ' ἐθέσπισεν,
 καὶ τὰπὶ Τροίᾳ πέργαμ' ὥς οὐ μὴ ποτε
 πέρσοιεν, εἰ μὴ τόνδε πείσαντες λόγῳ
 ἄγοιντο νήσου τῆσδ' ἐφ' ἧς ναίει τᾶ νῦν.
 Καὶ ταῦθ' ὅπως ἤκουσ' ὁ Λαέρτου τόκος
 τὸν μάντιν εἰπόντ', εὐθέως ὑπέσχετο
 τὸν ἄνδρ' Ἀχαιοῖς τόνδε δηλώσειν ἄγων·
 οἷοιτο μὲν μάλισθ' ἐκούσιον λαβῶν,
 εἰ μὴ θέλοι δ', ἄκοντα· καὶ τούτων κάρα
 τέμνειν ἐφεῖτο τῷ θέλοντι μὴ τυχῶν.
 Ἦκουσας, ὦ παῖ, πάντα· τὸ σπεύδειν δέ σοι
 καὶ τῷ παραινῶ κεῖ τινος κήδη πέρι.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 603-621)

Com a fala do mercador, Filoctetes descobre a vontade divina revelada pela profecia de Heleno, que foi capturado pelo astucioso Odisseu e exibido, como vemos no verso 609, acorrentado entre os argivos, o que se constituirá em um dos futuros receios de Filoctetes, isto

é, ser exibido, conforme o rei de Ítaca teria prometido aos gregos (616), como prêmio pelo filho de Laertes. A revelação de que sua presença é necessária em Troia para a tomada da cidadela é acrescida de uma informação importante, porém conflitante. O mercador diz primeiro que o filho de Poiante precisa ser persuadido com palavras e levado da ilha. Insistindo na persuasão de Filoctetes através da palavra, o mercador reforça o plano inicial de Odisseu e também ameniza possivelmente qualquer ímpeto bélico por parte de Filoctetes na presente situação. Acrescenta-se a isso, no verso 618, a possibilidade de conduzir o desterrado contra sua vontade. Ao final de sua fala, o mercador sugere a Neoptólemo e a Filoctetes que se apressem e partam logo, para a revolta de Filoctetes.

Ai de mim, desgraçado. Aquele, a ruína total,
jurou persuadir-me a voltar para os aqueus?
Mais fácil persuadir-me a subir do Hades depois de morto
para a luz como o pai dele.

Οἴμοι τάλας, ἧ̃ κεῖνος, ἦ̃ πᾶσα βλάβη,
ἔμ' εἰς Ἀχαιοὺς ὤμοσεν πείσας στελεῖν;
πεισθήσομαι γὰρ ὡδε κᾶξ Ἴδου θανῶν
πρὸς φῶς ἀνελθεῖν, ὡσπερ οὐκείνου πατήρ.
(Sófocles, *Filoctetes*, 622-625)

O comentário de Filoctetes sobre a possibilidade de ser mais fácil persuadir um morto a voltar do inferno do que ele retornar aos aqueus é fortemente sarcástico. A reação intensa faz com que o herói deixe de notar a referência do mercador à vontade divina. Depois que o mercador despede-se, Filoctetes retoma a palavra para reforçar sua repulsa por Odisseu, dizendo:

Não é terrível, ó menino, que o Laertiáde
tenha esperança de um dia com palavras mansas
exibir-me, levando-me de nau, em meio aos argivos?
Não! Antes, minha mais odiosa inimiga
ouviria, a víbora, que me deixou assim sem o pé.
Mas a ele tudo pode-se dizer, tudo pode-se
ousar. E agora sei por quê virá.
Mas, ó filho, partamos, para que um grande
mar nos separe da nau de Odisseu.
Vamos! Que uma pressa oportuna, depois da
fadiga, traz sono e repouso.

Οὔκουν τάδ', ὦ̃ παῖ, δεινά, τὸν Λαερτίου
ἔμ' ἐλπίσαι ποτ' ἂν λόγοισι μαλθακοῖς
δεῖξαι νεὼς ἄγοντ' ἐν Ἀργείοις μέσοις;
οὐ̃· θᾶσσον ἂν τῆς πλεῖστον ἐχθίστης ἔμοι
κλύοιμ' ἐχίδνης, ἦ̃ μ' ἔθηκεν ὡδ' ἄπου.
Ἄλλ' ἔστ' ἐκείνω πάντα λεκτά, πάντα δὲ
τολμητᾶ. Καὶ νῦν οἶδ' ὀθούνεχ' ἴξεται.
Ἄλλ', ὦ̃ τέκνον, χωρῶμεν, ὡς ἡμᾶς πολὺ
πέλαγος ὀρίζη τῆς Οὐδυσσέως νεὼς.
Ἴωμεν· ἦ̃ τοι καίριος σπουδῆ πόνου

λήξαντος ὕπνον κἀνάπαυλαν ἤγαγεν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 628-638)

Filoctetes pede a Neoptólemo que embarquem logo para que ganhem distância da suposta perseguição de Odisseu. O herói desterrado explica que seria preferível ser persuadido pela serpente que o mordeu, preferindo o veneno às palavras de Odisseu. Há a associação clara entre o receio da possibilidade de ser exibido como prêmio da mesma forma que foi feito com Heleno. É interessante ressaltar como Filoctetes caracteriza Odisseu como alguém sem limites, alguém que pode dizer e ousar tudo para justificar seu próprio ponto de vista. Há um diálogo rápido entre ambos sobre a partida. O filho de Aquiles, dando sinais de hesitação, conforme nota Reinhardt, revela, em certa medida, seus primeiros sinais de amizade, tocado pela “(...) união do orgulho e da veneração diante da herança de um heroísmo superior, diante da recordação e da promessa ligados à arma, ao arco, outrora portado por Hércules” (2007, p. 201, tradução Oliver Tolle). mencionando o vento desfavorável, o jovem tenta ainda atrasar o embarque, pois sabe que, ao embarcar, a armadilha se fechará e a vitória será de Odisseu. Prorrogar o embarque garante ao jovem, acima de tudo, mais tempo. Filoctetes, entretanto, rapidamente livra-se de todos os obstáculos propostos por Neoptólemo:

[Filoctetes] Sempre é bom navegar, quando se foge do mal.
[Neoptólemo] Sei, mas para eles também são contrários.
[Filoctetes] Não há ventos contrários aos piratas quando é para roubar e saquear com violência.
[Neoptólemo] Então, se queres, partamos, lá dentro tendo pego o que precisas e o que mais desejares.

[ΦΙ.] Ἀεὶ καλὸς πλοῦς ἔσθ', ὅταν φεύγῃς κακά.
[ΝΕ.] Οἶδ'· ἀλλὰ κάκείνοισι ταῦτ' ἐναντία.
[ΦΙ.] Οὐκ ἔστι λησταῖς πνεῦμ' ἐναντιούμενον,
ὅταν παρῆ κλέψαι τε χάρπάσαι βίαι.
[ΝΕ.] Ἄλλ' εἰ δοκεῖ, χωρῶμεν, ἔνδοθεν λαβῶν
ὅτου σε χρεῖα καὶ πόθος μάλιστ' ἔχει.
(Sófocles, *Filoctetes*, 641-646)

Neoptólemo está aqui dando brecha para que Filoctetes mencione novamente o arco de Apolo, que foi referido pela primeira vez pelo desterrado no verso 262, quando explica a Neoptólemo quem é e por que está sozinho na ilha, uma vez que o jovem fingiu não conhecer quem acabara de encontrar. No trecho logo acima (641-646), Neoptólemo, conforme nota Pucci (2003, p. 237), resiste ao desejo de Filoctetes de partir logo, aumentando ainda mais a ansiedade e o desespero do desterrado. Pucci (ibidem) também resalta que essa concessão feita por Neoptólemo é na verdade uma falsa esperança na partida que não acontecerá nos termos de Filoctetes. A enunciação das vontades humanas em Sófocles é contrastada com a

irrealização e futilidade dos desígnios humanos. Nessa tragédia, a verdadeira vontade que se realiza é a dos deuses, através da intervenção de Hércules.

A oposição do filho de Aquiles ao embarque parece contrário ao desenvolvimento do ardil de Odisseu, mas na verdade colabora para aumentar a angústia de Filoctetes e sua vinculação com aquele que, até onde pode perceber, está mais perto do que ninguém jamais esteve de salvá-lo. Pucci (ibidem), em seu comentário sobre a hesitação do jovem Neoptólemo, em que propõe que Kamerbeek e Schmidt (p. 122-3) entendem que o jovem hesita por não ter a posse do arco e por estar pensando em uma forma de adquiri-lo. Essa é a visão que parece mais plausível ao autor italiano. Por outro lado, Paduano, em sua nota número 42, e Blundell (1991, p. 203) preferem a explicação psicológica de que a relutância de Neoptólemo em executar o subterfúgio se intensifica, deixando o jovem perdido.

Dos itens que não encontraria na nau de Neoptólemo, Filoctetes busca em sua caverna uma erva que acalma sua dor e as flechas de Hércules, que chamam a atenção do filho de Aquiles.

[Filoctetes] Se me esqueci de algumas destas flechas,
para que não as tome qualquer um.

[Neoptólemo] Essas são pois as famosas armas que agora seguras?

[Filoctetes] São essas, não outras, que tenho nas mãos.

[Neoptólemo] Posso observá-las de perto
segurá-las e reverenciá-las como a um deus?

[Filoctetes] A ti certamente, ó filho. Isso e qualquer dos meus outros pertences
que te interessarem.

[Neoptólemo] Certo que o desejo, mas tenho desta forma meu desejo:
se me for permitido, queria. Se não, deixo de lado.

[ΦΙ.] Εἴ μοί τι τόξων τῶνδ' ἀπημελημένον
παερρῦηκεν, ὡς λίπω μὴ τῷ λαβεῖν.

[ΝΕ.] Ἡ ταῦτα γὰρ τὰ κλεινὰ τόξ' ἃ νῦν ἔχεις;

[ΦΙ.] Ταῦτ', οὐ γὰρ ἄλλ' ἔστ', ἀλλ' ἃ βαστάζω
χεροῖν.

[ΝΕ.] Ἄρ' ἔστιν ὥστε κάγγύθεν θέαν λαβεῖν,
καὶ βαστάσαι με προσκύσαι θ' ὡσπερ θεόν;

[ΦΙ.] Σοί γ', ὦ τέκνον, καὶ τοῦτο κάλλο τῶν ἐμῶν
ὅποῖον ἂν σοι ξυμφέρῃ γενήσεται.

[ΝΕ.] Καὶ μὴν ἐρῶ γε· τὸν δ' ἔρωθ' οὔτως ἔχω·
εἴ μοι θέμις, θέλοιμ' ἄν· εἰ δὲ μή, πάρες.

(Sófocles, *Filoctetes*, 652-661)

Inteligentemente, Neoptólemo não exige o arco. Pede para tomá-lo nas mãos se lhe for permitido. Caso contrário, não haveria problema, pois preferiria manter-se livre de qualquer infração religiosa. O jovem, nesse momento, está muito perto de concluir a missão que lhe foi dada por Odisseu, isto é, tomar o arco de Filoctetes. Sobre a sinceridade do jovem nesse trecho, Kamerbeek discorda da opinião de Webster de que Neoptólemo estaria aqui

demonstrando suas verdadeiras emoções e não pensando em concluir o plano de Odisseu. A demonstração de reverência pelas armas e a condição de só aceitar tocá-las caso isso não seja uma violação serve ao propósito do aboiz do filho de Laertes. Parece que mais importante do que a legitimidade ou não dos sentimentos expressos pelo filho de Aquiles é a percepção de que o engodo embaralha qualquer possibilidade de julgamento sobre os verdadeiros sentimentos do jovem. “(...) o engano corrompe tudo, inclusive os sentimentos genuínos, como a preocupação com a doença e a devoção diante da arma de Apolo e de Hércules” (PUCCI, 2003, p. 238). A resposta de Filoctetes é tocante:

Piedosas são as palavras que proferes e, ó filho, é-te permitido,
apenas tu que me concedeste contemplar essa luz do sol,
ver a terra Eteia,
o velho pai, os amigos, e, dos meus
inimigos, me eleva altivo, quando eu estava subjugado.
Coragem! É-te permitido tocá-las
e, ao que te as deu, devolver e vangloriar-te entre os mortais
como o único que por causa da excelência as tocou.
Pois eu mesmo as adquiri fazendo o bem.

Ὅσιά τε φωνεῖς ἔστι τ', ὦ τέκνον, θέμις,
ὅς γ' ἡλίου τόδ' εἰσορᾶν ἐμοὶ φάος
μόνος δέδωκας, ὃς χθόν' Οἰταίαν ἰδεῖν,
ὃς πατέρα πρέσβυν, ὃς φίλους, ὃς τῶν ἐμῶν
ἐχθρῶν μ' ἔνερθεν ὄντ' ἀνέστησας πέρα.
Θάρσει, παρέσται ταῦτά σοι καὶ θιγγάνειν
καὶ δόντι δοῦναι κάξεπεύξασθαι βροτῶν
ἀρετῆς ἕκατι τῶνδ' ἐπιψαῦσαι μόνον·
εὐεργετῶν γὰρ καὶ τὸς αὐτ' ἐκτησάμην.
(Sófocles, *Filoctetes*, 662-670)

A quadrupla anáfora de ὅς, como notam Pucci (2003, p. 239) e Kamerbeek (1980, p. 102), constitui-se como uma patética expressão da gratidão de Filoctetes a quem prometeu-lhe o resgate. Por sua excelência, Neoptólemo recebe a permissão de tocar, devolver e gabar-se. Filoctetes compara a honra das ações de Neoptólemo ao tocar o arco a sua própria na circunstância em que recebeu o arco de Hércules ao ajudá-lo a ignizar sua pira funerária. Com essa comparação e a listagem patética das quatro boas ações que recebe, Filoctetes aproxima o filho de Aquiles de si mesmo, reconhecendo-o como um dos seus, um semelhante, isto é, como parte dos nobres e principalmente justos heróis gregos, afastando-os das ignomínias de personagens como Odisseu e Agamêmnon. O jovem responde a comovente gratidão demonstrada pelo herói desterrado dizendo:

Não me incomoda ter te visto e te feito um amigo,
pois quem sabe fazer um bem, quando recebe um bem,
é um amigo melhor do que toda a riqueza.
Entra.

Οὐκ ἄχθομαί σ' ἰδὼν τε καὶ λαβὼν φίλον.
 Ὅστις γὰρ εὖ δρᾷν εὖ παθῶν ἐπίσταται,
 παντὸς γένοιτ' ἂν κτήματος κρείσσων φίλος.
 Χωροῖς ἂν εἴσω.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 671-674)

Essa fala (671-673), atribuída nos manuscritos a Filoctetes, não pode ser pronunciada pelo desterrado se for considerada genuína. A maioria dos editores atribuem-na a Neoptólemo. Novamente aqui a fala do filho de Aquiles pode ser lida tanto como parte do esquema de Odisseu, quanto como genuína hesitação do jovem. Webster (2002, p. 110) defende que a emoção do jovem aqui é, de fato, sincera. Neoptólemo diz não sentir-se incomodado ao ver Filoctetes. O jovem não sente repulsa na presença do ferido e isso é um grande alívio para o filho de Poiante. Essas falas demonstram seu afeto genuíno por Filoctetes e permitem que o jovem não se comprometa em sua decisão. A ambiguidade na interpretação sobre a possibilidade de Neoptólemo estar dando continuidade ao engodo de Odisseu ou revelando suas verdadeiras emoções é indício justamente da tentativa de Neoptólemo de não se comprometer. Manter-se sincero a esse herói que recém conheceu e, ao mesmo tempo, manter viável o plano de enganá-lo. Seu contato contínuo com o desterrado altera gradualmente sua percepção da ardileza. O filho de Poiante foi apresentado por Odisseu como um herói teimoso que obstaculiza a vitória grega por causa de seu rancor e obstinação. Sua determinação seria tão exacerbada, segundo o Laertiáde, que seria impossível convencê-lo a aceitar a salvação da miserável situação em que se encontra. Neoptólemo, no entanto, ao tomar mais contato com Filoctetes, descobre um homem que sofre com uma chaga lancinante, mas que pode ser curada, que está isolado há muitos anos do convívio humano e desconhece os desdobramentos no contexto dos heróis gregos e da guerra em Ílion, e principalmente que pauta suas ações com base em eventos acontecidos há dez anos, isto é, seu conjunto referencial é anterior mesmo ao desembarque nas praias troianas. As pessoas que Filoctetes considera como seus pares estão mortos e não intervieram na decisão de abandoná-lo em Lemnos. O mundo heroico de que era parte parece não mais existir ou não corresponder mais a suas expectativas. Esse grande guerreiro, representante de uma ética heroica à qual Neoptólemo almeja, está congelado no tempo e causa uma forte impressão no jovem filho de Aquiles.

Depois que Filoctetes e Neoptólemo entram na caverna, o coro, no primeiro e único estásimo, canta, sozinho diante da plateia, o sofrimento do desterrado, levando a “(...) refletir sobre o absurdo dessa salvação e os [o público] convida a pensar qual seria a única solução

que faria Filoctetes realmente 'feliz e grande' (v. 720)” (PUCCI, 2003, p. 241). Como percebe-se no decorrer da leitura da tragédia, a felicidade de Filoctetes seria impossível nos seus próprios termos. O herói precisa ceder em alguma medida.

No segundo episódio, quando Neoptólemo e Filoctetes saem da caverna, a doença do desterrado o atinge brutalmente, revelando ao filho de Aquiles pela primeira vez suas verdadeiras características. Sabendo que sofrerá uma crise, Filoctetes tenta apressar o jovem para garantir que ele não desista do resgate, minimizando seu sofrimento.

[Neoptólemo] Que há? [Filoctetes] Nada sério. Mas anda, ó filho.
 [Neoptólemo] Acaso sentes dor da doença?
 [Filoctetes] Não é nada. Parece que já está melhorando.
 Ó deuses!

[NE.] Τί ἔστιν; [ΦΙ.] Οὐδὲν δεινόν· ἀλλ' ἴθ', ὧ τέκνον.
 [NE.] Μῶν ἄλγος ἴσχεις σῆς παρεστῶσης νόσου;
 [ΦΙ.] Οὐ δῆτ' ἔγωγ', ἀλλ' ἄρτι κουφίζειν δοκῶ.
 Ἴὼ θεοί.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 733-736)

Filoctetes estava preocupado em ocultar seu sofrimento de Neoptólemo para não prejudicar suas chances de resgate. O herói teme que, ao testemunhar uma crise, o jovem desista de resgatá-lo ou, pior, abandone-o enquanto estiver inconsciente como fez Odisseu.

Estou arruinado, filho, não poderei o mal
 ocultar de vós. Ai ai ai! Trespasa-me,
 trespasa-me! Desgraçado, ó desafortunado sou!
 Estou arruinado, filho. Está me mordendo, filho. Ai ai!
 Aiaiai, aiai, aiai, aiaiai!
 Pelos deuses, se tiveres à mão, filho, alguma
 espada, corta essa perna fora.
 Amputa logo! Não roupa minha vida.
 Vai, ó menino!

Ἀπόλωλα, τέκνον, κοῦ δυνήσομαι κακὸν
 κρύψαι παρ' ὑμῖν, ἀτταταῖ· διέρχεται,
 διέρχεται. Δύστηνος, ὧ τάλας ἐγώ.
 Ἀπόλωλα, τέκνον· βρύκομαι, τέκνον· παπαῖ,
 ἀπαπαπαῖ, παπᾶ παπᾶ παπᾶ παπαῖ.
 Πρὸς θεῶν, πρόχειρον εἶ τί σοι, τέκνον, πάρα
 ξίφος χεροῖν, πάταξον εἰς ἄκρον πόδα·
 ἀπάμησον ὡς τάχιστα· μὴ φείσῃ βίου.
 Ἴθ', ὦ παῖ.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 742-750)

Após dizer que a dor já estava passando, Filoctetes admite que não poderá ocultar o mal do jovem. O desespero do filho de Poiante é tamanho que ele pede ao jovem que ampute-lhe a perna e que o mate para livrá-lo do tormento da chaga. Neoptólemo não sabe o que fazer diante do sofrimento e das palavras de desespero de Filoctetes. Knox nos lembra que o urro de

Filoctetes no verso 746 não é composto por “(...) palavras, mas de sons que foram ouvidos na agonia de outros e que agora se oferecem, na verdade se impõem, como um padrão formal em que se expressa um sofrimento além da resistência humana” (KNOX, 1964, p. 131).

O jovem que há pouco disse não estar incomodado em ter feito amizade com Filoctetes, pela primeira vez, no verso 757, diz que não sabe o que fazer, dando início às manifestações verbais da indecisão e hesitação de Neoptólemo. O agonizante filho de Poiante responde com um pedido desesperado: que o jovem não o abandone.

[Neoptólemo] Que devo fazer? [Filoctetes] Não me abandones por medo, pois ela vem de tempo em tempo, talvez pelas errâncias saciada a doença. [Neoptólemo] Ai desgraçado de ti, desgraçado, de fato, por todas as tribulações que te aparecem. Queres que te segure e ampare?

[NE.] Τί δῆτα δράσω; [ΦΙ.] Μή με ταρβήσας προδῶς· ἦκει γὰρ αὕτη διὰ χρόνου, πλάνοις ἴσως ὡς ἐξεπλήσθη, νόσος. [NE.] Ἴὼ δύστηνε σύ, δύστηνε δῆτα διὰ πόνων πάντων φανείς. Βούλη λάβωμαι δῆτα καὶ θίγω τί σου; (Sófocles, *Filoctetes*, 757-761)

Neoptólemo não sabe como agir e oferece um auxílio irrelevante para a situação que Filoctetes se encontra. Pucci nota que a expressão “Que devo fazer?” no verso 757 se repetirá mais sete vezes no decorrer da tragédia e se constituirá “seu *Leitmotiv*” (2003, p. 248). Se antes o filho de Aquiles seguia com certa facilidade o plano de Odisseu, agora, ao testemunhar a fragilidade, vulnerabilidade e a crise de dor de Filoctetes, começa a manifestar abertamente sua insegurança e indecisão. O filho de Laertes não mencionou em seu plano o que deveria ser feito nesse caso. Nesse ponto, o jovem quer sinceramente auxiliar Filoctetes de alguma forma e apaziguar seu sofrimento. Filoctetes oferece, com sua resposta, mais possibilidades ao jovem que jamais testemunhara tamanho tormento.

Não, isso não. Mas segura esse meu arco como me pedias há pouco, até que passe esse acesso de dor da doença agora presente, protege e vigia o arco. Pois certamente me toma o sono, quando esse mal passar, antes é certo que não passa, mas é preciso deixar-me dormir tranquilo. Se, durante esse tempo, chegarem aqueles, pelos deuses, ordeno que nem voluntaria nem involuntariamente, nem por qualquer artifício entregue-lhes o arco, não permitas que tu morras nem eu, que sou teu suplicante!

Μὴ δῆτα τοῦτό γ'· ἀλλά μοι τὰ τόξ' ἐλῶν τάδ', ὡσπερ ἦτοῦ μ' ἀρτίως, ἕως ἀνῆ τὸ πῆμα τοῦτο τῆς νόσου τὸ νῦν παρόν, σῶζ' αὐτὰ καὶ φύλασσε. λαμβάνει γὰρ οὖν

ὔπνος μ', ὅταν περ τὸ κακὸν ἐξίη τόδε·
 κοῦκ ἔστι λῆξαι πρότερον· ἀλλ' ἔαν χρεῶν
 ἔκηλον εὔδειν. Ἦν δὲ τῷδε τῷ χρόνῳ
 μὴ μὲν ἐκεῖνοι, πρὸς θεῶν, ἐφίεμαι
 ἐκόντα μήτ' ἄκοντα, μήτε τῷ τέχνῃ
 κείνοις μεθεῖναι ταῦτα, μὴ σαυτὸν θ' ἄμα
 κᾶμ' ὄντα σαυτοῦ πρόστροπον, κτείνας γένῃ.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 762-773)

Neoptólemo finalmente tem o arco de Apolo em suas mãos. Filoctetes entrega-o antes de desmaiar para que o guarde e o proteja. O filho de Poiante sabe que, após o ataque de dor, estará mais vulnerável; cairá inconsciente por causa da dor de sua chaga. O desterrado teme que as ameaças contidas na narrativa fictícia do falso mercador se concretizem e que os heróis gregos enviados para capturá-lo cheguem enquanto ele esteja inconsciente. As ordens ao filho de Aquiles são de não ceder em hipótese alguma. Nesse momento, Neoptólemo, pela primeira vez na tragédia, tem poder de vida e morte sobre um herói que conheceu seu pai, que está incapacitado, prestes a perder a consciência e a entregar-lhe suas armas.

[Neoptólemo] Fica tranquilo quanto as minhas intenções. Não será entregue exceto a ti e a mim. Entrega-mas com boa sorte.

[Filoctetes] Eis! Toma-o, menino. Reverencia a Inveja, não se torne uma fonte de desgraças, como aconteceu a mim e ao que o possuía antes de mim.

[NE.] Θάρσει προνοίας οὔνεκ'. οὐ δοθήσεται πλὴν σοί τε κᾶμοί· ξὺν τύχῃ δὲ πρόσφερε.

[ΦΙ.] Ἴδοὺ, δέχου, παῖ· τὸν Φθόνον δὲ πρόσκυσον, μὴ σοι γενέσθαι πολὺπον' αὐτά, μηδ' ὅπως ἐμοί τε καὶ τῷ πρόσθ' ἐμοῦ κεκτημένῳ.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 774-778)

A necessidade de reverenciar a deusa Inveja a que se refere Filoctetes, segundo Kamerbeek, é “baseada no medo de represálias por parte dos deuses por causa de felicidade excessiva a um mortal” (1980, p. 113). O desterrado está convencido de que seus infortúnios decorrem da posse do arco, uma vez que Hércules também de posse do arco precisou enfrentar os doze trabalhos. A missão, como foi dada por Odisseu, está cumprida. Filoctetes está desarmado e à completa mercê de Neoptólemo. O jovem tranquiliza Filoctetes sobre a possibilidade de o arco ser entregue a outra pessoa. O filho de Aquiles está novamente pensando no stratagem depois de ter conhecido o sofrimento e as circunstâncias em que Filoctetes vive como desterrado na ilha de Lemnos. “Com efeito, não cederá o arco a ninguém, nem mesmo a Odisseu” (PUCCI, 2003, p. 249).

Neoptólemo, então, utiliza, como nota Pucci (ibidem), mais uma vez o recurso já utilizado nos versos 528 e 529 de não expressar com clareza o destino ou objetivo da viagem.

Ó deuses, que aconteçam-nos estes votos: seja a viagem próspera e bem sucedida aonde quer que deus indique e a expedição nos leve.

Ὡ θεοί, γένοιτο ταῦτα νῶν· γένοιτο δὲ
πλοῦς οὐρίος τε κεῦσταλῆς ὅποι ποτὲ
θεὸς δικαιοῖ χῶ στόλος πορσύνεται.
(Sófocles, *Filoctetes*, 779-781)

A referência ao deus aqui é ambígua e sugere a vontade divina revelada pela profecia de Heleno ao mesmo tempo que preenche uma expectativa de Filoctetes de proteção divina. O pé do filho de Poiante começa a gotejar, conforma ele anuncia no verso 784, e o herói teme ser abandonado. No verso 789, Filoctetes ordena a Neoptólemo que não fuja:

Tendes diante de ti meu mal. Não fujais de maneira nenhuma!

Ἔχετε τὸ πρᾶγμα· μὴ φύγητε μηδαμῆ.
(Sófocles, *Filoctetes*, 789)

Filoctetes continua com seu lamento de dor, desejando que os culpados pelo seu abandono sintam sua dor, até que, no verso 799, dirige-se novamente ao filho de Aquiles, dizendo:

Ó filho, ó nobre, joga-me neste chamado fogo lêmnio igniza-me, ó nobre, também eu uma vez o filho de Zeus por essas armas, que agora guardas, julguei isso digno de fazer. Que dizes, menino? Que dizes? Por que silencias? Por onde, filho, divagas? [Neoptólemo] Sofro há muito tempo, gemendo pelos teus males.

Ὡ τέκνον, ὦ γενναῖον, ἀλλὰ συλλαβῶν
τῷ Λημνίῳ τῷδ' ἀνακαλουμένῳ πυρὶ
ἔμψησον, ὦ γενναῖε· κἀγὼ τοί ποτε
τὸν τοῦ Διὸς παῖδ' ἀντὶ τῶνδε τῶν ὀπλῶν,
ἃ νῦν σὺ σώζεις, τοῦτ' ἐπηξίωσα δρᾶν.
Τί φῆς, παῖ;
Τί φῆς; Τί σιγᾶς; Ποῦ ποτ' ὦν, τέκνον, κυρεῖς;
[NE.] Ἄλγῳ πάλαι δὴ τὰπὶ σοὶ στένων κακά.
(Sófocles, *Filoctetes*, 799-806)

Lemnos era uma ilha vulcânica. Kamerbeek aponta que o “Monte Mosychlos parece ter sido um vulcão” (1980, p. 115). Em agonia, Filoctetes pede para ser queimado da mesma forma que Hércules. Ainda jovem, Filoctetes auxiliou Hércules a acender o fogo de sua pira funerária, ação pela qual recebeu o arco e as flechas de Apolo como retribuição. Da mesma forma agora, Filoctetes pede que Neoptólemo faça o mesmo e receba assim o arco. A comparação estabelecida por Filoctetes entre seu sofrimento e o de Hércules é um indício da

confiança depositada no filho de Aquiles. Em última instância, o herói agonizante, no ápice de seu sofrimento, está igualando Neoptólemo a si mesmo em sua infância (KAMERBEEK, 1980, p. 115-6). Conforme nota Kamerbeek, há muito provavelmente “uma pausa não muito breve antes de 804” (ibidem), que sugere a grande hesitação de Neoptólemo ao considerar a confiança crescente depositada em si por Filoctetes à medida que avança seu sofrimento e vulnerabilidade. O arco que Neoptólemo agora tem em mãos, ainda segundo Kamerbeek (ibidem), simboliza tanto a vitória do sofisma quanto a confiança de Filoctetes. Depois de hesitar responder, o jovem finalmente revela que há muito sofre por ver o tormento do desterrado. O uso da expressão πάλαι pelo jovem no verso 806 é um indício de que sua conversão teve início em algum ponto no passado, confirmando a leitura que fazemos das falas evasivas e ambíguas de Neoptólemo. Embora haja especulação sobre o assunto, não pode-se determinar com certeza a que ponto no decorrer da ação a expressão πάλαι se refere. Pucci (2003, p. 251) aponta as especulações de Jebb, que atribui ao recente ataque da doença, e Maddalena, que remete ao início da ação.

[Filoctetes] Mas, ó filho, tem coragem, esta crise vem aguda e rapidamente se vai.

Mas suplico: não me deixes sozinho.

[Neoptólemo] Coragem. Ficaremos. [Filoctetes] Ficarás mesmo? [Neoptólemo] Não tenho dúvida.

[Filoctetes] Não te é necessário jurar, filho.

[Neoptólemo] Não me é permitido partir sem ti.

[Filoctetes] Pega minha mão como garantia. [Neoptólemo] Pego para ficar.

[ΦΙ.] Ἄλλ', ὦ τέκνον, καὶ θάρσος ἴσχ' ὡς ἦδε μοι
ὄξεια φοιτᾷ καὶ ταχεῖ' ἀπέρχεται.

Ἄλλ' ἀντιάζω, μὴ με καταλίπης μόνον.

[ΝΕ.] Θάρσει, μενοῦμεν. [ΦΙ.] Ἢ μενεῖς; [ΝΕ.] Σαφῶς φρόνει.

[ΦΙ.] Οὐ μὴν σ' ἔνορκόν γ' ἄξιῶ θέσθαι, τέκνον.

[ΝΕ.] Ὡς οὐ θέμις γ' ἐμοῦστι σοῦ μολεῖν ἄτερ.

[ΦΙ.] Ἐμβαλλε χειρὸς πίστιν. [ΝΕ.] Ἐμβάλλω μενεῖν.

(Sófocles, *Filoctetes*, 807-813)

Mais uma vez Filoctetes minimiza as consequências que julga repulsivas em sua doença e pede a Neoptólemo que não o deixe sozinho, alegando que a parte aguda da crise é breve. O maior temor do desterrado é ser abandonado novamente. O filho de Aquiles afirma que ficará, que não abandonará o filho de Poiante e acrescenta, novamente de forma ambígua, que não lhe é lícito partir sem Filoctetes. Mesmo que o jovem já considere como uma impiedade abandonar novamente o desterrado, há ainda o compromisso com o artil de Odisseu de reconduzir Filoctetes ao combate. Tal resposta por parte do filho de Aquiles garante que o jovem ainda poderá dar continuidade ao plano do filho de Laertes se assim o

desejar.

Após seu delírio, Filoctetes desmaia de dor. O coro pronuncia um canto lírico em honra de Hipnos, o deus do sono, irmão da morte, e convida Neoptólemo, no verso 833, a refletir sobre a situação em que se encontra:

Ó filho, vê onde estás,
aonde vais,
qual é, a partir de agora, teu
pensamento. Vê agora.
Ficamos para fazer o quê?
A boa hora, que tudo decide,
uma grande, grande de fato, vitória conquistada em um instante.

Ὡ τέκνον, ὄρα ποῦ στάση,
ποῖ δὲ βάση,
πῶς δέ σοι τάντεῦθεν
φροντίδος. Ὅρα ἤδη.
Πρὸς τί μένομεν πράσσειν;
Καιρός τοι πάντων γνώμαν ἴσχω
<πολύ τι> πολὺ παρὰ πόδα κράτος ἄρνυται.
(Sófocles, *Filoctetes*, 833-838)

Durante a inconsciência de Filoctetes, o coro questiona Neoptólemo sobre como irá agir. O momento oportuno ou a boa hora (Καιρός) aqui é personalizado. Trata-se, como nos informa Pucci (2003, p. 255), do filho mais jovem de Zeus, a quem um amigo de Sófocles, Ion de Quios, escreveu um hino. Neoptólemo responde revelando seu pensamento diante do coro sobre a possibilidade de dissociar o arco do arqueiro.

Ele nada ouve, eu, entretanto, vejo que a captura
dessas armas é vã se navegarmos sem ele.
Pois dele é a coroa, disse o deus para levá-lo.
Gabar-se de ações incompletas com mentiras é uma desonrosa ofensiva.

Ἄλλ' ὄδε μὲν κλύει οὐδέν, ἐγὼ δ' ὀρῶ οὐνεκα θήραν
τήνδ' ἀλίως ἔχομεν τόξων, δίχα τοῦδε πλέοντες.
Τοῦδε γὰρ ὁ στέφανος, τοῦτον θεὸς εἶπε κομίζειν.
Κομπεῖν δ' ἔργ' ἀτελεῖ σὺν ψεύδεσιν αἰσχροῦν ὄνειδος.
(Sófocles, *Filoctetes*, 839-841)

Neoptólemo toma sua primeira decisão com relação a Odisseu e Filoctetes, mas não com total autonomia. O jovem afirma que não bastará apenas o arco. É preciso levar também o guerreiro. O filho de Aquiles aqui defende que essa foi a instrução dada pelo deus. É a primeira vez que Neoptólemo demonstra algum conhecimento sobre a profecia ou sobre os desígnios divinos. Ele está agora insatisfeito com as informações do filho de Laertes e fornece essa informação ao coro. O jovem ainda não emite, entretanto, uma opinião própria, mas protege sua decisão sob a sombra da profecia. O dilema do jovem está cada vez mais presente no desenvolvimento da tragédia. Depois de conhecer melhor o sofrimento e a situação em que

Filoctetes se encontra, o jovem decide não abandoná-lo. Aos poucos, o filho de Aquiles se distancia cada vez mais da ideia de enganar e dissimular para conquistar o direito de arrasar Ílion e, por consequência, dos desígnios de Odisseu.

O coro tenta convencer Neoptólemo a dar sequência ao plano, aproveitando-se da inconsciência de Filoctetes, e pede ao jovem que fale suavemente, pois os doentes não dormem profundamente e podem ouvir.

Mas, filho, disto um deus tomará conta.
 o que me responderes de volta, suave,
 suavemente, ó filho, envia o som das palavras.
 Porque, de todo doente,
 o sono insone é perceptivo.
 Mas o melhor que possas,
 com efeito, aquilo a que me referi,
 aquilo comigo secretamente
 Olha como agirás.
 Sabes pois do que falo.
 Se manténs esse mesmo pensamento dele,
 Qualquer sensato pode ver que muitos infortúnios te cairão.

Ἄλλά, τέκνον, τάδε μὲν θεὸς ὄψεται·
 ὧν δ' ἄν κάμειβη μ' αὐθις, βαιάν μοι,
 βαιάν, ὦ τέκνον, πέμπε λόγων φάμαν·
 ὡς πάντων ἐν νόσῳ εὐδρακτῆς
 ὕπνος ἄπνος λεύσσειν.
 Ἄλλ' ὅ τι δύνῃ μάκιστον,
 κείνο <δῆ> μοι,
 κείνο <μοι> λαθραίως
 ἐξιδού ὅπως πράξεις.
 Οἶσθα γὰρ ὃν αὐδῶμαι·
 εἰ ταῦτ' αὖ τούτῳ γνώμαν ἴσχεις,
 μάλα τοι ἄπορα πυκνοῖς ἐνιδεῖν πάθη.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 843-854)

O coro, nesse trecho dúbio, desaprova a postura e o questionamento de Neoptólemo, preferindo que o jovem atenha-se ao plano. Entende-se que o coro de marinheiros supõe que, se os deuses querem que Filoctetes esteja presente em Troia, o próprio deus providenciará que isso ocorra e o jovem deve limitar suas ações a levar ou entregar o arco. É interessante a possibilidade que os mirmidões, nessa tragédia, têm de questionar seu líder, Neoptólemo, o que pode ser visto como ainda mais um indício da juventude do filho de Aquiles. É preciso ter cuidado para que Filoctetes, que está inconsciente, não ouça o que estão debatendo. O plano a que o coro se refere é o mencionado anteriormente, tomar o arco e partir. O anúncio feito pelo coro nos versos finais do trecho remete à aporia que pode ser facilmente prevista caso o jovem realmente adira às ideias que concebera há pouco sobre a necessidade de levar também Filoctetes junto com o arco.

O vento está favorável, filho favorável.
 O homem de olhos fechados e sem auxílio
 Está estendido como para a noite¹².
 Sono sem medo e bom,
 nem a mão, nem o pé, nem nenhum membro controla,
 mas está como alguém sem sentidos no Hades jazendo
 Olha, vê se coisas oportunas
 pronuncias. O que é fácil entender,
 ao meu pensamento, menino, é a tarefa
 que não causa o maior medo!

Οὐρός τοι, τέκνον, οὐρος· ἄ-
 νῆρ δ' ἀνόμματος, οὐδ' ἔχων ἄρωγάν,
 ἐκτέταται νύχιος, –
 ἀδεῆς ὕπνος ἐσθλός, –
 οὐ χερός, οὐ ποδός, οὐ τινος ἄρχων,
 ἀλλά τις ὡς Αἶδα πάρα κείμενος.
 Ὅρα, βλέπ' εἰ καίρια
 φθέγγῃ· τὸ δ' ἄλώσιμον
 ἐμᾶ φροντίδι, παῖ, πόνος
 ὃ μὴ φοβῶν κράτιστος.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 855-863)

O coro continua tentando convencer o filho de Aquiles a utilizar a oportunidade que se apresenta. Filoctetes está completamente vulnerável, sem poder enxergar nem se mexer, e, com isso, fica fácil para Neoptólemo completar o sofisma proposto por Odisseu, seja abandonando de fato o filho de Poiante na ilha, seja privando-lhe de seu arco. Sem apreciar o dilema enfrentado por Neoptólemo, o coro pressiona o jovem para que conquiste a vitória que está agora tão próxima, afastando qualquer problema que certamente recairá sobre todos caso não consigam cumprir a missão. A insistência para que Neoptólemo aja em segredo também é importante, visto que, dessa forma, o coro colabora para que o jovem mantenha-se na esfera de influência de Odisseu e impõe obstáculos à emancipação do filho de Aquiles. Neoptólemo, entretanto, não é mais o mesmo,

como revela o mesodo, e conseqüentemente a missão mudou. Pragmatismo agora não é a sua principal preocupação. O coro continua a pensar na missão como uma caçada; sua ênfase é na captura, não tanto do homem quanto de suas armas. Está perfeitamente alinhado com as instruções de Odisseu a Neoptólemo no prólogo como se tivesse ouvido a conversa de que ele deve roubar a arma. Mas Neoptólemo, agora se sobrepondo a Odisseu, e por isso seu próprio coro, mudou a natureza da disputa em uma em que as palavras que sugerem a caça e captura estão completamente fora do lugar. Sua hesitação não tem origem no medo. Falta de coragem não é a questão. Na verdade, uma forma mais ousada de coragem é agora necessária. (AUSTIN, 2011, p. 132-3)

O jovem, em seguida, percebendo que Filoctetes, aos poucos, está recuperando a consciência, demonstra impaciência com seus subordinados e, interrompendo-os, ordena que

¹² Como para dormir durante a noite.

calem-se:

Ordeno que vos calai e que não vos afasteis da razão.
Pois o homem move os olhos e ergue a cabeça.

Σιγαῖν κελεύω, μηδ' ἀφεστάναι φρενῶν.
κινεῖ γὰρ ἀνὴρ ὄμμα κἀνάγει κάρα.
(Sófocles, *Filoctetes*, 865-866)

O jovem está se revelando, assumindo uma postura própria que não foi vista ainda nesta tragédia. A hesitação do jovem continua a crescer com as comoventes palavras que Filoctetes pronuncia recuperando-se de sua crise e percebendo que o jovem não o abandonou:

Ó luz que sucede ao sono, inesperado cuidado
destes estranhos, além de qualquer esperança.
Pois nunca, ó menino, poderia ter pensado
que suportarias piedosamente esta minha miséria,
que ficarias e me ajudarias.
Certamente os atridas não resistiram bem
assim isso suportar, bravos generais.
Mas, pois a natureza nobre e proveniente de nobres,
ó filho, é a tua, tudo isso com facilidade
toleraste, repleto de urros e maus odores.
E agora, deste mal, parece
algum alívio haver, com efeito um repouso, filho,
tu mesmo me pega, tu me põe em pé, filho,
para que, quando estiver finalmente livre do sofrimento,
embarquemos e naveguemos sem demora.

Ὡ φέγγος ὕπνου διάδοχον, τό τ' ἐλπίδων
ἄπιστον οἰκούρημα τῶνδε τῶν ξένων.
οὐ γάρ ποτ', ὦ παῖ, τοῦτ' ἂν ἐξηύχῃσ' ἐγὼ,
τληναί σ' ἐλεινώσ ὧδε τάμ' ἀπήματα
μεῖναι παρόντα καὶ ξυνωφελοῦντά μοι.
Οὐκουν Ἀτρεΐδαι τοῦτ' ἔτλησαν εὐφύρωσ
οὕτως ἐνεγκεῖν, ἀγαθοὶ στρατηλάται.
Ἄλλ' εὐγενῆσ γὰρ ἡ φύσις κἀξ εὐγενῶν,
ὦ τέκνον, ἡ σή, πάντα ταῦτ' ἐν εὐχερεῖ
ἔθου, βοῆσ τε καὶ δυσοσμίας γέμων.
Καὶ νῦν ἐπειδὴ τοῦδε τοῦ κακοῦ δοκεῖ
λήθη τις εἶναι κἀνάπαυλα δῆ, τέκνον,
σύ μ' αὐτὸς ἄρον, σύ με κατάστησον, τέκνον,
ἴν', ἡνίκ' ἂν κόπος μ' ἀπαλλάξῃ ποτέ,
ὀρμώμεθ' ἐς ναῦν μηδ' ἐπίσχωμεν τὸ πλεῖν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 867-881)

Filoctetes, ao acordar, é tomado de surpresa ao perceber que Neoptólemo não o abandonou. O desterrado surpreende-se que o jovem tenha resistido aos repugnantes sofrimentos que os atridas não puderam suportar e por causa dos quais decidiram abandoná-lo. Novamente o filho de Poiante, retomando a dicotomia que aparece desde o prólogo, menciona a natureza nobre do jovem associando-a à coragem, valentia e nobreza de seu pai, Aquiles, em oposição àqueles que foram responsáveis pelo seu abandono, como Agamêmnon,

Menelau e Odisseu. Blundell comenta que “Essa descrição dos atridas pode ser meramente sarcástica (cf. 447) ou pode explorar a ambiguidade de ἄγαθός ('Eles podem ser bons guerreiros, mas não são bons homens').” (1991, p. 205). Austin faz uma ressalva importante acerca da natureza nobre a que se refere Filoctetes. “(...) em Homero, nenhum homem era mais real que eles.” (2011, p. 135). Não é apenas a linhagem nobre que garante que Agamêmnon e Menelau hajam de maneira nobre. Austin, nesse ponto (ibidem), argumenta que a culpa do abandono de Filoctetes não pode ser atribuída à linhagem dos atridas, mas ao próprio Filoctetes. Agamêmnon e Menelau, como líderes da nobreza grega, não poderiam não avançar a expedição. Embora Austin defenda que a compaixão não desempenhasse um papel tão grande na ética heroica em Homero como a implacabilidade, não é possível eximir a linhagem atrida da culpa das condições em que deixaram Filoctetes em Lemnos. Serviria como exemplo de piedade e compaixão entre heróis, por exemplo, o episódio em que Príamo implora pelo cadáver de Heitor. Austin ainda nos chama atenção para que o caráter nobre que Filoctetes atribui a Neoptólemo deve-se na verdade à incapacidade do jovem de agir e decidir-se. A permanência do filho de Aquiles durante a inconsciência do desterrado deve-se puramente a sua incapacidade de decidir-se a agir, a sua hesitação sobre como proceder e não por nobreza de caráter. O comentário de surpresa proferido por Filoctetes pela permanência do jovem e a comparação da atitude do rapaz com as atitudes dos reis gregos estimula ainda mais Neoptólemo a afastar-se do plano de Odisseu. Austin comenta que “A pessoa que Filoctetes toma como um homem nobre é um velhaco que ainda se comporta como é exigido pelo seu papel na conspiração.” (2011, p. 135). Filoctetes não é, entretanto, completamente inocente em sua argumentação, apesar de certamente ser completamente vítima na circunstância em que se encontra. O herói desterrado utiliza todos os recursos de que dispõe para atrelar o filho de Aquiles ao seu resgate, afastando-o com seus predicados de boa parte dos membros do exército grego e caracterizando-o como alguém tão nobre que surpassaria a todos. Aderindo ao resgate de Filoctetes, Neoptólemo, segundo o próprio Filoctetes, o jovem será reconhecido como mais nobre que os mais nobres entre os gregos. Fará parte de um seleto grupo entre os quais se encontram heróis como Aquiles e Nestor.

A seguir, Neoptólemo e Filoctetes conversam sobre partir. O jovem garante a Filoctetes que é chegada a hora de embarcar. Há uma troca rápida sobre quem deve ajudar Filoctetes a levantar-se. Receoso de que os mirmidões enjoem rapidamente das exalações de sua chaga, o filho de Poiante pede que o próprio Neoptólemo o ajude.

Alegro-me vendo-te além do que esperava
sem dor, vendo a luz e respirando ainda.
Pois teus sintomas eram como os dos mortos
pelos tormentos que pareciam te afligir.
Agora levanta-te a ti mesmo. Se te agrada mais,
esses aqui te ajudarão, pois não há hesitação diante da chaga
uma vez que decidimos agir assim.

Ἄλλ' ἤδομαι μὲν σ' εἰσιδὼν παρ' ἐλπίδα
ἀνώδυνον βλέποντα κάμπνέοντ' ἔτι·
ὡς οὐκέτ' ὄντος γὰρ τὰ συμβόλαιά σου
πρὸς τὰς παρούσας ξυμφορὰς ἐφαίνετο.
Νῦν δ' αἶρε σαυτόν· εἰ δέ σοι μᾶλλον φίλον,
οἴσουσί σ' οἶδε· τοῦ πόνου γὰρ οὐκ ὄκνος,
ἐπεῖπερ οὕτω σοί τ' ἔδοξ' ἔμοι τε δρᾶν.
(Sófocles, *Filoctetes*, 882-888)

O filho de Aquiles alegra-se ao ver Filoctetes recuperado de sua crise. De acordo com Neoptólemo, não há hesitação para agir e enfrentar as penúrias de Filoctetes por parte dos mirmidões, se assim os heróis decidirem. O purulento, em sua humilhante miséria, demonstra seus pudores em relação a sua chaga, ao dizer que não quer que os marinheiros de Neoptólemo tenham muito contato consigo, uma vez que provavelmente terão de suportá-lo durante mais tempo na nau.

Obrigado, ó menino, e me erga, como pensas.
Deixa os marinheiros para que não sofram com o terrível
odor sem necessidade. Pois, na nau,
haverá abundância de sofrimento para os que ficarem comigo.

Αἰνῶ τάδ', ὦ παῖ, καί μ' ἔπαιρ', ὡσπερ νοεῖς·
τούτους δ' ἔασον, μὴ βαρυνθῶσιν κακῆ
ὁσμῆ πρὸ τοῦ δέοντος· οὐπὶ νηὶ γὰρ
ἄλις πόνος τούτοισι συνναίειν ἔμοι.
(Sófocles, *Filoctetes*, 889-892)

O guerreiro eleva Neoptólemo acima de seus mirmidões com a premissa de que o jovem filho de Aquiles teria mais resistência aos males da chaga. Filoctetes efetivamente posiciona o jovem, através de predicacões sutis, entre os mais nobres dos gregos por causa de sua aparente decisão de resgate. Assim que Filoctetes levanta-se e prepara-se para embarcar, Neoptólemo manifesta abertamente sua hesitação no verso 895: “Ai ai! Que poderia fazer a partir de agora?” (Παπαῖ· τί δῆτ' <ἄν> δρῶμ' ἐγὼ τοῦνθένδε γε;) (Sófocles, *Filoctetes*, 895).

Knox nota que essa “não é uma exclamação ordinária; é o mesmo grito de agonia que ouvimos Filoctetes urrar em seu tormento. A agonia de Neoptólemo é igualmente grande, mas é mental” (1964, p. 132). O crítico também nota que o filho de Aquiles não pergunta por seu próximo passo, mas por sua atitude por todo o futuro, uma vez que mais cedo ou mais tarde, Filoctetes descobrirá o seu destino e o embuste. Trata-se de um momento importante no

desenvolvimento do jovem filho de Aquiles que percebe agora que suas ações e decisões o marcarão para toda sua vida. Da mesma forma que Filoctetes lembra do abandono dos atidas, dos feitos heroicos de Aquiles, dos sábios conselhos de Nestor ou dos comentários de Tersites. Poucas horas antes, Neoptólemo estava livre de quaisquer decisões como essa e, mais importante, o jovem desconhecia a força da relação entre ação e reputação. Sua vida, experiência e reputação, até ser trazido nessa missão por Odisseu, era marcada apenas pela herança de Aquiles. Agora, durante essa sua primeira incursão no mundo adulto, entretanto, Neoptólemo descobre que suas próprias decisões terão reflexo em seu futuro e que suas ações durante uma pequena parte do tempo, mesmo durante menos que um dia, ainda que possam ser alterada futuramente, deixarão uma marca em seu passado e afetarão as possibilidades de ações futuras do jovem, como é o caso de Filoctetes, Odisseu e tantos outros heróis gregos que não podem fugir ou libertar-se de suas decisões passadas e suas sérias consequências. O dilema e a hesitação do jovem surgem no conflito entre a noção de hierarquia militar e obediência a seu comandante e a autonomia e justiça. Dentro da hierarquia militar na qual Neoptólemo almeja distinção, a obediência às ordens dos comandantes é fundamental para o funcionamento da máquina de guerra, como o próprio jovem expressa no verso 93 e seguinte em que admite temer ser reconhecido entre os gregos como um traidor. Roisman comenta o voto dos efebos, “(...) jurado ao término do treinamento militar, em que os jovens soldados (efebos) prometiam obedecer seus comandantes e os governantes do país, contanto que suas ordens fossem 'justas'” (2005, p. 73, grifo da autora). Tal juramento, entretanto, tem seus mais antigos registros no século IV, isto é, posteriormente a Sófocles, conforme lembra a autora em nota, tornando incerta a existência do juramento já na época de produção de *Filoctetes*.

A escolha de Neoptólemo como transição para a maturidade

A decisão é um momento importante também no desenvolvimento da tragédia, pois é a primeira vez que o jovem Neoptólemo admite diante de Filoctetes sua indecisão. Esse verso marca o início da revelação do sofisma de Odisseu a Filoctetes na esticomitia que se segue. O jovem está superando sua ansiedade e o sofrimento que sente por estar enganando um homem em situação tão vulnerável. Filoctetes, então, questiona-o:

[Filoctetes] Que há, ó menino? Aonde divagas com essas palavras?
 [Neoptólemo] Não sei para onde voltar a palavra impossível.
 [Filoctetes] Estás atônito? Não digas isso, ó filho.
 [Neoptólemo] Mas, nesse estágio, já me acomete este sofrimento.
 [Filoctetes] Não é que o asco da chaga te persuadiu a não mais me levar na nau?
 [Neoptólemo] Tudo causa asco quando, da própria natureza apartado, se faz algo impróprio.
 [Filoctetes] Mas nada fora do teu gerador com efeito fazes nem dizes ajudando um homem nobre.
 [Neoptólemo] Indecente revelar-me-ei! Há muito tempo isso me aflige.

[ΦΙ.] Τί δ' ἔστιν, ὦ παῖ; ποῖ ποτ' ἐξέβης λόγῳ;
 [ΝΕ.] Οὐκ οἶδ' ὅπῃ χρῆ τᾶπορον τρέπειν ἔπος.
 [ΦΙ.] Ἀπορεῖς δὲ τοῦ σύ; μὴ λέγ', ὦ τέκνον, τάδε.
 [ΝΕ.] Ἄλλ' ἐνθάδ' ἤδη τοῦδε τοῦ πάθους κυρῶ.
 [ΦΙ.] Οὐ δὴ σε δυσχέρεια τοῦ νοσήματος ἔπαισεν ὥστε μὴ μ' ἄγειν ναύτην ἔτι;
 [ΝΕ.] Ἄπαντα δυσχέρεια, τὴν αὐτοῦ φύσιν ὅταν λιπῶν τις δρᾷ τὰ μὴ προσεικότα.
 [ΦΙ.] Ἄλλ' οὐδὲν ἔξω τοῦ φυτεύσαντος σύ γε δρᾷς οὐδὲ φωνεῖς, ἐσθλὸν ἄνδρ' ἐπωφελῶν.
 [ΝΕ.] Αἰσχρὸς φανοῦμαι· τοῦτ' ἀνιῶμαι πάλαι.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 896-906)

Estando o filho de Aquiles pronto para concluir o engano e ambos prontos para partir para a nau, a angústia do jovem torna-se insuportável, levando-lhe a revelar gradualmente sua aporia. Isso “coloca em evidência a resistência interna que Neoptólemo deve superar” (PUCCI, 2003, p. 261). Kamerbeek descreve o quão próximo o jovem encontra-se de realizar sua missão:

O arco está em seu poder. A confiança de Filoctetes nele é tão completa que ele nem mesmo pede pelo arco de volta. Neoptólemo deve apenas levá-lo até a praia e entregá-lo para Odisseu. Odisseu providenciará o restante. Ele terá cumprido sua tarefa. Mas sua verdadeira pena pelo sofrimento (claramente vemos que a cena da crise é central para o curso da ação, um curso indissolivelmente intrincada com a evolução na mente

de Neoptólemo) o faz profundamente consciente do caráter vergonhoso do engodo, tão distante de sua própria φύσις (...). (1980, p. 128)

Neoptólemo não consegue revelar sua participação e as intenções do plano de Odisseu de pronto. Sua indecisão e dificuldade em agir de forma determinante ainda transparece. O jovem não sabe para onde voltar (τρέπειν) sua palavra, sem saber como começar sua confissão já acometido pela aporia. A dependência e vulnerabilidade de Filoctetes desarmado é tão grande que o desterrado questiona se o jovem não teria sido acometido pelo nojo de sua chaga, como aconteceu anteriormente com os comandantes gregos e, para o espanto de Filoctetes, Neoptólemo responde que qualquer ação causa nojo, uma vez que se age de forma diferente do que permite sua própria natureza. Pela primeira vez, Filoctetes percebe a possibilidade de que Neoptólemo não esteja em total comunhão com os valores aquilianos e insiste que resgatá-lo em nada contrariaria tais valores. Neoptólemo há tempo sofre, conforme diz no verso 906, um verso dirigido a si mesmo, com seu afastamento da natureza supostamente herdada de seu pai, isto é, com o engodo de Odisseu do qual revelará ter tomado parte. Filoctetes tomar-lo-ia como alguém digno de reprovação. O mesmo herói que tanto elogiou-o, aproximando suas ações nobres das de Aquiles, agora irá revelar sua reprovação. Pucci comenta que existe um paralelo no uso do verbo ἀνιῶμαι por Neoptólemo no verso 906 e o verbo ἀνιῶσθαι por Filoctetes, no verso 283, de forma

absoluta, no infinitivo, sem artigo (...). Aqui a palavra, que, no verso 283, designava o tormento de Filoctetes abandonado e ferido, é adotada por Neoptólemo para expressar sua dor espiritual. A analogia entre as duas angústias se alarga implicando uma figura maior, a angústia de Filoctetes diante de seu exílio em Lemnos. O leitor pode sondar os efeitos que emanam desse paralelo mais vasto e entender que Neoptólemo se expulsou de sua natureza ética (PUCCI, 2005, p. 263).

Filoctetes percebe que seu resgate está em risco e que o jovem revelará algo importante, e cogita a possibilidade mais presente e que mais o assola: ser novamente traído e abandonado. Antes de dar início à revelação, Neoptólemo, com sua hesitação, faz com que Filoctetes insista com o jovem.

[Filoctetes] Certamente não pelo que fazes, mas pelo que dizes, hesito.
 [Neoptólemo] Ó Zeus! que farei? Duplamente serei tomado por mau, escondendo o que não se deve e dizendo as mais reprováveis das palavras.
 [Filoctetes] Este homem, se não entendo mal, tendo me traído, parece, e abandonado, prepara-se para partir.
 [Neoptólemo] Não te abandono, pelo contrário, muito dolorosamente envio-te. Há muito tempo isso me aflige.
 [Filoctetes] Que dizes, ó filho? Assim não compreendo.

[ΦΙ.] Οὐκουν ἐν οἷς γε δρᾶς· ἐν οἷς δ' ἀδᾶς ὀκνῶ.
 [ΝΕ.] ὦ Ζεῦ, τί δράσω; δεῦτερον ληφθῶ κακός,
 κρύπτων θ' ἄ μῃ δεῖ καὶ λέγων αἴσχιστ' ἐπῶν;

[ΦΙ.] Ἄνῆρ ὄδ', εἰ μὴ ἔγωγε κακὸς γνώμην ἔφυν,
 προδοῦς μ' ἔοικε κάκλιπών τὸν πλοῦν στελεῖν.
 [ΝΕ.] Λιπὼν μὲν οὐκ ἔγωγε, λυπηρῶς δὲ μὴ
 πέμπω σε μᾶλλον, τοῦτ' ἀνιώμην πάλαι.
 [ΦΙ.] Τί ποτε λέγεις, ὦ τέκνον; ὡς οὐ μανθάνω.
 (Σόφοκλῆς, *Filoctetes*, 907-914)

O filho de Aquiles ignora a fala do desterrado no verso 907 e invoca, em meio a sua aporia, Zeus. Há divergência sobre o entendimento de δεύτερον nesse contexto. Se entendido como “uma segunda vez”, como fazem Webster e Cerri, se poderia determinar que a primeira teria sido quando aceitou o sofisma de Odisseu e o segundo momento, conforme propõe Webster (2002, p. 125) seria quando da revelação do plano a Filoctetes. Optamos pela leitura de Lloyd-Jones e Jebb, isto é, Neoptólemo será duplamente tomado como mau, tanto pelo que oculta, quanto pelo que diz. Filoctetes, em uma fala quase fora do diálogo, começando a perceber uma distância entre ele e Neoptólemo, muda o tratamento usualmente dado ao jovem e o chama de “este homem” no verso 910.

[Neoptólemo] Nada te esconderei. Pois é-te preciso navegar para Troia para os Aqueus e a expedição dos Atridas
 [Filoctetes] Ai de mim. Que disseste? [Neoptólemo] Não lamentes antes de teres entendido.
 [Filoctetes] Que tipo de entendimento? Que pensas fazer de mim?
 [Neoptólemo] Primeiro salvar-te desse mal, depois ir junto contigo arrasas as planícies de Troia.
 [Filoctetes] E isso realmente pensas fazer? [Neoptólemo] Muito forte é a necessidade disso. E não te irrites ao ouvir.
 [Filoctetes] Estou perdido. Desgraçado. Traído. Que, ó estranho, me fizeste? Devolve-me rápido as armas.
 [Neoptólemo] Não é possível. Pois o justo e o interesse fazem-me obedecer os que comandam.

[ΝΕ.] Οὐδέν σε κρύψω· δεῖ γὰρ ἔς Τροίαν σε πλεῖν
 πρὸς τοὺς Ἀχαιοὺς καὶ τὸν Ἀτρειδῶν στόλον.
 [ΦΙ.] Οἴ μοι, τί εἶπας; [ΝΕ.] Μὴ στέναζε πρὶν μάθηρ.
 [ΦΙ.] Ποῖον μάθημα; τί με νοεῖς δρᾶσαι ποτε;
 [ΝΕ.] Σῶσαι κακοῦ μὲν πρῶτα τοῦδ', ἔπειτα δὲ
 ξὺν σοὶ τὰ Τροίας πεδία πορθῆσαι μολῶν.
 [ΦΙ.] Καὶ ταῦτ' ἀληθῆ δρᾶν νοεῖς; [ΝΕ.] Πολλὴ κρατεῖ
 τούτων ἀνάγκη· καὶ σὺ μὴ θυμοῦ κλύων.
 [ΦΙ.] Ἀπόλωλα τλήμων, προδέδομαι. Τί μ', ὦ ξένε,
 δέδρακας; ἀπόδος ὡς τάχος τὰ τόξα μοι.
 [ΝΕ.] Ἄλλ' οὐχ οἷόν τε· τῶν γὰρ ἓν τέλει κλύειν
 τό τ' ἔνδικόν με καὶ τὸ συμφέρον ποεῖ.
 (Σόφοκλῆς, *Filoctetes*, 915-926)

O jovem promete revelar tudo, mas omite quem é o idealizador do encontro dos dois. Estando Filoctetes sem seu arco, as revelações do filho de Aquiles em nada prejudicam o sofisma original de Odisseu. Nesse sentido, a revelação do jovem serve ao propósito egoísta de aliviar sua angústia sem comprometer em nada sua própria situação. Neoptólemo

finalmente revela diretamente que é preciso (δεῖ) que Filoctetes junte-se novamente à expedição grega agora em Troia e tenta explicar, diante da justificada resistência do desterrado, em seguida, o que acontecerá lá. Blundell (1991, p. 207) nota que Neoptólemo, depois de tentar afastar-se do sofisma de Odisseu ao revelar o plano a Filoctetes, volta a adotar uma postura similar a do filho de Laertes despersonalizando a razão pela qual Filoctetes deve retornar a Troia e ao exército grego. Knox vai mais longe ao chamar Neoptólemo de “um degenerado filho de seu pai, um graduado digno da escola de dissimulação e traição” (KNOX, 1964, p. 133). Entre as promessas estão a salvação deste mal presente, isto é, o abandono na ilha de Lemnos ou a cura da doença que assola Filoctetes, ambos podem ser entendidos sem serem mutuamente exclusivos, e a tomada da cidade. A promessa de cura da chaga é novidade aqui e revelaria que Neoptólemo poderia ter alguma informação sobre a profecia como, conforme pode-se perceber ao final da tragédia, logo antes da entrada de Hércules, de fato tem. Mesmo com o pedido de Neoptólemo para que o filho de Poiante não se revolte com as informações, Filoctetes imediatamente entende-se como desgraçado e exige suas armas de volta, o que é recusado pelo filho de Aquiles que alega estar obedecendo ordens por causa da justiça e conveniência da situação. Neoptólemo ainda está convencido da necessidade de conduzir Filoctetes a Troia e nega a devolução do arco alegando que é justo e conveniente, isto é, vantajoso que ambos retomem ao combate. O filho de Aquiles considera que a situação é conciliável. Em Ílion, está a solução do mal de Filoctetes e a grande glória de arrasar a cidadela. O jovem, nessa tentativa de persuadir abertamente o filho de Poiante, tenta ambiciosamente conquistar o que pode ser entendido como sua idealização de vitória total: cumprir a missão de reconduzir Filoctetes e as armas de Apolo de volta aos combates em Troia sem em momento algum, nesse caso, reparando o ardil inicial, aderir a qualquer forma de desvio da ética de sua infância. O desejo expresso por Neoptólemo nesse ponto não concede, isto é, não abre mão de nada, nem do conjunto de valores pelos quais inicialmente resistiu a proposta de Odisseu, nem das glórias e vantagens que espera alcançar na tomada de Troia. O jovem ambiciosa e inocentemente espera realizar todas as suas expectativas sem nenhuma frustração em seus desejos. Até agora, a única decisão de Neoptólemo que realmente o comprometeu foi tomar parte no sofisma proposto por Odisseu. Depois disso, todas suas ações e palavras foram ambíguas o suficiente para não comprometer ainda mais o jovem. Se, em *Édipo Tirano*, encontramos as consequências das decisões e ações tomadas por Édipo muito tempo antes dos eventos que se desenvolvem na tragédia, aqui vemos Neoptólemo

tomando decisões que o afetarão futuramente. A consciência da importância dessas decisões e de suas consequências é a principal razão pela qual o jovem filho de Aquiles hesita. Neoptólemo hesita em decidir porque percebe que cada escolha limita suas opções futuras e gera consequências. Esse é o principal aprendizado do jovem nessa tragédia, a percepção e o entendimento das consequências de suas decisões. Em um tom quase infantil, o filho de Aquiles pede que Filoctetes não se irrite com o que está lhe revelando, o que sugere a falta de experiência do jovem no mundo adulto. Cogitar a hipótese de que um herói na situação de Filoctetes receba com tranquilidade as informações que agora lhe são ofertadas é um indício do descompasso e do quanto o jovem ainda precisa aprender. Essa preocupação de Neoptólemo com os sentimentos e pensamentos de Filoctetes revela que o jovem, nesse ponto, já entende empaticamente que suas ações e decisões podem ser a causa do sofrimento alheio. O filho de Aquiles demonstra uma preocupação além da que vimos no prólogo em que parece importar-se apenas com sua própria fama.

No verso 923, Filoctetes, exigindo a devolução de suas armas, recua do tratamento mais afetivo dado a Neoptólemo anteriormente (παῖ e τέκνον) e adota o tratamento estrangeiro (ξένε) para se referir ao jovem, sinalizando sua perda de confiança e distanciamento. Esse é um sinal da quebra de confiança em Neoptólemo. Filoctetes, um representante dos antigos heróis gregos, tinha total confiança no filho de um de seus pares ao ponto de confiar-lhe suas próprias armas, que são seu único meio de subsistência nas condições em que se encontra. Neoptólemo possivelmente ressentiu-se dessa quebra no vínculo que vinha criando, vínculo esse que foi responsável por profundas mudanças no pensamento do jovem. Foi através do vínculo estabelecido com Filoctetes que o filho de Aquiles aprendeu ou evoluiu seu pensamento o suficiente para decidir arriscar a afastar-se dos desígnios de Odisseu. O risco que corre agora é de não ser reconhecido como digno por nenhum dos adultos com quem tem interagido recentemente. Embora o plano não esteja totalmente comprometido com as revelações comedidas que faz a Filoctetes, sua ousadia cria um impasse entre comandante e comandado. A partir de agora, lemos um longo silêncio de Neoptólemo.

Ó fogo, tu, completo terror e vilania
 mais odioso que terrível ardil, assim me enganaste
 e me traíste. Não tens vergonha me vendo
 assim prostrado, teu suplicante, ó funesto!
 Roubaste-me a vida tomando o arco.
 Devolve! Suplico-te, devolve, por favor, filho.
 Pelos deuses pátrios, não me tires a vida.
 Ai de mim, desgraçado. Mas não me dizes nada mais,

Como se jamais fosse soltá-las, ele desvia o olhar.
 Ó baías, ó promontórios, ó companhias
 das feras da montanha, ó pedras alcantiladas,
 a vós, pois não sei a que outro me dirigir,
 choro a vós sempre presente
 que esse feito fez-me do filho de Aquiles!
 Tendo jurado me levar para casa, conduz-me a Troia,
 oferecendo a mão direita, o meu arco
 sagrado de Hércules, filho de Zeus, tomou
 e quer exhibi-los aos argivos.
 Leva-me pela força, como se tivesse capturado um homem forte,
 sem saber que mata um defunto ou a sombra de um fumo,
 um fantasma! Se tivesse força,
 não me tomaria, nem mesmo nessa situação em que estou, se não tivesse me
 enganado.
 Agora desafortunado fui enganado. Que devo fazer?
 Devolve! Sê agora tu mesmo.
 Que dizes? Calas? Nada sou, miserável.
 Ó forma pétreia de dupla entrada, novamente de novo,
 entro em ti desarmado, sem alimento,
 secarei só nesta caverna,
 nem ave voadora, nem fera da montanha
 com essas flechas matando, mas eu mesmo, miserável,
 morto, fornecerei alimento àqueles de quem antes me alimentava
 e os que antes caçava agora caçarão.
 Com morte pagarei pelas mortes, miserável,
 por causa de quem nada de mal parece saber.
 Tomara que tu morras; Não ainda. Antes gostaria de saber se
 mudarás de ideia. Se não, que morras miseravelmente!

Ὡ πῦρ σὺ καὶ πᾶν δεῖμα καὶ πανουργίας
 δεινῆς τέχνημ' ἔχθιστον, οἷά μ' εἰργάσω,
 οἷ' ἠπάτηκας· οὐδ' ἐπαισχύνῃ μ' ὀρώων
 τὸν προστρόπαιον, τὸν ἰκέτην, ὃ σκέτλιε;
 Ἀπεστέρηκας τὸν βίον τὰ τόξ' ἐλών·
 ἀπόδος, ἰκνοῦμαί σ', ἀπόδος, ἰκετεύω, τέκνον.
 Πρὸς θεῶν πατρώων, τὸν βίον με μὴ ἀφέλη.
 Ὡμοι τάλας. Ἄλλ' οὐδὲ προσφωνεῖ μ' ἔτι,
 ἀλλ' ὡς μεθήσων μήποθ', ὥδ' ὄρα πάλιν.
 Ὡ λιμένες, ὦ προβλήτες, ὦ ξυνουσίαι
 θηρῶν ὀρειῶν, ὦ καταρρώγες πέτραι,
 ὑμῖν τὰδ', οὐ γὰρ ἄλλον οἶδ' ὅτω λέγω,
 ἀνακλαίομαι παροῦσι τοῖς εἰωθόσιν,
 οἷ' ἔργ' ὁ παῖς μ' ἔδρασεν οὐξ Ἀχιλλέως·
 ὁμόσας ἀπάξειν οἴκαδ', ἐς Τροίαν μ' ἄγει·
 προσθεῖς τε χεῖρα δεξιάν, τὰ τόξα μου
 ἱερὰ λαβῶν τοῦ Ζηνὸς Ἡρακλέους ἔχει,
 καὶ τοῖσιν Ἀργείοισι φήνασθαι θέλει,
 Ὡς ἄνδρ' ἐλών ἰσχυρὸν ἐκ βίας μ' ἄγει,
 κούκ οἶδ' ἐναίρων νεκρὸν, ἢ καπνοῦ σκιάν,
 εἶδωλον ἄλλως. οὐ γὰρ ἄν σθένοντά γε
 εἶλέν μ'· ἐπεὶ οὐδ' ἄν ὥδ' ἔχοντ', εἰ μὴ δόλω.
 Νῦν δ' ἠπάτημαι δῦσμορος. τί χρὴ με δρᾶν;
 <Ἄλλ'> ἀπόδος, ἀλλὰ νῦν ἔτ' ἐν σαυτοῦ γενοῦ.
 Τί φῆς; σιωπᾶς. Οὐδὲν εἰμ' ὁ δῦσμορος.
 Ὡ σχῆμα πέτρας δίπτυλον, αὐθις αὐ πάλιν
 εἴσειμι πρὸς σὲ ψιλός, οὐκ ἔχων τροφήν·
 ἀλλ' ἀθανοῦμαι τῶδ' ἐν ἀυλίῳ μόνος,

οὐ πτηνὸν ὄρνιν, οὐδὲ θῆρ' ὄρειβάτην
 τόξοις ἐναίρων τοισίδ', ἀλλ' αὐτὸς τάλας
 θανῶν παρέξω δαῖθ' ἀφ' ὧν ἐφερβόμην,
 καί μ' οὐς ἐθήρων πρόσθε θηράσουσι νῦν·
 φόνον φόνου δὲ ῥύσιον τείσω τάλας
 πρὸς τοῦ δοκοῦντος οὐδὲν εἶδέναι κακόν.
 Ὅλοιο – μή πω, πρὶν μάθοιμ' εἰ καὶ πάλιν
 γνώμην μετοίσεις· εἰ δὲ μή, θάνοις κακῶς.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 927-962)

Pucci (2003, p. 266) divide a fala de Filoctetes em três segmentos distintos: 927 a 935, em que Filoctetes insulta Neoptólemo; 936 a 951, em que comenta a situação em que se encontra, e 952 a 962, em que o desterrado aceita a morte por inanição em sua caverna. Nessa longa fala de 36 versos, Filoctetes desesperadamente utiliza todos os recursos que pode imaginar para tentar convencer Neoptólemo a devolver-lhe o arco, desde o insulto atormentado até a persuasão. O jovem, segurando o arco, mantém-se calado. O filho de Poiante não pede mais nenhuma forma de resgate, apenas menciona, no verso 941, que o filho de Aquiles o enganou com a promessa de levá-lo para casa. Não há nenhuma dúvida de que Filoctetes se recusa terminantemente a retornar ao convívio dos argivos. Ao descobrir o sofisma, o filho de Poiante imediatamente reorganiza seu discurso para tentar permanecer em Lemnos com o arco e as flechas de Hércules. O triplo insulto de Filoctetes se inicia pelo fogo implacável que consome tudo em seu caminho sem importar-se com o que está queimando. As ofensas seguintes dizem respeito ao mentir e enganar de que Neoptólemo se utilizou. Como não poderia deixar de ser, devido à situação absolutamente precária e delicada em que se encontra, Filoctetes ignora completamente o sofrimento psicológico do jovem filho de Aquiles. No entendimento do desterrado, Neoptólemo deveria envergonhar-se de suas ações. O herói que há pouco elogiava o filho de Aquiles por sua nobreza, agora consciente do plano para enganá-lo, repreende o jovem que violou a confiança daquele que é seu suplicante. Não há nenhuma dúvida de que Filoctetes morrerá sem o arco. O desterrado, agora ainda mais rebaixado pela traição que lhe tirou seu único sustento, não implora mais por resgate, mas pela própria vida. No verso 932, quando novamente suplica a Neoptólemo, Filoctetes recorre mais uma vez ao tratamento anteriormente de 'filho'. Pucci (2003, p. 268), Kamerbeek (1980, p. 133-134) e Segal (1999, p. 319) apontam para a possibilidade de um jogo de palavras Heraclítico¹³ entre βίος (arco) e βίος (vida). Embora possível, Pucci sugere que

se é intencional, tem uma força superficial, porque Filoctetes inverte e enfraquece o sentido do ditado: privando-me do arco, tu, Neoptólemo, priva-me da vida. O arco não

13 “τῶι οὖν τόξωι ὄνομα βίος, ἔργον δὲ θάνατος” (*Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol. 1, 6th ed., Eds. Diels, H., Kranz, W. Berlin: Weidmann, 1951, Repr. 1966).

é então, como em Heráclito, contraditoriamente princípio de vida e morte, nome de vida, mas instrumento de morte; para Filoctetes é simplesmente um instrumento de vida. (PUCCI, 2003, p. 268)

Há provavelmente uma pausa entre os versos 33 e 34 que se constituiria como uma possibilidade oferecida por Filoctetes para que Neoptólemo respondesse, mas, dado o silêncio do jovem, o desterrado se horroriza com o fato de que o filho de Aquiles nem mais o responde, desvia o olhar como se nunca mais fosse devolver o arco e as flechas para o filho de Poiante. Segal (1999, p. 318) atribui significados psicológico e teológico ao arco de Filoctetes. O arco foi um presente de Apolo para Hércules, dado como um instrumento que protege a humanidade e civiliza o mundo ao ser utilizado para livrá-los de criaturas monstruosas que os ameaçam. Hércules deu o arco a Filoctetes como um agradecimento pelo auxílio de livrar-se do sofrimento que o acometia, um gesto de gratidão e união entre um homem e um semi-deus. Se, por um lado, a chaga de Filoctetes o animaliza, o arco, em contrapartida, o aproxima da civilização, seja pela tomada de Troia, seja pela possibilidade de manter-se vivo através da caça. A próxima ocasião em que o arco trocará de mãos, entretanto, será, pela primeira vez, embora Neoptólemo tenha ascendência divina, entre homens. Desta vez, pelo menos por enquanto, o vínculo de gratidão e cooperação está quebrado. Se para Odisseu o arco é apenas um meio para o sucesso e para Filoctetes a única ferramenta que o mantém vivo, para Neoptólemo há mais possibilidades. O filho de Aquiles encontra no arco e em Filoctetes “seu primeiro vislumbre do mundo em que homens como Aquiles e Hércules realizaram seus grandes feitos, em que ele também está destinado a encontrar seu caminho” (SEGAL, 1999, p. 319).

Filoctetes passa, então, em seu total desespero e novamente relegado à solidão, a invocar a natureza que o circunda, sua única companhia nesses dez anos em que esteve sozinho na ilha de Lemnos. O filho de Poiante não tem a quem contar sobre a traição de Neoptólemo. A natureza que o circunda, além de ser a única presença constante, não atraiçoa. Sem seu arco, Filoctetes contempla a hipótese do retorno à situação anterior de isolamento, porém com uma considerável piora em sua condição, pois voltará à natureza derradeiramente reduzido a uma besta ferida, sem nenhum instrumento que o diferencie dos animais. O desespero que leva Filoctetes a dirigir sua fala à natureza que o circunda não é desprovido de esperança de persuasão. Diante do silêncio de Neoptólemo, o herói que foi desterrado em Lemnos utiliza a própria natureza da ilha como um sujeito intermediário a quem se dirige na esperança de alcançar o filho de Aquiles e persuadi-lo, como notou Pucci (2003, p. 271).

O valor dado ao juramento e à promessa feita pelo desterrado é revelado a seguir, quando, ainda dirigindo-se à natureza que o circunda, descreve o mal feito pelo filho de Aquiles. A traição é dupla: palavra e ação. Neoptólemo diz que levaria Filoctetes a sua terra natal, quando na verdade o conduz a Troia e oferece a mão em auxílio apenas para tomar o arco. No verso 811, Filoctetes diz que não é necessário que o filho de Aquiles firme juramento, mas, a seguir, no verso 813, como vimos acima, pegar a mão é uma garantia que equivale a uma promessa. Numa tentativa de rebaixar Neoptólemo, como comenta Pucci (2003, p. 269), Filoctetes propõe que a intenção do jovem em conduzi-lo a Troia é meramente exhibir tanto o herói quanto o arco como prêmios de sua conquista, da mesma forma que o mercador relatou ser o plano de Odisseu. Filoctetes ainda não sabe que o filho de Laertes é a mente por trás de toda a maquinação para enganá-lo e crê que tal recurso retórico poderia auxiliá-lo na persuasão do jovem a salvá-lo restituindo-lhe o arco. Curiosamente Neoptólemo não aproveita essa oportunidade para revelar-se como subordinado de Odisseu. O jovem mantém-se calado, sonogando mais essa informação de Filoctetes, demonstrando ainda sua incapacidade de comprometer-se com sua própria iniciativa de franca persuasão do desterrado. O filho de Aquiles, no prólogo, sugere que seria melhor abordar Filoctetes abertamente e tentar convencê-lo a voltar às fileiras do exército argivo. Ainda tentando convencer Neoptólemo de que a presente conquista que fez não é um grande feito, Filoctetes minimiza a vitória do jovem descrevendo as condições precárias em que se encontra. O filho de Aquiles não venceu nem capturou um homem forte, saudável e totalmente capaz, mas um fraco, doente e semi-inválido. Se tivesse forças, Filoctetes resistiria, mas, fraco como está, o herói demonstra, por um breve momento, indícios de sua hesitação, no verso 949, em que se pergunta “O que devo fazer?”, mas rapidamente, no verso seguinte, retoma sua obstinação e o tratamento na segunda pessoa, ordenando que o jovem devolva-lhe o arco e, logo a seguir, suplica que Neoptólemo seja ele mesmo, que se transforme em si mesmo, remetendo a uma proto-identidade natural e ainda não realizada do jovem, uma vez que suas boas palavras anteriores faziam parte do sofisma.

Mais uma vez Neoptólemo permanece calado depois da suplica de Filoctetes que, então, afirma não ser nada no verso 951. O herói abandonado uma década atrás, antigo portador de poderosas armas mitológicas, retoma o contato humano apenas para ver-se novamente envolvido com as maquinações de seus antigos companheiros. Sozinho, sem o arco e recusando-se a aceitar qualquer contato com os gregos, mesmo com a promessa de cura

mencionada por Neoptólemo, ainda que facilmente se possa compreender a descrença do desterrado em relação a qualquer promessa feita pelo jovem, Filoctetes está reduzido a nada. Nesse contexto, a única ação que lhe resta é sofrer com sua chaga e a fome até sua morte isolado em sua caverna, como ele mesmo declara nos versos seguintes. Se antes Filoctetes caçava solitário seu alimento na ilha deserta, agora é o próprio herói que servirá de alimento aos animais. A natureza é hostil e a sobrevivência só é garantida pela tecnologia, já que a cooperação entre os homens é incerta. Aquele que parecia inocente e oferecia resgate, o filho de Aquiles, pode ser causa da morte.

O desespero de Filoctetes é tão completo que, nos versos finais dessa longa fala (961-962), o herói alterna mais rapidamente o tom de maior ódio e repúdio a Neoptólemo com desesperada súplica, como vinha fazendo durante esses trinta e seis versos. O ritmo crescente dessa alternância culmina nos últimos dois versos. A mudança no *pathos* de Filoctetes dentro de sua fala, isto é, a alternância entre o ódio rancoroso por causa da mentira daquele que cria ser seu amigo e a súplica humilhante àquele que gostaria que fosse seu amigo, foi comentada por Reinhardt, que descreve essa fala de Filoctetes como sendo,

(...) em si e por si, na riqueza de suas transições, para além de toda a semelhança, um drama em si mesmo, alternam-se o desprezo mais odioso com as súplicas mais intensas, o chamado do outro com o chamado de si mesmo, e este, novamente, com o chamado da natureza..., e essa sequência se repete mais uma vez por meio do retorno estrófico, até que o desprezo novamente se despedace, para que o círculo se feche do mesmo modo como começara. (2007, p. 208, tradução Oliver Tolle)

Neoptólemo finalmente se pronuncia novamente depois que seus mirmidões, chamando Neoptólemo de 'senhor', o mesmo termo utilizado pelo filho de Aquiles para referir-se a Odisseu no prólogo, perguntam-lhe, deixando de lado sua antiga aderência ao plano do Laertiáde, como devem proceder.

[Coro] Que faremos? Em ti está navegarmos, senhor,
já, ou ceder às palavras dele?
[Neoptólemo] Com efeito, uma terrível compaixão caiu-me
por este homem. Não agora pela primeira vez, mas há muito tempo.
[Filoctetes] Tem piedade, ó menino, pelos deuses. E não permitas
nenhuma reprovação dos mortais a ti por me raptar.
[Neoptólemo] Ai de mim! Que farei? Antes nunca tivesse partido
de Ciro! Tanto me pesam esses fatos.
[Filoctetes] Tu não és mau, ensinado por homens maus
pareces já ter chegado à sordidez. Agora, dando aos outros
o que é justo, parte, tendo me devolvido minhas armas.
[Neoptólemo] Que faremos, homens?

[XO.] Τί δρῶμεν; ἐν σοὶ καὶ τὸ πλεῖν ἡμᾶς, ἄναξ,
ἤδη 'στὶ καὶ τοῖς τοῦδε προσχωρεῖν λόγοις.
[NE.] Ἐμοὶ μὲν οἴκτος δεινὸς ἐμπέπτωκέ τις
τοῦδ' ἀνδρὸς οὐ νῦν πρῶτον, ἀλλὰ καὶ πάλαι.

[ΦΙ.] Ἐλέησον, ὦ παῖ, πρὸς θεῶν, καὶ μὴ παρῆς
σαυτοῦ βροτοῖς ὄνειδος ἐκκλέψας ἐμέ.
[ΝΕ.] Οἶμοι, τί δράσω; μὴ ποτ' ὄφελον λιπεῖν
τὴν Σκυῖρον· οὕτω τοῖς παροῦσιν ἄχθομαι.
[ΦΙ.] Οὐκ εἶ κακὸς σύ· πρὸς κακῶν δ' ἀνδρῶν μαθῶν
ἔοικας ἤκειν αἰσχρά. νῦν δ' ἄλλοισι δοὺς
οἷς εἰκός ἔκπλει, τὰμ' ἐμοι μεθεῖς ὄπλα.
[ΝΕ.] Τί δρῶμεν, ἄνδρες;
(Sófocles, *Filoctetes*, 963-974)

Neoptólemo confessa que há muito tempo vem se apiedando dos sofrimentos de Filoctetes que, indefeso, novamente suplica pelos deuses, tratando o filho de Aquiles de 'menino', que o jovem tenha piedade e garanta que nenhuma reprovação por parte dos homens recaia sobre o jovem. No verso 969, Neoptólemo diz que teria sido preferível nunca ter deixado sua terra natal, a ilha de Círos, onde Aquiles reinava. O desejo impossível do jovem filho de Aquiles representa o recuo diante de suas ações recentes. A vontade ultrapassa a ambição de retornar ao local onde passou sua infância, onde estava seguro e distante das intrigas em que agora se envolve, e alcança o ponto fulcral do amadurecimento do jovem: a consciência de que ações não podem ser desfeitas e que não se pode recuar de palavras já ditas. Não basta apenas retornar ao local da infância segura, mas seu desejo reflete o arrependimento em ter tomado parte no universo dos adultos. Teria sido melhor nunca ter-se envolvido. A ilha de Círos representa uma infância segura para um príncipe que não precisaria pensar, decidir e agir autonomamente enquanto o rei estivesse presente. Como príncipe, o filho de Aquiles provavelmente não encontraria nenhuma oposição entre as fileiras dos mirmidões, cuja disciplina é tema do mito de fundação da cidade. O lar do qual preferiria nunca ter partido oferecia ao filho do rei uma situação em que todo seu futuro é potencial e ainda não concreto. Quaisquer que fossem as ambições do jovem, enquanto permanecesse na ilha, teria inúmeras possibilidades. Ele poderia desenvolver qualquer personalidade. A condição potencial de transformar-se no que queira é a principal característica do conforto infantil. Ao sair da ilha em busca de glórias similares a de Aquiles, ao aceitar a missão para qual foi recrutado por Odisseu, Neoptólemo, pela primeira vez, enfrenta situações em que é preciso assumir responsabilidade pelas consequências de suas decisões e suas escolhas. Surge oportunidade de passar a agir autonomamente, desenvolvendo características anteriormente potenciais em características reais, isto é, concretizadas. Sobre esse desejo de nunca partir de Círos, sua terra natal, é importante lembrar que o mesmo aconteceu com Odisseu quando foi recrutado para a guerra de Troia. O Laertiade, quando da chegada da embaixada enviada pelos

atridas para convocá-lo, fingindo-se de louco, tentou permanecer em Ítaca¹⁴. O objetivo do subterfúgio de Odisseu era ver-se livre do juramento que fizera quando participou do conjunto de reis que tratou do casamento de Helena com Menelau. O próprio Sófocles escreveu uma tragédia intitulada *Odisseu Enlouquecido*, que infelizmente não chegou até nós. Sutton esclarece que “os fragmentos são parcos e não servem para mostrar como Sófocles lidou com essa história” (1984, p. 94). Tal atitude de Odisseu, embora exterior aos elementos de *Filoctetes*, corrobora a existência de literatura descrevendo o filho de Laertes como ardiloso e, aceitando-se o questionamento sobre a justiça ou validade da campanha em Troia, egoísta.

O anseio pela segurança do lar remete em certa medida a uma situação semelhante que acontecerá na família de Laertes, quando Telêmaco opta por partir da situação conturbada que encontra em sua casa com o assédio de sua mãe, Penélope, por parte dos pretendentes. A semelhança entre os dois jovens parece ter sido explorada propositalmente, como propõe Whitby. Tanto Telêmaco quanto Neoptólemo enfrentam a passagem da infância para o mundo adulto. Na *Odisseia*, Telêmaco, nos versos 113-116 do livro 4, chora ao ouvir o relato de Menelau sobre Odisseu, como fez nos versos 80 e seguintes do livro 2 após seu primeiro discurso diante da assembleia de Ítaca quando atirou no chão o cetro. Neoptólemo, de forma similar, em uma inovação própria, já que não foi especificamente instruída por Odisseu, durante o relato espontaneamente mentiroso que faz a Filoctetes sobre sua chegada em Troia e as injustiças que sofre, alega ter chorado pela morte de Aquiles e pela frustração de não ter recebido as armas de seu pai, as quais teriam permanecido com o filho de Laertes. Para os dois, essas constituem-se em suas primeiras experiências de aparições públicas diante de assembleias, posto que a situação para Neoptólemo tenha se desenrolado diferentemente do que relata a Filoctetes. Ambos sentem-se ainda incapazes de lidar com situações frustrantes que são impostas e controladas por heróis mais velhos e mais experientes que se constituem na principal fonte de informações sobre os pais ausentes. A primeira vez que Neoptólemo teria visto Aquiles é em Troia, como diz nos versos 348 e seguintes:

Essas coisas, ó estrangeiro, assim dito, não por muito tempo me mantiveram de embarcar rapidamente mais que tudo, por anseio do falecido, para vê-lo insepulto, pois não o conheci.

Ταῦτ', ὦ ξέν', οὕτως ἐννέποντες οὐ πολὺν χρόνον μ' ἐπέσχον μὴ με ναυστολεῖν ταχύ, μάλιστα μὲν δὴ τοῦ θανόντος ἡμέρω, ὅπως ἴδοιμ' ἄθαπτον· οὐ γὰρ εἰδόμη·

14 Para outras fontes, cf. Hyginus, *Fabulae*, 95, e Apolodoro, *Bibliotheca*, Epitome 3.7, especialmente a nota de Frazer.

(Sófocles, *Filoctetes*, 348-351)

O jovem Neoptólemo não conheceu ou não tem memória da fisionomia de seu pai e essa foi uma das razões que o motivaram a partir para o combate em Ílion, vê-lo antes que dessem sequência aos ritos funerários. Whitby resume a semelhança dizendo que “Neoptólemo parte de Ciro em uma viagem em busca de seu pai que o leva a maturidade, bem como Telêmaco é incitado a fazer por Atena no começo da *Odisseia*” (1996, p. 32). Ainda conforme a autora, há uma semelhança nuclear na forma com que essa transição para a maturidade se realiza, isto é, contato com a geração mais velha de heróis guerreiros que admiram aqueles de quem os jovens sentem falta e que tomaram parte nos eventos em Troia (ibidem). Os jovens diferem, entretanto, no que diz respeito às características dos ambientes de onde tem início a busca. Telêmaco parte de Ítaca motivado em parte pela conturbação causada pelos pretendentes à mão de Penélope e encontra auxílio e apoio nas cortes dos reis que visita, enquanto Neoptólemo se encontrava em Ciro, um lar perfeitamente seguro e estabelecido, onde sua herança jamais esteve em risco, em direção a um meio hostil. Whitby propõe que

Bem como aceita-se amplamente que a telemaquia inicial seja contribuição original de Homero para a história de Odisseu (...), também a introdução de Neoptólemo é a contribuição original de Sófocles para a história de Filoctetes. Em cada caso, o enredo exige a colaboração entre as duas gerações para que o sucesso seja alcançado. (1996, p. 35)

Em Sófocles, contudo, a situação de busca pelo pai difere da que se encontra na *Odisseia* na medida em que Telêmaco acaba reencontrando o pai a quem deve unir forças e obedecer para restituir a ordem em seu lar, enquanto que o Neoptólemo de Sófocles avança sozinho entre as intrigas dos heróis da geração de seu pai, tendo como único parâmetro a alegada natureza de Aquiles que só pode conhecer pelos relatos desses mesmos com quem quer se entrosar. De certa forma, aproximar-se da natureza atribuída a Aquiles pelos outros heróis é a única aproximação possível para Neoptólemo. É interessante lembrar que Filoctetes, além dos motivos mais imediatos como a doença e a solidão, também quer retornar a sua terra natal para encontrar seu próprio pai, Poiante.

A hesitação e paralisia de Neoptólemo diante da aporia em que se encontra é transformada em ação novamente pela presença e pela atitude de Odisseu em relação a Filoctetes na esticomitia que lê-se a partir do verso 974:

(...) [Odisseu] Ó pior dos homens, que fazes?
 Não voltas, tendo me dado essas armas?
 [Filoctetes] Ai de mim! Esse homem? É Odisseu que escuto?

[Odisseu] Odisseu eu mesmo, fica sabendo sem dúvida, que vês.
 [Filoctetes] Ai de mim! Fui vendido e estou arruinado. É ele
 que me sequestrou e roubou minhas armas.
 [Odisseu] Eu, fica sabendo, e nenhum outro. Concordo com isso.
 [Filoctetes] Devolve, entrega-me, menino, as armas. [Odisseu] Isso,
 nem que ele queira, fará, mas também é preciso que tu
 venhas com elas ou à força te levarão.

(...) [ΟΔ.] Ὡ κάκιστ' ἀνδρῶν, τί δρᾶς;
 Οὐκ εἶ, μεθεὶς τὰ τόξα ταῦτ' ἐμοί πάλιν;
 [ΦΙ.] Οἴμοι, τίς ἀνήρ; ἄρ' Ὀδυσσέως κλύω;
 [ΟΔ.] Ὀδυσσέως, σάφ' ἴσθ', ἐμοῦ γ', ὃν εἴσορᾶς.
 [ΦΙ.] Οἴμοι· πέπραμαι κάπόλωλ'. ὄδ' ἦν ἄρα
 ὁ ξυλλαβῶν με κάπονοσφίσας ὄπλων.
 [ΟΔ.] Ἐγώ, σάφ' ἴσθ', οὐκ ἄλλος· ὁμολογῶ τάδε.
 [ΦΙ.] Ἀπόδος, ἄφες μοι, παῖ, τὰ τόξα. [ΟΔ.] Τοῦτο μὲν,
 οὐδ' ἦν θέλῃ, δράσει ποτ'. ἀλλὰ καὶ σὲ δεῖ
 στεῖχειν ἄμ' αὐτοῖς, ἢ βίᾳ στελοῦσί σε.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 974-983)

Odisseu aparece de surpresa ecoando a pergunta do jovem Neoptólemo a seus marinheiros, interrompendo o raciocínio e impedindo qualquer resposta dos mirmidões. A partir desse momento, o filho de Aquiles permanecerá em silêncio por algum tempo, cedendo completamente a Odisseu, apenas observando atônito as trocas entre Odisseu e Filoctetes. O tratamento utilizado para referir-se a Neoptólemo é ofensivo, o que provavelmente colabora tanto para a inércia do jovem, quanto para sua posterior decisão de devolver o arco ao desterrado. Não é forçosamente necessário que o jovem tenha agido ou posicionado-se de qualquer maneira que seja com o intuito de justificar a urgência da fala de Odisseu. O filho de Laertes certamente percebe a hesitação de Neoptólemo assim que entra em cena e isso seria suficiente para que sua atitude fosse justificada. Filoctetes, ao ouvir sua voz, reconhece imediatamente aquele que foi responsável pelo seu abandono na ilha de Lemnos, como podemos identificar pelo início de sua fala com “Ai de mim!” (ibidem), o que demonstra o imediatismo de seu reconhecimento e a antecipação do sofrimento. O Laertiáde confirma sua identidade e o filho de Poiante entende que Odisseu é o responsável por tudo que está lhe acontecendo. O rei de Ítaca é o responsável por todo o plano de tomar-lhe as armas. Odisseu, reconhecendo o triunfo de seu engodo, admite prontamente que é ele e ninguém mais o responsável pelos eventos recentes. Isso absolve de culpa, em certa medida, Neoptólemo que, por um lado, com essa assunção de culpa do filho de Laertes, perde um pouco da pouca e relativa autonomia que teria conquistado ao escolher participar do sofisma e, por outro lado, isenta, diante de Filoctetes, também parcialmente, o dolo do filho de Aquiles, criando espaço para uma reaproximação entre esses dois.

O desterrado pede ainda mais uma vez que Neoptólemo devolva-lhe o arco, mas o jovem continua em silêncio, deixando que Odisseu responda, trata-se contudo de “uma mudez que não significa fraqueza, mas intensificação de sua presença” (REINHARDT, 2007, p. 209, tradução Oliver Tolle). Quanto mais seguro Odisseu estiver do sucesso de seu plano, mais surpreso ficará com a reviravolta preparada por Neoptólemo durante esse silêncio do jovem.

[Filoctetes] A mim, ó pior dos piores e ousadíssimo,
estes à força conduzirão? [Odisseu] Se não vieres voluntariamente.
[Filoctetes] Ó terra lêmnia e luz toda poderosa
feita por Hefesto, essas coisas, com efeito, devo suportar,
que ele de teu domínio me leve à força?
[Odisseu] É Zeus, fica sabendo, Zeus, quem domina esta terra,
Zeus, quem determinou essas coisas. Eu o sirvo.
[Filoctetes] Ó detestável, de quantas formas inventas para dizer!
Usando deuses como causa, imputas falsidades aos deuses.
[Odisseu] Não, mas são verdades. O caminho deve ser seguido.
[Filoctetes] Digo que não. [Odisseu] Digo que sim. Deves obedecer essas coisas.

[ΦΙ.] Ἐμ', ὦ κακῶν κάκιστε καὶ τολμήσατε,
οἶδ' ἐκ βίας ἄξουσιν; [ΟΔ.] ἦν μὴ ἔρπης ἐκόν.
[ΦΙ.] Ὡ Λημνία χθών καὶ τὸ παγκρατὲς σέλας
Ἥφαιστότευκτον, ταῦτα δῆτ' ἀνασχετά,
εἴ μ' οὗτος ἐκ τῶν σῶν ἀπάξεται βία;
[ΟΔ.] Ζεὺς ἐσθ', ἴν' εἰδῆς, Ζεὺς, ὃ τῆσδε γῆς κρατῶν,
Ζεὺς, ὃ δέδοκται ταῦθ' ὑπηρετῶ δ' ἐγώ.
[ΦΙ.] Ὡ μῖσος, οἷα κάξανευρίσκεις λέγειν·
θεοὺς προτείνων τοὺς θεοὺς ψευδεῖς τίθης.
[ΟΔ.] Οὐκ, ἀλλ' ἀληθεῖς. Ἡ δ' ὁδὸς πορευτέα.
[ΦΙ.] Οὐ φημ'. [ΟΔ.] ἐγὼ δέ φημι. πειστέον τάδε.
(Sófocles, *Filoctetes*, 984-994)

Pucci nota que a separação do pronome que inicia o verso 984 e o verbo no verso 985, ao final da fala de Filoctetes, cria “(...) uma ênfase fortíssima, como um hiato impossível de compor, uma distância intransponível” (2003, p. 274). O verbo utilizado por Odisseu no início de sua resposta ao desterrado no verso 985 (ἔρπω) “(...) pode significar 'arrastar por terra', como os recém-nascidos ou as serpentes. Uma alusão má de Odisseu ao arrastar-se do pé ferido é possível: a sobrecarga semântica é frequente em Sófocles” (ibidem). O desterrado invoca o fogo de Hefesto apenas para ouvir de Odisseu que na verdade é Zeus, uma autoridade supostamente maior que a de Hefesto e quaisquer deuses locais, quem comanda o retorno de Filoctetes aos combates em Troia. O filho de Poiante recusa a possibilidade de seu retorno ser desejado por Zeus unicamente por provir a informação do filho de Laertes. Segundo o filho de Poiante, se é Odisseu quem diz, certamente não é verdade. No verso 990, o Laertiáde utiliza o verbo ὑπηρετῶ do qual já vimos a forma agentiva sendo utilizada pelo próprio Odisseu no verso 53 para referir-se a situação subordinada de Neoptólemo nessa

missão, uma possível referência a sua ligação mais direta com Zeus para sobrepor qualquer menção de Hefesto. Possivelmente Odisseu supõe conhecer a vontade de Zeus através da profecia de Heleno, a qual não é mencionada nesse momento da tragédia. A determinação de Filoctetes em não cooperar com a armada grega é tão intensa que o herói pensa em se matar.

[Filoctetes] Ai de mim, desgraçado. Claramente como escravos o pai nos fez, não como homens livres.

[Odisseu] Não, mas semelhantes aos melhores, com os quais Troia te é preciso tomar e arrasas pela força.

[Filoctetes] Nunca! Nem que seja preciso que eu sofra todo o mal, enquanto exista esta alta escarpa de terra!

[Odisseu] O que pretendes? [Filoctetes] Esta minha cabeça imediatamente com a escarpa na pedra de cima ferirei me jogando.

[Odisseu] Segurem-no! Que ele não possa fazer isso.

[ΦΙ.] Οἷμοι τάλας. Ἡμᾶς μὲν ὡς δούλους σαφῶς πατήρ ἄρ' ἐξέφυσεν, οὐδ' ἐλευθέρους.

[ΟΔ.] Οὐκ, ἀλλ' ὁμοίους τοῖς ἀρίστοισιν, μεθ' ὧν Τροίαν σ' ἐλεῖν δεῖ καὶ κατασκάψαι βίᾱ.

[ΦΙ.] Οὐδέποτε γ'· οὐδ' ἦν χρῆ με πᾶν παθεῖν κακόν, ἕως γ' ἂν ἦ μοι γῆς τόδ' αἰπεινὸν βάθρον.

[ΟΔ.] Τί δ' ἐργασείεις; [ΦΙ.] Κρᾶτ' ἐμὸν τόδ' αὐτίκα πέτρα πέτρας ἄνωθεν αἰμάξω πεσών.

[ΟΔ.] Ἐυλλάβετον αὐτόν· μὴ πὶ τῷδ' ἔστω τάδε.

(Sófocles, *Filoctetes*, 995-1003)

A oposição entre as falas de Odisseu e Filoctetes leva o desterrado a concluir, no verso 995, que os homens não são livres, mas escravos dos criadores, um novo estágio no sofrimento do desterrado que será dominado pelos marinheiros para que não se mate saltando da rocha escarpada. Ele é desprovido de sua própria liberdade de ação e de decidir autonomamente sobre o que acontecerá em seu limitado futuro e com seu incapacitado corpo. Odisseu recusa o que é dito por Filoctetes e afirma que o desígnio divino é que o desterrado junte-se aos melhores homens em Troia. É importante notar o caso claro que encontramos aqui em que Odisseu nega nitidamente a afirmação de Filoctetes, inclusive iniciando sua fala com um 'não' (Οὐκ). Trata-se de um confronto direto entre dois heróis maduros e plenamente autônomos tanto no que diz respeito a seus discursos quanto seu conjunto referencial, isto é, no conjunto de referências externas a si que podem estabelecer e invocar como premissas para seus posicionamentos e afirmações. Neoptólemo depende quase que inteiramente das opiniões e premissas estabelecidas por Odisseu ou Filoctetes. Todas as ações do jovem são em reação às informações que provêm dos dois heróis, informações e premissas que não são recusadas ou negadas diretamente pelo filho de Aquiles. A seguir, quando Filoctetes anuncia a intenção de suicidar-se, Odisseu rapidamente ordena que os homens o detenham. É claro, então, que o desterrado prefere morrer do que tornar a cooperar com aqueles que o traíram e o

abandonaram no seu momento de maior necessidade.

[Filoctetes] Ó mãos, quanto sofreis pela falta da querida corda por este homem tomada.
 Ó nada saudável nem nada livre pensamento,
 que novamente me atraíste, como me caçaste, tomando
 como desculpa para ti esse menino que eu não conhecia,
 indigno de ti, mas bastante digno de mim,
 que nada sabia fazer exceto seguir ordens,
 e evidente agora sofre dolorosamente
 com os próprios erros cometidos pelos quais eu sofro.
 Mas a tua alma má, sempre olhando através das profundezas,
 a ele, que não tinha tal natureza nem a desejava,
 bem ensinou o conhecimento do mal.
 E agora, ó desgraçado, pensas que tendo me capturado
 levar-me-ás deste promontório em que me jogaste
 sem amigo, desertado, sem cidade, morto em vida.

[ΦΙ.] ὦ χεῖρες, οἷα πάσχειτ' ἐν χρεῖα φίλης
 νευρᾶς, ὑπ' ἀνδρὸς τοῦδε συνθηρώμεναι.
 ὦ μηδὲν ὑγιᾶς μηδ' ἐλεύθερον φρονῶν,
 οἷ' αὐ μ' ὑπῆλθες, ὡς μ' ἐθηράσω, λαβῶν
 πρόβλημα σαυτοῦ παῖδα τόνδ' ἀγνώτ' ἐμοί,
 ἀνάξιον μὲν σοῦ, κατάξιον δ' ἐμοῦ,
 ὃς οὐδὲν ἦδει πλὴν τὸ προσταχθὲν ποεῖν,
 δῆλος δὲ καὶ νῦν ἐστὶν ἀλγεινῶς φέρων
 οἷς τ' αὐτὸς ἐξήμαρτεν οἷς τ' ἐγὼ παθόν.
 Ἄλλ' ἢ κακὴ σὴ διὰ μυχῶν βλέπουσ' ἀεὶ
 ψυχὴ νιν ἀφυᾶ τ' ὄντα κοῦ θέλονθ' ὅμως
 εὐ προὔδιδάξεν ἐν κακοῖς εἶναι σοφόν.
 Καὶ νῦν ἔμ', ὦ δύστηνε, συνδήσας νοεῖς
 ἄγειν ἀπ' ἀκτῆς τῆσδ', ἐν ἧ με προὔβάλου
 ἄφιλον ἔρημον ἄπολιν ἐν ζῶσιν νεκρόν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1004-1018)

Filoctetes, pelas circunstâncias em que se encontra, pela solidão e isolamento na ilha, pessoaliza várias partes do corpo e dirige-se a elas como se não fizessem parte de si mesmo. A corda que faz falta é a do arco que foi entregue a Neoptólemo logo antes de Filoctetes perder a consciência. Nos versos seguintes, o filho de Poiante refere-se ao filho de Aquiles, acusando Odisseu de ter corrompido o jovem que seria mais digno de si mesmo do que do filho de Laertes. É importante a caracterização que Filoctetes faz do filho de Aquiles nesse ponto, pois o jovem ainda está presente e observa o que está sendo dito pelo desterrado. O filho de Poiante caracteriza o menino como inocente, inexperiente e incapaz de qualquer coisa além de seguir ordens. Tal predicação rebaixa significativamente o jovem que está tentando afirmar-se entre os adultos. A falta de autonomia que Filoctetes lhe atribui é claríssima. Além disso, o desterrado ecoa as palavras ditas por Neoptólemo anteriormente, que o jovem está sofrendo pelas atitudes que tomou. O antigo portador do arco empurra o filho de Aquiles novamente para a esfera de influência de Odisseu, rebaixando-o novamente a um subordinado, a um

aluno que aprendeu a ser mau sem desejar e sem ter naturalmente essa característica e, acima de tudo, a um personagem passivo, sem iniciativa ou vontade própria no desenrolar da trama. A alma de Odisseu, que, segundo Filoctetes, sempre observa as profundezas daquilo que se propõe a analisar, revela-se como sendo dotada de uma profunda capacidade analítica.

O filho de Poiante dá sequência a seu lamento expressando seu desejo de que Odisseu morra e, alguns versos adiante, chama atenção para o fato de que Odisseu tomou parte nos combates em Troia de forma involuntária, referindo-se, no verso 1025, à necessidade de convencê-lo ainda em Ítaca a aceitar cumprir o que havia prometido. Palamedes foi o responsável por desmascarar Odisseu, que, quando da chegada da delegação em Ítaca, encontrou-o semeando sal e arando a terra com uma parrelha de um touro e um burro. Foi Palamedes quem colocou Telêmaco, ainda bebê, no caminho do arado. Ao evitar a morte do filho, o filho de Laertes revelou não estar louco e, portanto, teve de aceitar seu compromisso anterior de defender a honra do casamento de Helena. Filoctetes, por outro lado, navegou espontaneamente para Ílion com sete naus, como lê-se no verso 719 do segundo livro da *Ilíada*. O desterrado chama atenção para o fato de que Odisseu, apesar de ter partido contrariado, recebe grandes glórias e benesses, enquanto ele, que seguiu voluntariamente, sofre constantemente diversos infortúnios. Odisseu reconduz Filoctetes a Troia utilizando-se do mesmo recurso de que Palamedes lançou mão: o engano. Filoctetes está indignado com o utilitarismo e pragmatismo dos argivos:

E agora por que me conduzis? Por que me levais? Por quê?
 Nada sou e há muito estou morto para vós.
 Como, ó mais odioso aos deuses, agora não sou a ti
 um manco, um fedorento? Como é possível aos deuses, estando eu
 presente na nau, queimar as oferendas, libar ainda?
 Pois era esse o teu motivo para me abandonar.

Καὶ νῦν τί μ' ἄγετε; τί μ' ἀπάγεσθε; τοῦ χάριν;
 ὃς οὐδέν εἰμι καὶ τέθνηχ' ὑμῖν πάλαι.
 Πῶς, ὦ θεοῖς ἔχθιστε, νῦν οὐκ εἰμί σοι
 χωλός, δυσώδης; πῶς θεοῖς ἔξεστ', ὁμοῦ
 πλεύσαντος, αἴθειν ἱερά; πῶς σπένδειν ἔτι;
 [αὕτη γὰρ ἦν σοι πρόφασις ἐκβαλεῖν ἐμέ.]
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1029-1034)

Agora que se sabe que é preciso que Filoctetes retome os combates em Troia para que a guerra tenha um desfecho vitorioso, os problemas que levaram os gregos a decidir por abandoná-lo sozinho na ilha de Lemnos passam a ser irrelevantes, sugerindo a superficialidade com que a decisão foi tomada inicialmente. Um dos heróis que navegou espontaneamente carregando armas divinas era visto como descartável e foi de fato

descartado quando tornou-se um estorvo à frota, estorvo esse que agora é suportável. O filho de Poiante, entretanto, não reconhece que a mudança ocorrida na postura do exército deve-se essencialmente a uma instrução divina. Agora é um deus que comanda que os gregos suportem a chaga.

Odisseu, então, diante da insistente recusa de Filoctetes, muda sua estratégia e ameaça novamente abandonar o já desterrado com um desdobramento cruel em seu plano. Não apenas estaria o filho de Poiante inválido pela chaga, desprovido de qualquer contato social ou tecnologia que lhe permitisse impôr-se à natureza da ilha, mas seria também definitivamente descartado do desígnio divino. Foi a profecia de Heleno, revelando a vontade divina, que teria motivado o resgate de Filoctetes. Odisseu contraria essa manifestação da vontade de Zeus com um possível blefe que se constituiria como uma última tentativa de persuadir Filoctetes a aceitar voluntariamente seu retorno a Troia.

Sem dúvida, em tudo, desejo alcançar a vitória,
exceto contra ti. Agora de ti voluntariamente afastar-me-ei.
Soltai-o, não o toqueis mais.
Deixai ficar. Não precisamos de ti para nada
tendo essas armas, Além do mais, temos
Teucro entre nós, que tem habilidade nisso,
e eu, que penso não ser nada pior que tu
no dominar nem no manusear com as mãos.
Para que precisamos de ti? Tchou! Aproveita Lemnos!

Νικᾶν γε μέντοι πανταχοῦ χρήζων ἔφυν,
πλὴν εἰς σέ· νῦν δὲ σοί γ' ἔκων ἐκστήσομαι.
Ἄφετε γὰρ αὐτόν, μηδὲ προσψάσῃτ' ἔτι·
ἔᾶτε μίμνεν. Οὐδὲ σοῦ προσχρήζομεν,
τά γ' ὄπλ' ἔχοντες ταῦτ'· ἐπεὶ πάρεστι μὲν
Τεῦκρος παρ' ἡμῖν, τήνδ' ἐπιστήμην ἔχων,
ἐγὼ θ', ὃς οἶμαι σοῦ κάκιον οὐδὲν ἄν
τούτων κρατύνειν, μηδ' ἐπιθύνειν χερί.
Τί δῆτα σοῦ δεῖ; χαῖρε τὴν Λῆμον πατῶν·
(Sófocles, *Filoctetes*, 1052-1060)

Sem defender-se diretamente das acusações de Filoctetes ou justificar por que agiu como agiu, entrepondo uma instância ulterior de julgamento a qualquer uma de suas ações, Odisseu opta por descartar novamente o desterrado. Não há mais necessidade de Filoctetes em Troia, pois há outros arqueiros e talvez recaia ao próprio Odisseu a honra e a glória de devastar Ílion. Irritado com a postura do filho de Poiante, o filho de Laertes opta por libertá-lo do sequestro, deixando o ironicamente livre em Lemnos, uma verdadeira prisão solitária em que morrerá. O purulento não cede nem mesmo diante da noção de que a traição da qual é vítima traz resultados menos danosos que a liberdade que leva à morte certa. Nesse ponto,

juntamente com Hinds, entendemos que Odisseu estaria blefando numa última tentativa de convencer Filoctetes a embarcar. Trata-se de ainda mais um novo estratagema por parte de Odisseu. A ameaça de abandonar provavelmente afeta profundamente Neoptólemo, que tanto se afeiçoou ao desterrado. Essa é a principal consequência da ameaça de Odisseu. O filho de Aquiles acaba mobilizando-se ainda mais e percebendo a possibilidade de injustiças ainda maiores do que as que vinha testemunhando até então. A insistência de Odisseu em tomar o arco serve como apoio para a persuasão de Filoctetes que, estando desarmado, não sobreviverá. O plano original como proposto no prólogo se desenvolve bem e Filoctetes estava prestes a embarcar com Neoptólemo e o arco no momento em que o filho de Aquiles interrompe a ação e revela o plano. O filho de Poiante já tinha aceitado embarcar juntamente com seu arco.

[Filoctetes] Ó semente de Aquiles, nem de tua voz ainda serei saudado, mas assim partes?

[Odisseu] Anda tu. Não olhes, mesmo sendo nobre, para que não destruas nossa sorte.

[ΦΙ.] Ὡ σπέρμ' Ἀχιλλέως, οὐδὲ σοῦ φωνῆς ἔτι γενήσομαι προσφθεγκτός, ἀλλ' οὕτως ἄπει;

[ΟΔ.] Χώρει σύ· μὴ πρόσλευσσε, γενναῖός περ ὢν, ἡμῶν ὅπως μὴ τὴν τύχην διαφθερεῖς.
(Sófocles, *Filoctetes*, 1066-1069)

Filoctetes apela novamente ao jovem invocando seu pai e sua voz, que não é ouvida desde o verso 974. Odisseu reconhece a possibilidade de que o jovem, por sua natureza, responda favoravelmente ao pedido de Filoctetes e ordena-lhe que parta sem nem mesmo olhar para o filho de Poiante, dando a entender que perdeu a confiança em Neoptólemo ou que nunca confiou nele completamente. Neoptólemo manifesta-se apenas depois que seus mirmidões respondem ao pedido de Filoctetes reforçando a obediência ao filho de Aquiles.

Ouvirei Odisseu¹⁵ que sou cheio de compaixão.

Ainda assim, ficai, se apraz Filoctetes, enquanto a nau é preparada pelos marinheiros e oramos aos deuses. E tomara que ele tome uma ideia melhor de nós. Nós dois então partimos e vós, quando chamarmos, venham ligeiro.

Ἀκούσομαι μὲν ὡς ἔφυν οἴκτου πλέως πρὸς τοῦδ'· ὅμως δὲ μείνατ', εἰ τούτῳ δοκεῖ, χρόνον τοσοῦτον, εἰς ὅσον τὰ τ' ἐκ νεῶς στείλωσι ναῦται καὶ θεοῖς εὐξώμεθα. χούτος τάχ' ἂν φρόνησιν ἐν τούτῳ λάβοι λῶω τιν' ἡμῖν. Νῶ μὲν οὖν ὀρμώμεθον,

15 Nesses dois versos, por clareza, optei por substituir, na tradução, os pronomes pelos nomes próprios aos quais se referem.

ὕμεῖς δ', ὅταν καλῶμεν, ὀρμᾶσθαι ταχεῖς.
(Sófocles, *Filoctetes*, 1074-1080)

Neoptólemo timidamente ainda mantém-se obediente e fiel a Odisseu, mas permite que seus mirmidões permaneçam com Filoctetes enquanto os preparativos para a partida são feitos. Obviamente o coro não pode sair de cena ainda, mas entende-se que o jovem, ao permitir que seus mirmidões façam companhia ao desterrado, está expressando sua indecisão e estendendo ainda mais uma oportunidade, seja porque o filho de Aquiles ainda tem esperança de que Filoctetes possa mudar de ideia e aceitar vir voluntariamente para Troia, seja para que possa diluir a determinação da escolha de obedecer seu comandante. Ao permitir que seus marinheiros permaneçam com Filoctetes, Neoptólemo está na verdade deixando de concluir terminantemente o que foi dito. O filho de Aquiles cria uma nova oportunidade para mais desdobramentos e dilui seu comprometimento com a decisão tomada, isto é, novamente mantendo-se ambivalente na situação e ainda recuando de quaisquer possíveis consequências que possam decorrer de sua escolha.

Depois que Odisseu e Neoptólemo partem, tem início o *kommós* durante o qual o desterrado se lamenta por seu sofrimento e é responsabilizado pelo coro. Os mirmidões lembram Filoctetes de que ele está recebendo uma oportunidade de encerrar todos os seus sofrimentos, mas que o desafortunado insiste na insensatez, preferindo sofrimento à cura, e pedem que o filho de Poiante não rejeite a amizade deles, defendendo seus comandantes com a decisão dos atridas. O coro convidará ainda mais uma vez Filoctetes a aceitar o resgate nos termos em que é oferecido, mas o desterrado alega preferir morrer pelas mãos divinas do que auxiliar os que o traíram. Os mirmidões não partem a pedido do filho de Poiante e também não entregam-lhe nenhuma arma com que possa suicidar-se.

No quarto episódio, Odisseu e Neoptólemo voltam à cena. O coro anuncia a aproximação dos dois e a primeira fala é do filho de Laertes, que pergunta ao jovem por que caminha tão rapidamente. O filho de Aquiles responde:

[Neoptólemo] Para corrigir um erro que cometi antes.
[Odisseu] Terrível o que dizes. E qual foi o erro?
[Neoptólemo] Ter te obedecido e a todo o exército...
[Odisseu] Fizeste algum feito que não condiz contigo?
[Neoptólemo] Com vergonhosos ardis e subterfúgios um homem agarrar.

[NE.] Λύσων ὅσ' ἐξήμαρτον ἐν τῷ πρὶν χρόνῳ.
[ΟΔ.] Δεινόν γε φωνεῖς· ἢ δ' ἄμαρτία τίς ἦν;
[NE.] Ἦν σοὶ πιθόμενος τῷ τε σύμπαντι στρατῷ –
[ΟΔ.] Ἔπραξας ἔργον ποῖον ὧν οὐ σοι πρέπον;
[NE.] Ἀπάταισιν αἰσχροῖς ἄνδρα καὶ δόλοισ ἐλών.
(Sófocles, *Filoctetes*, 1224-1228)

Neoptólemo finalmente revela-se decidido. Temos agora uma inversão no que pode-se perceber na esticomitia do início da tragédia. Ao invés de Neoptólemo ouvir e Odisseu instruir, agora é o filho de Laertes que pergunta por mais informações ao jovem, tentando descobrir como procederá e quais são suas intenções. O Laertiáde obviamente sabe de qual feito o jovem se arrepende, mas mesmo assim insiste em questioná-lo. O jovem sempre se opôs ao uso de ardis para reconduzir Filoctetes e alegava preferir falhar agindo honestamente do que suceder por vias incertas. É esse o erro que o jovem tenta reparar agora. O que planeja fazer, embora possa ser surpreendente a Odisseu, certamente não é novidade ao filho de Poiante.

[Odisseu] Que coisa farás? Um medo me toma.

[Neoptólemo] De quem tomei este arco, de volta novamente...

[Odisseu] Ó Zeus, que dirás? Não pensas devolver?

[Neoptólemo] Pois vergonhosa e não justamente tendo tomado as tenho.

[Odisseu] Pelos deuses, dizes isto para troçar de quem?

[Neoptólemo] Se dizer a verdade é troçar.

[OΔ.] Τί χρῆμα δράσεις; ὡς μ' ὑπῆλθέ τις φόβος.

[NE.] Παρ' οὐπερ ἔλαβον τάδε τὰ τόξ', αὐθις πάλιν –

[OΔ.] ὦ Ζεῦ, τί λέξεις; οὐ τί που δοῦναι νοεῖς;

[NE.] Αἰσχρῶς γὰρ αὐτὰ κού δίκη λαβῶν ἔχω.

[OΔ.] Πρὸς θεῶν, πότερα δὴ κερτομῶν λέγεις τάδε;

[NE.] Εἰ κερτόμησις ἐστι τᾶληθῆ λέγειν.

(Sófocles, *Filoctetes*, 1231-1236)

A cada resposta de Neoptólemo, Odisseu fica ainda mais preocupado. O filho de Laertes interrompe o menino por várias vezes e expressa sua aflição com exclamações. Ao contrário do que vimos no prólogo em que o filho de Laertes utiliza-se de sofisticados recursos retóricos para convencer o jovem, não são necessários longos discursos para que Neoptólemo afirme com clareza os motivos pelos quais devolverá as armas a Filoctetes, que as tomou de maneira injusta. O incômodo que o jovem sentia com essa postura transparece desde o começo da tragédia na sua resistência a aderir ao sofisma e também, como vimos, no verso 966. O jovem antes inseguro que permaneceu calado por tanto tempo agora afirma clara e diretamente suas intenções, reconvertendo-se à suposta natureza herdada. Com essa atitude, Neoptólemo aparentemente conquista por fim uma relativa autonomia, livrando-se da influência de Odisseu e da hierarquia grega. Com isso, a missão de Odisseu fracassaria e, sem Filoctetes em combate, Ílion não cairia. A eficiência e o alegado profissionalismo que permite que o filho de Laertes flexibilize seu código de conduta são postos em xeque. A determinação do jovem é testada pelo enviado dos gregos nos versos 1241 e seguintes:

[Odisseu] Existe alguém, existe aquele que te impedirá de fazê-lo.
 [Neoptólemo] Que dizes? Quem me impedirá disto?
 [Odisseu] A totalidade do exército aqueu e eu!
 [Neoptólemo] Sendo sábio, nada sábio dizes...

[ΟΔ.] Ἔστιν τις, ἔστιν ὅς σε κωλύσει τὸ δρᾶν.
 [ΝΕ.] Τί φήεις; τίς ἔσται μ' οὐπκωλύσων τάδε;
 [ΟΔ.] Εὐμπας Ἀχαιῶν λαός, ἐν δὲ τοῖς ἐγώ.
 [ΝΕ.] Σοφὸς πεφυκῶς οὐδὲν ἐξαυδᾶς σοφόν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1241-1244)

Neoptólemo demonstra uma grande confiança e determinação na decisão que tomou. A ameaça de Odisseu é completamente desprezível ao filho de Aquiles, que a reduz a uma mera tolice proferida pelo filho de Laertes.

[Odisseu] Tu nem dizes nem fazes coisas sábias.
 [Neoptólemo] Mas, se justas, são melhores que as sábias.
 [Odisseu] E como é justo que devolvas as armas que tomaste pelos meus conselhos? [Neoptólemo] O erro vergonhoso cometido tentarei corrigir.
 [Odisseu] O exército dos aqueus não temes fazendo isso?
 [Neoptólemo] Estando com a justiça, não temo teu exército.

[ΟΔ.] Σὺ δ' οὔτε φωνεῖς οὔτε δρασεῖεις σοφά.
 [ΝΕ.] Ἄλλ' εἰ δίκαια, τῶν σοφῶν κρείσσω τάδε.
 [ΟΔ.] Καὶ πῶς δίκαιον, ἃ γ' ἔλαβες βουλαῖς ἐμαῖς, πάλιν μεθεῖναι ταῦτα; [ΝΕ.] Τὴν ἄμαρτίαν αἰσχρὰν ἄμαρτῶν ἀναλαβεῖν πειράσομαι.
 [ΟΔ.] Στρατὸν δ' Ἀχαιῶν οὐ φοβῆ, πράσσων τάδε;
 [ΝΕ.] Ἐὐν τῷ δικαίῳ τὸν σὸν οὐ ταρβῶ <στρατόν>.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1245-1250)

A resposta imediata de Odisseu é o comentário sobre a falta de sabedoria das ações que Neoptólemo anuncia. O filho de Aquiles, entretanto, recusa a valoração da sabedoria feita pelo Laertíade e coloca a justiça como um valor superior. Isso também é questionado por Odisseu que interroga o jovem sobre a injustiça de entregar a outro algo que só pode ser conquistado em primeiro lugar justamente através dos conselhos do próprio Odisseu. A premissa é que, se o arco foi tomado através de um plano elaborado pelo filho de Laertes, plano no qual Neoptólemo teve um papel fundamental porém subalterno, a posse do arco é do idealizador e do mentor intelectual do plano. Ao devolver o arco a Filoctetes, o filho de Aquiles estaria cometendo uma injustiça, pois pertenceria na verdade a Odisseu. O jovem não responde diretamente essa interdição do Laertíade. Apenas declara que está tentando reparar um erro anterior, criando uma hierarquia temporal entre duas injustiças, sendo que a resolução da primeira precede a segunda.

[Odisseu] Vês a mão direita aproximando-se do cabo da espada? [Neoptólemo] Mas verás também eu fazer o mesmo e sem perder tempo.

[Odisseu] Todavia te deixarei. A todo o exército contarei isso quando voltar, que te punirá.
 [Neoptólemo] Recuperaste o bom-senso. E, se no futuro assim pensares, talvez tenhas o pé longe dos lamentos.
 E tu, ó filho de Poiante, Filoctetes digo, sai, deixa este teto pétreo.

(...) [ΟΔ.] Χεῖρα δεξιᾶν ὀρθῶς κώπης ἐπιψάουσαν; [ΝΕ.] Ἀλλὰ κάμει τοι ταῦτόν τόδ' ὄψη δρώντα κοῦ μέλλοντ' ἔτι.
 [ΟΔ.] Καίτοι σ' ἐάσω· τῷ δὲ σύμπαντι στρατῷ λέξω τάδ' ἐλθών, ὅς σε τιμωρήσεται.
 [ΝΕ.] Ἐσωφρόνησας· κἄν τὰ λοιπ' οὕτω φρονῆς, ἴσως ἄν ἐκτὸς κλαυμάτων ἔχοις πόδα.
 Σὺ δ', ὦ Ποίαντος παῖ, Φιλοκλήτην λέγω, ἔξελθ', ἀμείψας τάσδε πετρήρεις στέγας.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1254-1262)

Odisseu procede à ameaça física direta, anunciando que aproxima a mão de sua espada. Neoptólemo, confiante em sua capacidade marcial, não hesita em nada e diz também estar fazendo o mesmo, demonstrando estar pronto para o combate e para defender fisicamente as palavras proferidas. O filho de Laertes entende a dificuldade de enfrentar o jovem que, além das armas que trouxe para Lemnos, tem consigo seus mirmidões e o arco de Apolo. O filho de Aquiles não se sente ameaçado nem por Odisseu nem pela possível perseguição de todo o exército grego. A única possibilidade que o Laertiáde encontra é recuar e partir em busca de reforços. O recuo do filho de Laertes confirma a fala de Filoctetes nos versos 1305-6, como nota Pucci (2003, p. 301), ao dizer que os generais gregos são valorosos apenas em palavras. A determinação e confiança de Neoptólemo nesse ponto são tão grandes que o jovem predica a decisão de Odisseu como um retorno ao bom-senso, acrescentando que, caso continue raciocinando bem e corretamente, o rei de Ítaca não irá persegui-lo, pois assim certamente evitará sofrimento. O jovem filho de Aquiles, rei de Ciro, além de assumir ter a capacidade militar necessária para impôr sua vontade, também tem agora autonomia suficiente até mesmo para ser capaz de estabelecer julgamentos sobre as ações de seu antigo comandante. A seguir, após Odisseu deixar a cena e retornar às praias da ilha, o jovem chama novamente Filoctetes para fora de sua caverna que, em sua primeira fala, manifesta o receio de ser vítima de ainda mais injustiças.

[Filoctetes] Que tumulto de gritos novamente junto a caverna se levanta?
 Por que me chamais? Que desejais, estranhos?
 Ai de mim. Algo ruim. Certamente algum grande mal vindes aos meus males acrescentar?
 [Neoptólemo] Coragem! Escuta as palavras que trago.
 [Filoctetes] Eu tenho medo. Pois antes também de palavras belas mal fiz em ter sido persuadido com tuas palavras.

[Neoptólemo] Não se pode mudar de ideia?
 [Filoctetes] Nas tuas palavras eras tão confiável quanto quando roubaste-me as armas, funesto, traiçoeiro.
 [Neoptólemo] Mas certamente agora não. Desejo te ouvir qual das duas escolheste: ficar obstinado ou navegar conosco. [Filoctetes] Para, não fala mais. Pois tudo que disseres será vão.

[ΦΙ.] Τίς αὖ παρ' ἄντροις θόρυβος ἴσταται βοῆς;
 τί μ' ἐκκαλεῖσθε; τοῦ κεκρημένοι, ξένοι;
 Ὄμοι· κακὸν τὸ χρῆμα. Μῶν τί μοι μέγα
 πάρεστε πρὸς κακοῖσι πέμποντες κακόν;
 [ΝΕ.] Θάρσει· λόγους δ' ἄκουσον οὓς ἤκω φέρων.
 [ΦΙ.] Δέδοικ' ἔγωγε. Καὶ τὰ πρὶν γὰρ ἐκ λόγων
 καλῶν κακῶς ἔπραξα σοῖς πεισθεῖς λόγοις.
 [ΝΕ.] Οὐκουν ἔνεστι καὶ μεταγνῶναι πάλιν;
 [ΦΙ.] Τοιοῦτος ἦσθα τοῖς λόγοισι χῶτε μου
 τὰ τόξ' ἔκλεπτες, πιστὸς, ἀτηρὸς λάθρα.
 [ΝΕ.] Ἄλλ' οὔ τι μὴν νῦν· βούλομαι δέ σου κλύειν,
 πότερα δέδοκταί σοι μένοντι καρτερεῖν,
 ἢ πλεῖν μεθ' ἡμῶν. [ΦΙ.] Παῦε, μὴ λέξης πέρα.
 μάτην γὰρ ἂν εἴπηρς γε πάντ' εἰρήσεται.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1263-1276)

Filoctetes sai de sua caverna convencido de que os estranhos trazem novos males. O filho de Aquiles pede que o desterrado tenha coragem, ecoando solicitações similares nos versos 667, 807 e 810; e escute o que veio dizer. Novamente é importante destacar o papel ativo desempenhado agora por Neoptólemo para modificar a percepção de um dos heróis mais velhos na ilha. O jovem agora ativamente estabelece relações que contrariam o que é dito pelo desterrado. Quando Filoctetes comenta que não acredita no discurso do jovem porque anteriormente também foi com palavras que ele o enganou, Neoptólemo pergunta se não é possível que alguém mude de ideia, alertando que ele mesmo agora tem outro ponto de vista e também oferecendo sutilmente a possibilidade de que o próprio desterrado mude sua atitude e aceite navegar para Troia. O jovem novamente pergunta qual o desejo de Filoctetes, se permanecer sozinho em Lemnos ou navegar com ele para Ílion. A resposta do filho de Poiante é um pedido de que o filho de Aquiles cesse e desista, pois tudo que disser será vão. Trata-se de uma nova tentativa por parte de Neoptólemo de persuadir Filoctetes.

[Neoptólemo] Está assim decidido? [Filoctetes] Mais do que pode-se dizer.
 [Neoptólemo] Mas queria que tu te convenceses de minhas palavras. Se algo inoportuno disser, paro. [Filoctetes] Pois tudo que disseres será vão. Pois jamais terás meu coração favorável.
 Que me roubaste a vida com ardis
 Depois vens me advertir,
 odiosíssimo nascido do mais nobre pai.
 Que morram, os atridas mais, depois
 o filho de Laertes, até tu.

[NE.] Οὕτω δέδοκται; [ΦΙ.] Καὶ πέρα γ' ἴσθ' ἢ λέγω.
 [NE.] Ἄλλ' ἤθελον μὲν ἄν σε πεισθῆναι λόγοις
 ἔμοισιν· εἰ δὲ μὴ τι πρὸς καιρὸν λέγων
 κυρῶ, πέπαυμαι. [ΦΙ.] Πάντα γὰρ φράσεις μάτην.
 οὐ γάρ ποτ' εὖνουν τὴν ἐμὴν κτήσῃ φρένα,
 ὅστις γ' ἐμοῦ δόλοισι τὸν βίον λαβῶν
 ἀπεστέρηκας· κῆρα νουθετεῖς ἐμὲ
 ἐλθῶν, ἀρίστου πατρὸς ἔχθιστος γεγώς.
 Ὀλοισθ', Ἀτρεΐδα μὲν μάλιστ', ἔπειτα δὲ
 ὁ Λαρτίου παῖς, καὶ σύ.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1277-1285)

As palavras de Neoptólemo não surtem efeito. Se antes a ansiedade pelo resgate superava qualquer outra possibilidade, Filoctetes agora já está precavido com a possibilidade de um novo ardil. O desterrado não tem palavras suficientes para expressar a firmeza de sua determinação. Depois de ter-se utilizado de mentiras, Neoptólemo faz com que todas suas palavras sejam inúteis e incríveis. Pucci (2003, p. 303) e Santos (2008, p. 204) notam que, no verso 1282, Sófocles novamente utiliza a metonímia heraclitiana entre vida e arco. O jovem, agora chamado de odioso por Filoctetes apesar do elogio a Aquiles, agora entra no grupo dos que o filho de Poiante deseja que morram.

(...) [Neoptólemo] Não amaldiçoos mais.
 Toma de minha mão estas flechas.
 [Filoctetes] Como disseste? Pela segunda vez somos enganados?
 [Neoptólemo] Juro que não pela mais alta majestade do sagrado Zeus.
 [Filoctetes] Ó amabilíssimas palavras, se dizes a verdade.
 [Neoptólemo] O feito deixará claro. Mas estende a mão direita e apodera-te das tuas armas.

(...) [NE.] Μὴ 'πεύξῃ πέρα·
 δέχου δὲ χειρὸς ἐξ ἐμῆς βέλη τάδε.
 [ΦΙ.] Πῶς εἶπας; ἄρα δεύτερον δολούμεθα;
 [NE.] Ἀπώμοσ' ἄγνων Ζηνὸς ὕπιστον σέβας.
 [ΦΙ.] Ὡ φίλτατ' εἰπῶν, εἰ λέγεις ἐτήτυμα.
 [NE.] Τοῦργον παρέσται φανερόν· ἀλλὰ δεξιᾶν
 πρότεινε χεῖρα, καὶ κράτει τῶν σῶν ὄπλων.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1286-1292)

Neoptólemo interrompe a fala de Filoctetes para devolver-lhe as flechas, mas Filoctetes ainda não pode acreditar. O filho de Aquiles, com ações firmes, estende a mão decidido a devolver o que tomou injustamente. A entrada brusca e a proibição de Odisseu não impedem a ação. O filho de Laertes fica impotente diante da autonomia e da iniciativa de Neoptólemo. Simplesmente não há nada que o filho de Laertes possa fazer para impedir que o jovem devolva a posse do arco para Filoctetes.

[Odisseu] Eu proíbo, os deuses são testemunhas em nome dos atridas e todo o exército!
 [Filoctetes] Filho, de quem é a voz? Será que ouvi Odisseu?
 [Odisseu] Vê claramente. E perto vês

aquele que à força te levará à planície de Troia,
 quer o filho de Aquiles queira, quer não.
 [Filoctetes] Mas não impunemente se esta flecha acertar.
 [Neoptólemo] Ah, não, pelos deuses, não dispare a flecha.
 [Filoctetes] Solta-me a mão, pelos deuses, filho mais querido.
 [Neoptólemo] Não soltarei. [Filoctetes] Ai. Por que um inimigo
 odiado me impedes de matar com meu arco?
 [Neoptólemo] Não seria nobre nem a mim nem a ti.
 [Filoctetes] Mas fica sabendo disto, os líderes do exército
 falsos arautos dos aqueus, covardes
 sendo para usar a lança e corajosos no palantrório.

[ΟΔ.] Ἐγὼ δ' ἀπαυδῶ γ', ὡς θεοὶ ξυνίστορες,
 ὑπέρ τ' Ἀτρειδῶν τοῦ τε σύμπαντος στρατοῦ.
 [ΦΙ.] Τέκνον, τίνας φώνημα; μῶν Ὀδυσσεώς,
 ἐπησθόμην; [ΟΔ.] Σάφ' ἴσθι· καὶ πέλας γ' ὄρᾱς,
 ὅς σ' ἐς τὰ Τροίας πεδὶ' ἀποστελῶ βίᾱ,
 ἔάν τ' Ἀχιλλέως παῖς ἔάν τε μὴ θέλῃ.
 [ΦΙ.] Ἄλλ' οὐ τι χαίρων, ἦν τόδ' ὀρθωθῆ βέλος.
 [NE.] Ἄ, μηδαμῶς, μὴ, πρὸς θεῶν, μὴ `φῆς βέλος.
 [ΦΙ.] Μέθεες με, πρὸς θεῶν, χεῖρα, φίλτατον τέκνον.
 [NE.] Οὐκ ἄν μεθείην. [ΦΙ.] Φεῦ· τί μ' ἄνδρα πολέμιον
 ἐχθρόν τ' ἀφείλου μὴ κτανεῖν τόξοις ἐμοῖς;
 [NE.] Ἄλλ' οὐτ' ἐμοὶ καλόν τόδ' ἐστὶν οὔτε σοὶ.
 [ΦΙ.] Ἄλλ' οὖν τοσοῦτόν γ' ἴσθι, τοὺς πρώτους στρατοῦ,
 τοὺς τῶν Ἀχαιῶν ψευδοκῆρυκας, κακοὺς
 ὄντας πρὸς αἰχμὴν, ἐν δὲ τοῖς λόγοις θρασεῖς.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1293-1307)

Filoctetes está incrédulo ao ouvir novamente a voz de Odisseu ameaçando levá-lo a Ílion com ou sem o apoio de Neoptólemo. O retorno do filho de Laertes não impede que o jovem devolva o arco ao desterrado. Em seguida, Filoctetes prepara-se para alvejar o Laertiáde, mas é surpreendentemente impedido por um Neoptólemo agora altivo. O sofisma odisseico fracassa completamente no momento em que o jovem devolve o arco ao antigo dono. Provavelmente antes que Filoctetes possa acomodar uma flecha em seu arco, o filho de Aquiles interrompe a ação segurando a mão do arqueiro e impedindo que ele mate Odisseu. O tratamento que Filoctetes usa ao pedir que o menino o solte é o mais íntimo até agora na tragédia, “filho mais querido”. O motivo para o impedimento imposto pelo filho de Aquiles a Filoctetes também é nobre. Não seria honroso para nenhum dos dois que matassem Odisseu naquelas circunstâncias. O filho de Aquiles não se importa com a caracterização feita por Filoctetes dos generais gregos como homens corajosos apenas em palavras porém não em ações a parte para a conciliação final.

[Neoptólemo] Que seja. Com efeito tens o arco e não há motivo
 para teres ódio nem me censurar.
 [Filoctetes] Concordo, revelaste a natureza, ó filho,
 da qual foste germinado, não de um pai Sísifo,
 mas de Aquiles, que enquanto entre os vivos

era tido como o mais excelente, como agora entre os mortos.

[NE.] Εἶεν· τὰ μὲν δὴ τόξ' ἔχεις, κοῦκ ἔσθ' ὄτου
 ὄργην ἔχοις ἄν οὐδὲ μέμψιν εἰς ἐμέ.
 [ΦΙ.] Ξύμφημι. τὴν φύσιν δ' ἔδειξας, ὦ τέκνον,
 ἐξ ἧς ἔβλαστες, οὐχὶ Σισύφου πατρός,
 ἀλλ' ἐξ Ἀχιλλέως, ὃς μετὰ ζώντων ὄτ' ἦν
 ἦκου' ἄριστα, νῦν δὲ τῶν τεθνηκότων.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1308-1313)

O filho de Aquiles revela o quão importante é a aprovação e a amizade de Filoctetes ao afirmar que não há motivos para que o desterrado o reprove, uma vez que o arco foi devolvido. Seu processo de emancipação foi e ainda é fortemente influenciado pela opinião do filho de Poiante, mas existe uma segunda característica nesse pedido de aprovação por parte do jovem, pois, a seguir, será oportuno que estejam em bons termos para que Neoptólemo possa tentar convencer aberta e francamente Filoctetes a ir para Ílion. O arqueiro ressalta o contraste entre a natureza nobre do filho de Aquiles e a da linhagem de Sísifo¹⁶ (responsável por enganar a morte duas vezes e sentenciado a uma terrível punição no inferno) frequentemente associado a Odisseu. Depois dessa resposta de Filoctetes, temos uma longa e surpreendentemente eloquente fala do filho de Aquiles.

[Neoptólemo] Alegro-me que tenhas elogiado meu pai
 e eu mesmo! Das coisas que de ti espero conseguir
 escuta. Aos homens, pelos deuses,
 a sorte dada é necessário suportar.
 Mas aqueles que voluntariamente permanecem envolvidos em desgraças,
 como tu, a esses nem compaixão é
 justo ter, nem que alguém se condoa.
 Tu te tornaste selvagem e não aceita um conselheiro,
 e se alguém te aconselha falando de boa vontade,
 odeias como inimigo e consideras um adversário.
 Mesmo assim, direi. Invoco Zeus do juramento.
 Aprende e escreve essas coisas dentro do peito.
 Pois tu sofres com essa dor de origem divina,
 por teres te aproximado da sentinela de Crisa, que o descoberto
 e oculto recinto guarda e vigia, a serpente.
 E saiba que nunca acontecerá o fim desta
 doença grave, enquanto o mesmo
 sol aqui se levantar e ali se pôr novamente,
 antes que às planícies de Troia voluntariamente vás
 e tendo consultado com os filhos de Asclépio que estão conosco,
 for aplacada esta doença, e a cidadela
 com este arco e comigo tiveres devastado.
 Como eu sei que essas coisas assim acontecerão explicarei.

¹⁶ Sísifo é um personagem da mitologia. Filho de Enarete e Eolo, era considerado o mais astuto de todos os homens. Por isso, frequentemente era vinculado a Autólico, filho de Hermes. Supostamente Sísifo teria marcado os cascos de seu gado para conseguir determinar quais lhe pertenciam depois que Autólico os roubou e alterou a pelagem. Como vingança, Sísifo teria sido o sedutor de Anticleia, filha de Autólico, que mais tarde se casaria com Laertes, gerando assim dúvidas sobre a ascendência de Odisseu. Para mais detalhes, cf. Howatson, 1989, p. 525.

Pois há um homem entre nós, capturado de Troia, Heleno, melhor profeta, que diz claramente que é preciso que aconteça assim. E além disso ainda, que é necessário no próximo verão arrasar toda Troia, ou ele mesmo entrega-se voluntariamente para morrer se tiver mentido ao dizer essas coisas. Dado que agora já sabes dessas coisas, cede voluntariamente. Pois é belo o ganho de, entre os Helenos, o único considerado excelente, primeiro, em curandeiras mãos passar, depois a polilamentosa Troia tomar, conquistando glória suprema.

[NE.] Ἦσθην πατέρα τὸν ἄμὸν εὐλογοῦντά σε
 αὐτόν τ' ἔμ'· ὣν δέ σου τυχεῖν ἐφίεμαι
 ἄκουσον. Ἀνθρώποισι τὰς μὲν ἐκ θεῶν
 τύχας δοθείσας ἔστ' ἀναγκαῖον φέρειν·
 ὅσοι δ' ἐκουσίοισιν ἔγκεινται βλάβαις,
 ὡσπερ σύ, τούτοις οὔτε συγγνώμην ἔχειν
 δίκαιόν ἐστιν οὔτ' ἐποικτίρειν τινά.
 Σὺ δ' ἠγρίωσαι, κοῦτε σύμβουλον δέχη,
 ἔάν τε νουθετῆ τις εὐνοίᾳ λέγων,
 στυγεῖς, πολέμιον δυσμενῆ θ' ἠγούμενος.
 Ὅμως δὲ λέξω· Ζῆνα δ' ὄρκιον καλῶ·
 καὶ ταῦτ' ἐπίστω, καὶ γράφου φρενῶν ἔσω.
 Σὺ γὰρ νοσεῖς τόδ' ἄλγος ἐκ θείας τύχης,
 Χρύσης πελασθεὶς φύλακος, ὃς τὸν ἀκαλυφῆ
 σηκὸν φυλάσσει κρύφιος οἰκουρῶν ὄφις.
 Καὶ παῦλαν ἴσθι τῆσδε μὴ ποτ' ἂν τυχεῖν
 νόσου βαρείας, ἕως ἂν αὐτὸς ἥλιος
 ταύτη μὲν αἴρη, τῆδε δ' αὖ δύνη πάλιν,
 πρὶν ἂν τὰ Τροίας πεδὶ ἐκὼν αὐτὸς μόλης,
 καὶ τῶν παρ' ἡμῖν ἐντυχῶν Ἀσκληπιδῶν
 νόσου μαλαχθῆς τῆσδε, καὶ τὰ πέργαμα
 ξὺν τοῖσδε τόξοις ξὺν τ' ἐμοὶ πέρσας φανῆς.
 Ὡς δ' οἶδα ταῦτα τῆδ' ἔχοντ' ἐγὼ φράσω.
 Ἄνηρ παρ' ἡμῖν ἔστιν ἐκ Τροίας ἀλούς,
 Ἐλενος ἀριστόμαντις, ὃς λέγει σαφῶς
 ὡς δεῖ γενέσθαι ταῦτα· καὶ πρὸς τοῖσδ' ἔτι,
 ὡς ἔστ' ἀνάγκη τοῦ παρεστῶτος θέρους
 Τροίαν ἀλῶναι πᾶσαν· ἢ δίδωσ' ἐκὼν
 κτείνειν ἑαυτόν, ἦν τάδε ψευσθῆ λέγων.
 Ταῦτ' οὖν ἐπεὶ κάτοισθα, συγχώρει θέλων·
 καλὴ γὰρ ἢ 'πίκτησις, Ἑλλήνων ἕνα
 κριθέντ' ἄριστον, τοῦτο μὲν παιωνίας
 ἐς χεῖρας ἔλθεῖν, εἶτα τὴν πολύστονον
 Τροίαν ἐλόντα κλέος ὑπέρτατον λαβεῖν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1314-1347)

O jovem agradece pelo elogio de Filoctetes que inequivocamente aproxima Neoptólemo de Aquiles e o afasta de Odisseu. Finalmente Neoptólemo é reconhecido entre os grandes heróis e pode, enfim, dialogar com o arqueiro em termos de igualdade. O jovem parte agora para uma tentativa aberta de persuadir Filoctetes, iniciando, no verso 1316, com um comentário surpreendentemente maduro em comparação ao comportamento anterior do jovem e que absolve de culpa os aqueus nos males sofridos pelo arqueiro. Se os infortúnios que os

homens sofrem são distribuídos pelos deuses, não há necessidade de revoltar-se contra os acontecimentos, nem contra os outros homens que serão inclusive a única forma de salvação possível a Filoctetes no argumento de Neoptólemo. É preciso resignação para suportar as humilhações e os males de causa divina. A seguir, o jovem ousadamente propõe que os tormentos experimentados pelo filho de Poiante seriam de certa forma uma escolha pessoal, já que há uma solução possível para livrar-se de todos os males enviados pelos deuses ao reatar a cooperação com os homens. A tentativa de persuasão aberta de Neoptólemo maquia sutilmente as circunstâncias, ressaltando alguns aspectos e obscurecendo outros, sem, entretanto, falsear os fatos. Não é justo lamentar-se ou preocupar-se com os teimosos que continuam sofrendo os tormentos divinos por opção, sugerindo a possibilidade de que, caso escolha permanecer em Lemnos, ninguém sentirá qualquer forma de remorso e talvez sua história acabe realmente no esquecimento. Neoptólemo diz que Filoctetes tornou-se selvagem durante seu isolamento na ilha, o que de certa forma é contraditório com a cortesia e delicadeza com que o desterrado abordou o filho de Aquiles quando encontraram-se pela primeira vez na tragédia. Também é importante ressaltar que essa é a primeira tentativa que se faz de falar com Filoctetes com relativa benevolência. Neoptólemo claramente não está completamente despojado de intenções egoístas na tentativa de persuadir o arqueiro a aceitar retornar ao exército grego. Odisseu já revelou no verso 115 que não é o filho de Aquiles sozinho que conseguirá devastar Troia. Se o arco é necessário, agora, dada a decisão recente de Neoptólemo de devolver o arco ao desterrado, também o próprio Filoctetes é necessário para a conquista. Sem ambos, a glória marcial similar a de seu pai está vetada ao jovem. O mal de origem divina jamais terá fim enquanto Filoctetes não aceitar voluntariamente a oferta proposta. Para dar mais força a sua tentativa de convencer o filho de Poiante, Neoptólemo recorre a um argumento de autoridade, dizendo que é verdadeiro o que diz porque assim foi revelado por Heleno, excelente vate troiano, que, além de tudo, acrescentou um prazo final para a realização dos fatos previstos. Depois de revelar todas essas informações, novamente o jovem pede que o arqueiro aceite de bom grado a proposta, acrescentando que uma excelente razão para tal aceitação é a glória a ser conquistada na guerra e em segundo lugar, na ordem em que apresenta as razões, ser curado de sua ferida.

Filoctetes responde expressando sua frustração com sua situação e com a impossibilidade de morrer. O herói desterrado não sabe o que fazer diante dos conselhos que ele entende como benevolentes por parte do filho de Aquiles. A principal dificuldade do filho

de Poiante é retornar a conviver com os homens que julga, apesar de Neoptólemo ter atribuído seus infortúnios à vontade divina, responsáveis pela sua desgraça, evidenciando a aceitação e os efeitos limitados da fala do jovem. Filoctetes ainda tem autonomia para recusar parte do que é dito pelo jovem. No verso 1362, o arqueiro novamente tenta, dessa vez abertamente, dirigir as ações do jovem.

E eu fico admirado com isso de ti.
 Pois tu mesmo nunca devia ir para Troia
 e também evitar que eu vá, pois te humilharam
 privando-te do espólio do pai. Depois disso, tu
 te alias com eles e ao mesmo tempo queres me forçar a isso?
 Certo que não, filho! Mas o que me prometeste
 manda-me para casa, e fica em Ciro
 e que eles, terríveis, arruinem-se terrivelmente.
 E assim dupla graça receberás de mim
 e duplamente de meu pai e, não auxiliando os maus,
 não te parecerás ser como os maus.

Καὶ σοῦ δ' ἔγωγε θαυμάσας ἔχω τόδε·
 χρῆν γάρ σε μήτ' αὐτόν ποτ' ἐς Τροίαν μολεῖν,
 ἡμᾶς τ' ἀπείργειν, οἷ γε σοῦ καθύβρισαν,
 πατρὸς γέρας συλῶντες· εἶτα τοῖσδε σὺ
 εἶ ξυμμαχίσων κᾶμ' ἀναγκάζεις τόδε;
 Μὴ δῆτα, τέκνον· ἀλλ' ἅ μοι ξυνώμοσας,
 πέμψον πρὸς οἴκους, καὐτὸς ἐν Σκύρω μένων
 ἔα κακῶς αὐτοὺς ἀπόλλυσθαι κακοῦς.
 Χοῦτω διπλῆν μὲν ἐξ ἐμοῦ κτήσῃ χάριν,
 διπλῆν δὲ πατρὸς· κοῦ κακοῦς ἐπωφελῶν
 δόξεις ὅμοιος τοῖς κακοῖς πεφυκέναι.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1362-1372)

Filoctetes insiste em sua decisão, afirmando que o próprio Neoptólemo não deveria ir para Troia, já que ele mesmo foi humilhado e privado das armas de seu pai por Odisseu. Trata-se, entretanto, de uma informação falsa, originalmente transmitida ao arqueiro pelo filho de Aquiles durante a exposição inicial, enquanto o jovem ainda estava comprometido com o sofisma de Odisseu. Neoptólemo não retifica essa informação, deixando que Filoctetes continue pensando que o jovem é vítima de alguma injustiça, quando, na verdade, foi voluntariamente participar dos combates em Troia e, ao que consta, recebeu todas as armas de seu pai. Isso sugere que Neoptólemo realmente não está sendo totalmente honesto com Filoctetes e que sua tentativa de persuadi-lo ainda está vinculada a sua ânsia pelas glórias militares em Ílion. Corrigir as informações de Filoctetes acerca do destino das armas de Aquiles não serviria a nenhum propósito exceto o da completa honestidade por parte de Neoptólemo. O jovem não toma essa decisão, pois ainda tem esperança de cumprir a missão. A surpreendente eloquência demonstrada pelo filho de Aquiles serve ao mesmo propósito

inicial. O filho de Poiante continua insistindo para que o jovem cumpra a promessa feita e o leve para casa, fazendo, assim, um bem tanto ao deixar que homens maus sofram um destino mau, quanto ao receber o reconhecimento de bom. A completa recusa em tomar parte nos acontecimentos em Troia se justifica para o arqueiro.

Filoctetes argumenta de modo coerente com a própria experiência e com aquilo que foi transmitido por Neoptólemo (não apenas a história das armas de Aquiles, mas a destruição sistemática dos bravos e dos nobres que os deuses operam, v. 410 e seguintes). A conclusão é inevitável: o mundo, assim como está, tem lugar apenas para os ímpios, os vis, os falsos; ofende e tortura os bravos e os nobres. (PUCCI, 2003, p. 314)

Sua ausência em Ílion seria resultado de sua total descrença nas atuais condições do mundo. A única solução é manter-se afastado da desonra das atuais circunstâncias da guerra e retirar-se para casa.

[Neoptólemo] Falas racionalmente. Mas, ainda assim, quero que tu acredites nos deuses e nas minhas palavras, para navegar desta terra como amigo.
 [Filoctetes] Para as planícies de Troia e o odioso filho de Atreu com este pé miserável?
 [Neoptólemo] Para os que certamente do pé supurante a dor cessarão e da doença te curarão.
 [Filoctetes] Ó terrível conto que contas, que dizes então?
 [Neoptólemo] Vejo que a ti e a mim seja feito o melhor.
 [Filoctetes] E tendo dito essas coisas não te envergonhas diante dos deuses?
 [Neoptólemo] Pois como pode alguém envergonhar-se ajudando amigos.
 [Filoctetes] Falas de ajudar os Atridas ou me ajudar?
 [Neoptólemo] Ajudar-te! Sendo amigo, como amigo falo.
 [Filoctetes] Como? Se queres entregar-me aos inimigos?
 [Neoptólemo] Ó amigo, aprende a não ser arrogante na miséria.
 [Filoctetes] Destruir-me-ás, te conheço, com essas palavras.
 [Neoptólemo] Certamente não eu! Digo que não entendes.
 [Filoctetes] Eu não sei que os Atridas me abandonaram?
 [Neoptólemo] Mas saiba que, como abandonaram, novamente resgatam.
 [Filoctetes] Nunca veja eu Troia voluntariamente!

[NE.] Λέγεις μὲν εἰκότ', ἀλλ' ὅμως σε βούλομαι θεοῖς τε πιστεύσαντα τοῖς τ' ἑμοῖς λόγοις φίλου μετ' ἀνδρὸς τοῦδε τῆσδ' ἐκπλεῖν χθονός.
 [ΦΙ.] Ἢ πρὸς τὰ Τροίας πεδία καὶ τὸν Ἀτρέως ἔχθιστον υἱὸν τῶδε δυστήνῳ ποδί;
 [NE.] Πρὸς τοὺς μὲν οὖν σε τήνδε τ' ἔμπυον βάσιν παύσοντας ἄλγους κἀποσώσοντας νόσου.
 [ΦΙ.] Ὡ δεινὸν αἶνον αἰνέσας, τί φῆς ποτε;
 [NE.] Ἄ σοί τε κάμοι λῶσθ' ὀρῶ τελούμενα.
 [ΦΙ.] Καὶ ταῦτα λέξας οὐ καταισχύνη θεούς;
 [NE.] Πῶς γάρ τις αἰσχύνοιτ' ἂν ὠφελῶν φίλους;
 [ΦΙ.] Λέγεις δ' Ἀτρείδας ὄφελος, ἦ 'π' ἑμοὶ τόδε;
 [NE.] Σοὶ που φίλος γ' ὢν· χῶ λόγος τοιόσδε μου.
 [ΦΙ.] Πῶς, ὅς γε τοῖς ἐχθροῖσί μ' ἐκδοῦναι θέλεις;
 [NE.] Ὡ τᾶν, διδάσκου μὴ θρασύνεσθαι κακοῖς.
 [ΦΙ.] Ὅλεῖς με, γινώσκω σε, τοῖσδε τοῖς λόγοις.
 [NE.] Οὐκουν ἔγωγε· φημὶ δ' οὐ σε μανθάνειν.

[ΦΙ.] Ἐγὼ οὐκ Ἀτρείδας ἐκβαλόντας οἶδά με;
 [ΝΕ.] Ἄλλ' ἐκβαλόντες εἰ πάλιν σώσουσ' ὄρα.
 [ΦΙ.] Οὐδέποθ' ἐκόντα γ' ὥστε τὴν Τροίαν ἰδεῖν.
 (Σόφοκles, *Filoctetes*, 1373-1392)

Nesse excerto, apesar das constantes perguntas que Filoctetes faz a Neoptólemo, conforme menciona Pucci (2003, p. 315), o arqueiro não está subordinado ao filho de Aquiles. As perguntas que faz são retóricas e pedem confirmação, não informações novas. “Neoptólemo tenta persuadi-lo e assim se comporta, estruturalmente como Odisseu nos versos 100-121” (ibidem). O jovem confirma sua amizade pelo filho de Poiante e a cura da chaga em Troia. O filho de Aquiles desmancha a oposição feita por Filoctetes sobre a proposta de sua ida para Ílion ser vergonhosa, alterando o significado da premissa do desterrado ao propor que não há motivo para vergonha quando se procura o bem de um amigo. O filho de Poiante se exaspera com a possibilidade de que o jovem queira entregá-lo a seus inimigos e a resposta de Neoptólemo é surpreendente. Com todos os argumentos esgotados, o filho de Aquiles diz que, estando o desterrado em condições tão terríveis, não deveria ser arrogante. Filoctetes percebe o desempenho retórico do jovem filho de Aquiles e faz um alerta a si mesmo. Irredutível, mesmo diante da possibilidade de que os mesmos que foram responsáveis pelo seu abandono em Lemnos sejam agora responsáveis por sua cura em Troia, Filoctetes expressa categoricamente seu desejo de que nunca veja Ílion por sua própria vontade. Neoptólemo, então, passa a considerar suas próprias opções.

[Neoptólemo] Que façamos, se, tu, com palavras
 não poderemos te persuadir do que digo?
 É hora de deixar de falar e te deixar
 viver como já vives, sem salvação.
 [Filoctetes] Deixa-me sofrer essas coisas que preciso sofrer.
 O que disseste tocando minha mão direita,
 enviar-me para casa, faz isso, filho,
 e não demores nem fales mais de
 Troia. Pois já lamentei o suficiente com gemidos.
 [Neoptólemo] Se estás decidido, que partamos. [Filoctetes] Ó nobre palavra dita!
 [Neoptólemo] Apoia agora teu pé. [Filoctetes] Até onde puder.
 [Neoptólemo] Como fugirei da acusação dos aqueus? [Filoctetes] Não te preocupes.
 [Neoptólemo] Quê? E se devastarem minha terra? [Filoctetes] Comigo presente...
 [Neoptólemo] Que auxílio darás? [Filoctetes] Com as flechas de Hércules...
 [Neoptólemo] Como dizes? [Filoctetes] Barrarei a aproximação.

[ΝΕ.] Τί δῆτ' ἂν ἡμεῖς δρῶμεν, εἰ σέ γ' ἐν λόγοις
 πείσειν δυνησόμεσθα μηδὲν ὧν λέγω;
 ὦρα 'στ' ἐμοὶ μὲν τῶν λόγων λήξαι, σὲ δὲ
 ζῆν, ὡσπερ ἤδη ζῆς, ἄνευ σωτηρίας.
 [ΦΙ.] Ἦε με πάσχειν ταῦθ' ἄπερ παθεῖν με δεῖ·
 ἂ δ' ἤνεσάς μοι δεξιᾶς ἐμῆς θιγών,
 πέμπειν πρὸς οἴκους, ταῦτά μοι πρᾶξον, τέκνον,
 καὶ μὴ βράδυνε μηδ' ἐπιμνησθῆς ἔτι

Τροίας· ἄλλις γάρ μοι τεθρύληται λόγος.
 [NE.] Εἰ δοκεῖ, στείχωμεν. [ΦΙ.] Ὡ γενναῖον εἰρηκῶς ἔπος.
 [NE.] Ἀντέρειδε νῦν βάσιν σήν. [ΦΙ.] Εἰς ὅσον γ' ἐγὼ σθένω.
 [NE.] Αἰτίαν δὲ πῶς Ἀχαιῶν φεύξομαι; [ΦΙ.] Μὴ φροντίσης;
 [NE.] Τί γάρ, ἐὰν πορθῶσι χώραν τὴν ἐμήν; [ΦΙ.] Ἐγὼ παρῶν –
 [NE.] Τίνα προσωφέλησιν ἔρξεις; [ΦΙ.] βέλεσι τοῖς Ἡρακλέους –
 [NE.] Πῶς λέγεις; [ΦΙ.] εἴρξω πελάζειν.
 (Sófocles, *Filoctetes*, 1393-1408)

Em um recurso similar ao possível blefe anterior de Odisseu, Neoptólemo menciona que seria mais fácil deixar que Filoctetes permaneça sozinho em Lemnos, já que não pode persuadi-lo com palavras. O desterrado, então, cobra a promessa feita pelo jovem anteriormente de levá-lo para casa e o filho de Aquiles finalmente atende seu pedido, cedendo em seu intuito de reconduzi-lo a Troia e abrindo mão, por consequência, de todas as glórias que possivelmente conquistaria devastando a cidadela. Corajosamente o jovem aceita afastar-se de Troia e permanecer na companhia de Filoctetes, exortando-o a partir logo. O filho de Aquiles teme que a ameaça de Odisseu se concretize e que a totalidade das forças gregas o persiga e devaste Ciro. O filho de Poiante, entretanto, tranquiliza o jovem, afirmando que com ele presente no combate, ninguém poderá se aproximar. Finalmente está firmado um vínculo entre o jovem Neoptólemo e um herói mais velho, representante do mundo heroico do qual Aquiles fazia parte e que, de fato, conheceu o pai do atual rei de Ciro. Nos versos seguintes, Hércules, uma força divina que impõe ordem, reconduzirá todos a Troia, reorganizando corretamente o mito e garantindo a queda de Ílion.

Considerações Finais

O texto de Sófocles examinado nesse trabalho sem dúvida é um dos maiores feitos literários que estão disponíveis. Lemos, no *Filoctetes*, relações complexas entre personagens que precisam e dependem uns dos outros tanto para alcançar seus objetivos bem como para entenderem-se e definirem-se. É nas relações entre Odisseu e Filoctetes que o jovem Neoptólemo cresce, aprende e evolui, modificando seu comportamento e posicionamento acerca dos temas que enfrenta. Os feitos e realizações na tragédia em questão são diminutos se comparados às decisões que são tomadas. A situação potencial de Neoptólemo torna-o suscetível à influência dos outros personagens mais experientes com quem trava contato. Nesse contexto, entende-se potencial como alguém ainda não tão determinado por suas decisões anteriores. Neoptólemo está dando seus passos iniciais entre o mundo dos heróis adultos do qual seu pai fazia parte; Odisseu e Filoctetes, em contrapartida, já estão marcados pelos seus respectivos passados e decisões tomadas dentro desse grupo.

Pela primeira vez, Neoptólemo enfrenta e participa de toda a grandiosidade e ignomínia das decisões dos homens. Sua entrada no mundo adulto acontece nessa missão de resgate em que uma chaga, um mal de origem divina, tem consequências terríveis por causa das decisões humanas. Mesmo que tenha sido picado por uma serpente mítica, seu desterro na ilha de Lemnos foi determinado e decidido por seus companheiros de exército, que não consideraram válido enfrentar os riscos de ter alguém na condição de Filoctetes em seu meio, nem suportar o transtorno que tal companhia geraria. O antigo mundo homérico em que Aquiles vivia estava repleto de homens como Filoctetes, heróis que enfrentam duramente as consequências das decisões que tomam e mantêm-se firmes em suas escolhas, como as que Neoptólemo agora está tomando pela primeira vez. Para o jovem filho de Aquiles, decidir, tem sua importância amplificada quando o jovem percebe a importância e as consequências das ações humanas em seus semelhantes. Através desse processo, o jovem passa a entender mais de si mesmo e de seu papel no mundo adulto.

Neoptólemo ainda não está determinado por decisões que ele mesmo tenha tomado no passado, como estão Filoctetes e Odisseu. No começo da tragédia, o futuro do jovem é incerto

e indefinido e, durante o desenvolvimento da tragédia, o filho de Aquiles enfrenta a transição de um contexto juvenil, em que qualquer predicado ainda lhe é potencial, isto é, uma situação em que suas decisões prévias ainda não determinam suas possibilidades futuras, permitindo amplas possibilidades de escolha ao jovem para um contexto maduro, em que ao menos um predicado já foi definido por escolhas passadas, limitando assim suas possibilidades futuras de escolha. Essa transição é ainda mais importante no desenvolvimento de Neoptólemo dado o fato aparente de que trata-se da primeira instância em que o jovem precisa decidir e agir fora das fronteiras do país que possui e comanda. Não é apenas a hesitação diante de posturas éticas diferentes mas também o processo de decisão e assunção da responsabilidade pelos seus próprios atos e as respectivas consequências.

As possíveis consequências dessa decisão são seríssimas: optando pela proposta odisséica, para sempre será marcado pela suspensão da ética por um pequeno espaço de tempo para enganar um dos antigos companheiros de seu pai, a quem pretendia, de alguma forma aproximar-se, e, com isso, contraria a ética paterna de desprezo por aqueles que dizem algo diferente do que pensam. Optando, em contrapartida, pela proposta de Filoctetes, como de fato faz ao final da tragédia e só é impedido pela chegada de Hércules, para sempre será marcado pela insubordinação (da mesma forma que Aquiles insubordinou-se diante das injustiças e desmandos dos reis que lhe eram hierarquicamente superiores na organização militar), superando o asco causado pela doença e salvando um dos heróis que pretendia assemelhar-se e aproximar-se, separando-se assim das possíveis glórias militares que alcançaria na mesma guerra em que seu pai morreu. Nessa segunda alternativa, o destino de Neoptólemo seria resistir e guerrear contra a furiosa armada que provavelmente o atacará na tentativa de reconquistar as condições necessárias para a tomada de Troia.

Há uma grande semelhança nas duas tentativas de persuasão do jovem por parte de Odisseu e Filoctetes que isolam o dilema do filho de Aquiles apenas na questão ética interna. Anteriormente à crise de dor que deixa Filoctetes inconsciente, tanto o pedido de Odisseu quanto o de Filoctetes baseiam-se na suspensão, por um pequeno lapso de tempo, de algum juízo de valor do jovem no que diz respeito a alguma adversidade, seja o mal cheiro da chaga, seja a crença que qualquer dissimulação é desonrosa, para que futuramente, durante um lapso de tempo maior, seja reconhecido como mais nobre. A igualdade estrutural das duas argumentações sugerem que a própria decisão do jovem é enfatizada. Há a possibilidade de alcançar-se um bem comum, uma vitória definitiva em Troia que pouparia muitas vidas do

lado aqueu, e maior estabilidade na política interna grega. Nesse caso, Neoptólemo aproximaria-se do legado de seu pai, lutando com muitos homens que também testemunharam os feitos de Aquiles. Também há a possibilidade de que o jovem mantenha-se firme no modelo ético atribuído a Aquiles. Nesse caso, Neoptólemo também aproximaria-se do legado de seu pai, que, de forma similar, desistiu do combate por causa de uma injustiça, sacrificando o bem-estar de seus companheiros. Na postura de Aquiles na *Ilíada*, não há relativização moral; os valores em que o herói opera são absolutos. Em *Filoctetes*, Odisseu apresenta nuances de significado que permitem uma grande flexibilidade na valoração de cada decisão. A simetria das opções ressalta precisamente o livre-arbítrio de Neoptólemo que deverá basear sua escolha nas consequências futuras de suas ações presentes.

Perto do fim, pouco antes da entrada de Hércules, Neoptólemo decide reparar o que considera ter sido um erro e devolver o arco a Filoctetes. Nesse ponto, o filho de Aquiles não necessariamente teria já aceito a possibilidade de não participar dos combates em Troia e distanciar-se do legado de seu pai, visto que tenta efetivamente persuadir o arqueiro a aceitar o retorno e a cooperação com os argivos. É interessante, entretanto, o modo como Neoptólemo tenta persuadir Filoctetes. O jovem, em certa medida, utiliza recursos similares aos utilizados por Odisseu no prólogo da tragédia, atribuindo novos significados a alguns termos da obstinada recusa de Filoctetes. O filho de Aquiles faz isso, entretanto, de forma limitada, respeitando escrúpulos escolhidos por ele mesmo, diferentemente do que prega Odisseu, capaz de recorrer a quaisquer meios para alcançar o sucesso. Nesse estágio de seu desenvolvimento, o jovem finalmente conquista a capacidade de desfazer-se do que é falado pelos heróis mais velho, isto é, recusar afirmações categóricas e propôr outros sentidos ao que é dito, como faz no verso 1236 ao redefinir *κερτόμησις* proferido por Odisseu no verso anterior. A confiança do jovem é tanta que ele não demonstra medo diante da ameaça presente do filho de Laertes e sugere que Odisseu profere nada além de tolices se acredita que poderá vencer um combate contra o filho de Aquiles. A própria devolução do arco constitui-se como um recurso retórico na tentativa de persuadir Filoctetes. Devolvendo o arco, o jovem supostamente reconquista a confiança e a amizade do filho de Poiate, o que permite que Neoptólemo afaste-se da imagem de Odisseu e que seu discurso possa ser percebido como um conselho honesto e sincero. A autonomia e clareza de raciocínio é evidenciada na interdição do jovem a iniciativa de Filoctetes de matar Odisseu. Não há nenhum benefício aparente no assassinato do filho de Laertes. Ao invés disso, com Odisseu vivo, Neoptólemo ainda mantém

a possibilidade de conquistar a grande glória de persuadir Filoctetes a aderir voluntariamente ao esforço de guerra em Ílion e, com ele, devastar a cidadela. Neoptólemo chama atenção de Filoctetes para o caráter divino de seu sofrimento, atribuindo culpa ou origem à transgressão do santuário da deusa em Crisa, deixando de fazer qualquer menção ao abandono por parte dos atidas e ressalta a glória a ser conquistada na devastação de Troia. Neoptólemo revela-se um orador eloquente, capaz de destacar o que convém ao seu argumento, sem ultrapassar os limites de seu modelo ético.

No presente trabalho, tratamos do personagem Neoptólemo e como ele enfrenta as possibilidades com que se depara em um de seus primeiros contatos com o mundo externo a Ciro e com heróis adultos que tiveram mais contato com Aquiles do que ele próprio. Procuramos principalmente mostrar a evolução do personagem indeciso e infantil para um estágio posterior em que Neoptólemo aceita as consequências de suas ações e decide autonomamente como conduzir-se. A igualdade estrutural entre os argumentos que são apresentados ao jovem na tentativa de aliciá-lo para essa ou aquela causa aumenta justamente o foco sobre o jovem que precisa decidir-se entre posturas apresentadas através de discursos similares. Além das tentativas por parte de Odisseu e Filoctetes de convencer o jovem, os próprios eventos e a passagem do tempo limitam, a cada instante, as possibilidades disponíveis a Neoptólemo, confirmando que a importância e a tragicidade de sua própria escolha revela-se na tomada de consciência do caráter limitante da decisão.

Referências

AHL, F. **Sophocles' Oedipus: Evidence and Self Conviction**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

ALLEN, T. W. **Homeri Ilias**. Oxford: Clarendon Press, 1931.

AUSTIN, N. **Sophocles' Philoctetes and the Great Soul Robbery**. Madison: University of Wisconsin Press, 2011.

BAILLY, A. **Grand Bailly: dictionnaire grec français**. Paris: Hachette, 2000.

BLUNDELL, M. W. **Helping Friends and Harming Enemies: A Study in Sophocles and Greek Ethics**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1991.

BOWRA, C. M. **Sophoclean Tragedy**. Oxford: Oxford University Press, 1970.

DIO (CHRYSOSTOM). **Dio Chrysostom**. Tradução: H. Lamar Crosby. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1956. (Loeb Classical Library).

EASTERLING, P. E. Philoctetes and Modern Criticism. **Illinois Classical Studies**, v. 3, p. 27–39, 1978. Acesso em: 5/5/2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2142/11680>>.

HINDS, A. E. The Prophecy Of Helenus In Sophocles' Philoctetes. **The Classical Quarterly (New Series)**, v. 17, n. 01, p. 169–180, 1967. Acesso em: 1/7/2011. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/637778>>.

HOMER. **The Iliad of Homer and The Odyssey**. Tradução: Samuel Butler. Chicago: Encyclopædia Britannica, 1952. (Great Books of the Western World).

HOWATSON, M. C. **The Oxford Companion to Classical Literature**. Second ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

JEBB, S. R. C.; SOPHOCLES; **Sophocles: plays, Philoctetes**. Londres, Bristol Classical, 2004.

JEBB, R. C.; HEADLAM, W. G.; PEARSON, A. C. (EDS.). **The Fragments of Sophocles**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

KAMERBEEK, J. C. **The Plays of Sophocles: The Philoctetes**. Leiden: E. J. Brill, 1980.

KIRKWOOD, G. M. Persuasion and Allusion in Sophocles' "Philoctetes." **Hermes**, v. 122, n. 4, p. 425–436, 1994. Acesso em: 22/8/2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4477043>>.

KITTMER, J. Sophoclean Sophistics: A Reading of Philoctetes. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n. 34, p. 9–35, 1995. Acesso em: 1/7/2011. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40236050>>.

KNOX, B. M. W. **The heroic temper: studies in Sophoclean tragedy**. Berkeley: University of California Press, 1964.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon, Ninth Edition with a Revised Supplement**. 9th ed. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LINFORTH, I. M. Philoctetes: The Play and the Man. **University of California Publications in Classical Philology**, v. 15, No. 3, p. 95–156, 1956.

LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. **Sophoclis fabulae: recognoverunt brevisque adnotatione critica instruxerunt**. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1990.

MADDALENA, Antonio. **Sofocle**. Torino: Edizioni di filosofia, 1963.

MANDEL, O. **Philoctetes and the Fall of Troy: Plays, Documents, Iconography, Interpretations Including Versions by Sophocles, Andre Gide, Oscar Mandel, and Heiner Muller**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1981.

NUSSBAUM, M. Odysseus in Sophocles' Philoctetes. In: H. Bloom (Ed.); **Odysseus/Ulysses**,

Major Literary Characters. New York: Chelsea House Publishers, 1991. p. 203-213.

PUCCI, P.; AVEZZÙ, G.; CERRI, G; SOPHOCLES. **Filottete. Testo greco a fronte**. Milano: Fondazione Lorenzo Valla, 2003.

REINHARDT, K. **Sófocles**. Tradução: Oliver Tolle. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

ROBERTS, Deborah. Different stories: sophoclean narrative(s) in the Philoctetes. **Transactions of the American Philological Association (1974-)**, v. 119, p. 161-176, 1989.

ROBINSON, D. B. Topics in Sophocles' Philoctetes. **The Classical Quarterly (New Series)**, v. 19, n. 01, p. 34-56, 1969. Acesso em: 1/7/2011. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/637484>>.

ROISMAN, H. **Sophocles: Philoctetes**. London: Duckworth, 2005.

ROSE, Peter. Sophocles' Philoctetes and the Teachings of the Sophists. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 80, p. 49-105, 1976.

SANTOS, Fernando Brandão dos. Introdução. In: SÓFOCLES. **Filottetes**. Tradução Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

SEGAL, C. **Tragedy and Civilization: An Interpretation of Sophocles**. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.

SÓFOCLES. **Filottetes**. Tradução: Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

SÓFOCLES. **Filottetes**. Tradução: José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002.

SÓFOCLES. **Filottetes**. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOPHOCLES. **The Complete Sophocles: Volume II: Electra and other plays**. Tradução: Carl Phillips. Oxford University Press, 2009.

SOPHOCLES; AESCHYLUS; EURIPIDES; ARISTOPHANES. **Great Books of the Western World, Volume 5: Aeschylus, Sophocles, Euripides, Aristophanes.** London: Encyclopaedia Britannica, Incorporated, 1952.

SUTTON, D. F. **The lost Sophocles.** Lanham: University Press of America, 1984.

WEBSTER, T. B. L. (Ed.). **Philoctetes.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WHITBY, M. Telemachus Transformed? The Origins of Neoptolemus in Sophocles' "Philoctetes." **Greece & Rome**, Second Series., v. 43, n. 1, p. 31–42, 1996. Acesso em: 3/2/2012. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/643082>>.

WILSON, E. **The wound and the bow: seven studies in literature.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1941.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. **Sophocles: An Interpretation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980.